



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Mariana Veloso Pinto

**Prostituição De Luxo**  
**Sentidos e representações atribuídos**  
**à prostituição de luxo em contexto**  
**universitário**

**Prostituição De Luxo Sentidos e representações atribuídos**  
**à prostituição de luxo em contexto universitário**

Mariana Veloso Pinto

Uminho | 2018

Junho 2018





**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Mariana Veloso Pinto

**Prostituição De Luxo**  
**Sentidos e representações atribuídos**  
**à prostituição de luxo em contexto**  
**universitário**

Tese de Mestrado em Sociologia  
Especialidade: Organizações e Trabalho

Trabalho efetuado sobre a orientação do  
**Professor Doutor Jean-Martin Rabot**

## DECLARAÇÃO

Nome: Mariana Veloso Pinto

Endereço eletrónico: p32204@alunos.uminho.pt

Número do Bilhete de Identidade: 14827619 9 EX2

Título da dissertação: Prostituição de Luxo: sentidos e representações atribuídas à prostituição de luxo em contexto universitário

Orientador: Prof. Doutor Jean-Martin Robert

Ano de conclusão: 2018

Designação do Mestrado: Mestrado em Sociologia, na Área de Especialização em Organizações e Trabalho

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTE TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 28/06/2018

Mariana Veloso Pinto  
Nome completo

## **Agradecimentos**

“Ninguém escapa ao sonho de voar, de ultrapassar os limites do espaço onde nasceu, de ver novos lugares e novas gentes. Mas saber ver em cada coisa, em cada pessoa, aquele algo que a define como especial, um objeto singular, um amigo, - é fundamental. Navegar é preciso, reconhecer o valor das coisas e das pessoas, é mais preciso ainda.”

Antoine de Saint-Exupéry

Ao Professor Doutor Jean-Martin Rabot, pelo seu profissionalismo, pela disponibilidade que sempre teve para comigo, pelo esclarecimento de dúvidas, bem como pela partilha do seu saber. Muito obrigada pelo sentido de responsabilidade que me incutiu em todas as fases de elaboração da dissertação, pelas preciosas orientações e contribuições. Obrigada por estimular o meu interesse pela sociologia, pelo conhecimento e pela vida académica. Obrigada pela sua simplicidade, que muito admiro e estimo.

O meu profundo agradecimento a todos os aqueles que colaboraram na constituição da amostra de investigação, os estudantes universitários, porque sem eles não teria sido possível a realização deste trabalho.

À minha mãe, que sempre me falou sobre o amor incondicional e me ensinou a colocar amor no mínimo que faça. Obrigada por me ter ensinado que curvar perante as adversidades não é solução, guiando-me sempre na direção correta. Obrigada pelo incentivo no percurso deste caminho, pelas soluções simples para as minhas inquietações enormes, por ser a minha fortaleza nos momentos de angústia. Por ter feito do meu sonho o nosso sonho.

Ao meu irmão, obrigada pelo apoio incondicional, pelas palavras de conforto e segurança. Pelo incentivo em que eu fizesse sempre mais e melhor. Obrigada pelo apoio nas minhas escolhas e decisões.

À Adriana, o meu profundo agradecimento por estar presente em todos os momentos, e me ajudar a levantar nos mais complicados. À Carina, obrigada pela confiança e valorização tão entusiasta do meu trabalho. À Patrícia, obrigada por ter caminhado a meu lado. À Maria, obrigada pela proximidade, apesar da distância geográfica. À minha cunhada, obrigada pela energia transmitida ao longo deste percurso.

Ao Vasco, obrigada por toda a força anímica que meu deu ao longo da caminhada. Ao Emanuel, por ter sido ouvinte atento de algumas dúvidas, pela paciência e ajuda prestada. Ao Ricardo e ao André, o meu muito obrigada por acreditarem em tudo aquilo que sou no mínimo que faço, o vosso apoio foi fundamental.

A todos os restantes familiares e amigos, o meu muito obrigada.

## **Resumo**

O objetivo geral desta tese é conhecer o que os estudantes universitários, mais concretamente estudantes da Universidade do Minho, pensam sobre a prostituição (feminina) de luxo, bem como saber se conhecem qual o modelo legal em vigor da prostituição em Portugal e se concordam com o mesmo. Como forma de obter essas significações, optamos por uma metodologia qualitativa e escolhemos a técnica das entrevistas semiestruturadas, aplicadas aos universitários.

O modelo legal em vigor da prostituição em Portugal é diferente dos outros países europeus. Legalmente, quanto à prática da prostituição, Portugal, dentro dos sistemas existentes, encontra-se mais próximo do sistema abolicionista.

A prostituição foi adquirindo, ao longo da história, distintos sentidos e significados, dado ser um fenómeno social simultaneamente perene e controverso. Existiram momentos em que era associada a algo divino e a poderes sagrados, e outros momentos em que era vista como a causadora de inúmeras doenças e associada a um trabalho não digno. Na atualidade, dividem-se as opiniões sobre aquilo que os atores sociais pensam da prostituição de luxo.

No caso dos estudantes da Universidade do Minho, conseguiu-se estabelecer um padrão daquilo que uma prostituta de luxo representa, bem como do conhecimento dos mesmos quanto ao modelo legal em vigor da prostituição em Portugal.

Palavras-chave: prostituição de luxo; estigmatização; representações; ilegalismos.



## **Abstract**

The main goal of this thesis is to assess what university students, specifically students from the University of Minho, think about luxury (female) prostitutes, if they know the current legal model in place for prostitution in Portugal, and if they agree with it. To obtain this information, semi-structured interviews were conducted with university students.

The legal model in place for prostitution in Portugal is different from other European countries. Legally, the practice of prostitution, in Portugal, within existing systems, is closer to the abolitionist system.

Throughout history, prostitution acquired different meanings, given that it is a slightly controversial social phenomenon. There were times when it was associated to something divine and sacred powers, while in other times it was viewed as the cause of innumerable diseases and an unworthy job. Currently, opinions are divided regarding what social actors think about luxury prostitution.

Regarding students from the University of Minho, it was possible to establish a pattern of what a luxury prostitute represents and of what these students knew about the legal model in place for prostitution in Portugal.

**Keywords:** luxury prostitution; stigmatization; representations; illegalities.



## Índice

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. PÓS-MODERNIDADE E SEXO .....	5
3. MODELO LEGAL EM VIGOR DA PROSTITUIÇÃO EM PORTUGAL .....	11
4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO .....	15
4.1. PROSTITUIÇÃO .....	18
4.1.1. <i>Luxo e Prostituição de luxo</i> .....	22
4.1.2. <i>Prostituição de Luxo em Contexto Universitário</i> .....	29
5. MOTIVAÇÕES DA PROSTITUIÇÃO .....	31
5.1. FINALIDADE MONETÁRIA.....	37
6. FORMAS DE DIVULGAÇÃO DO TRABALHO .....	39
7. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	41
7.1. ESTIGMATIZAÇÃO SOCIAL.....	46
8. TIPO DE CLIENTES DAS PROSTITUTAS DE LUXO .....	55
9. ANÁLISE DE ARTIGOS DE JORNAIS RELATIVOS A PROSTITUIÇÃO .....	57
10. METODOLOGIA .....	59
11. ANÁLISE DE CONTEÚDO .....	67
11.1. CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA .....	69
11.2. GRELHA DA ENTREVISTA .....	70
11.3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	73
11.3.1. <i>Modelo legal em vigor da prostituição em Portugal</i> .....	73
11.3.2. <i>Representação social das prostitutas de luxo</i> .....	75
11.3.3. <i>Traços físicos e psicológicos das prostitutas</i> .....	75
11.3.4. <i>Motivações de entrada na prostituição</i> .....	77
11.3.5. <i>Finalidades que as prostitutas atribuem ao dinheiro que auferem</i> .....	79
11.3.6. <i>Possibilidade de regresso ao mercado de trabalho numa profissão normal</i> .....	81
11.3.7. <i>Estigmatização social da prostituição de luxo, dificuldades e/ou facilidades da mesma</i> .....	83
11.3.8. <i>Diferenças entre uma prostituta de luxo e uma prostituta de rua</i> .....	86
11.3.9. <i>Representação social dos clientes que frequentam as prostitutas de luxo</i> .....	89
11.3.10. <i>Formas de divulgação do trabalho</i> .....	91
11.3.11. <i>Existência de Prostitutas de luxo no mundo universitário</i> .....	92
11.4. LIGAÇÕES ENTRE SUBDIMENSÕES DE ANÁLISES .....	93
12. CONCLUSÃO .....	97
13. BIBLIOGRAFIA .....	101
14. ANEXOS.....	109
14.1. SINOPSE DAS ENTREVISTAS.....	109

## Índice de tabelas

Tabela 1 - Caracterização da amostra.....	70
Tabela 2 - Grelha da Entrevista .....	72
Tabela 3 - Sinopse das entrevistas .....	136

## Índice de figuras

Figura 1 - Modelo de análise .....	68
------------------------------------	----



## **1. Introdução**

A prostituição tem-se tornado um problema sociológico, na medida em que a sociedade e as próprias instituições não têm conseguido dar resposta nem solução a este problema social. Para os cientistas sociais, “a prostituição não é uma opção fácil de investigação, não só pela dificuldade de acesso aos próprios protagonistas como também pelas eventuais ameaças e perigos que pode suscitar a partir do submundo fechado e subterrâneo, paralelo e/ou clandestino em que os seus organizadores operam” (Grosso, 2009, p.14). Assim, atendendo à dificuldade que seria um estudo que envolvesse o contacto direto com protagonistas da prostituição, e tendo interesse em estudar este fenómeno social, decidi com esta atividade de investigação conhecer quais as representações sociais da prostituição de luxo nos estudantes universitários. O facto de me versar neste projeto sobre a prostituição de luxo deve-se a considerar ser o tipo de prostituição mais camuflado.

Em virtude da originalidade do tema de estudo, espera-se contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico na área da prostituição de luxo, dado que apesar de ser um tema já alvo de estudo e de teses de mestrado e doutoramento, não muitas versam em específico sobre a prostituição de luxo, e menos ainda (ou são até mesmo inexistentes) as teses de mestrado que versam sobre qual a visão dos estudantes universitários sobre este fenómeno social.

O objetivo desta dissertação é analisar as representações sociais que os estudantes universitários têm das prostitutas e da prostituição e a perceção de preconceito e estigmatização por parte dos mesmos, e como essas representações impactam as perceções de si e das prostitutas.

Para se entender como essas mulheres se situam no cenário social, é necessário discutir as representações sociais enquanto formas de construção e reprodução de ideias, valores e imagens da sociedade.

Esta dissertação tem dois objetivos principais, um deles saber se os estudantes universitários conhecem qual o modelo legal em vigor da prostituição em Portugal, bem como perceber se concordam com o facto de quanto à legalização da prostituição, Portugal se encontrar mais próximo do Sistema Abolicionista. Como referido anteriormente, outro dos principais objetivos é conhecer quais os sentidos e representações atribuídos à prostituição pelos estudantes universitários, assim como conhecer qual o significado da prostituição de luxo para os mesmos.

Pretende-se também conhecer o que na perspetiva dos estudantes motiva um indivíduo a enveredar pela prostituta de luxo, como saber qual a finalidade que as prostitutas atribuem ao dinheiro que auferem.

Outro dos objetivos é saber se os estudantes estigmatizam a prostituição, e se sim, compreender o processo de estigmatização da prostituição.

Pretende-se também conhecer qual a perceção que os estudantes têm sobre a facilidade ou dificuldade da vida de prostituta de luxo e porquê.

Procura-se igualmente saber se os estudantes consideram que é exequível os acompanhantes de luxo voltarem a ter outra profissão se pretenderem abandonar a prostituição.

Outro dos objetivos é perceber se existe um padrão ao comparar uma prostituta de luxo comparativamente a uma que não o é.

Procura-se também saber qual o tipo de clientes que frequentam a prostituição de luxo na opinião dos estudantes universitários.

Pretende-se conhecer quais as formas de divulgação do trabalho da prostituição.

Por último, procura-se saber se os estudantes universitários consideram existir prostitutas de luxo no mundo universitário.

O ponto de partida deste trabalho foi o levantamento de estudos realizados sobre a prostituição. Dividi os estudos realizados que me pareceram mais pertinentes por subtemas, nomeadamente a pós-modernidade e o sexo, por forma a perceber se existe uma mudança de pensamento sobre as questões sexuais com o surgimento da pós-modernidade. Segue-se o modelo legal da prostituição em Portugal, de maneira a entender qual a posição legal de Portugal quanto a este fenómeno social. A contextualização da prostituição também se encontra presente no estado de arte, dada a importância de saber como se foi desenrolando um determinado fenómeno desde o passado até à atualidade, por forma a entender-se as mudanças, caso existam. Na parte teórica relativa à prostituição, apresentei algumas definições do que a mesma significa e representa. Segue-se para o luxo, a contextualização do mesmo ao longo da história e a forma como este se estendeu para a prostituição, passando a existir a prostituição de luxo. Dado que todos os fenómenos sociais existem por algum motivo, importa também referir e compreender quais as motivações da prostituição. As finalidades atribuídas ao dinheiro que as prostitutas recebem foram também enunciadas neste projeto. Considerando-se a hipótese de existirem prostitutas no meio universitário e tendo a oportunidade de ter como entrevistados os mesmos, foi também uma parte do estado de arte dedicado a este tipo de

prostituição. Os meios através dos quais a prostituição é divulgada foram também analisados. Como base para aquilo que são os sentidos atribuídos à prostituição de luxo, enunciei alguns estudos sobre aquilo que são as representações sociais e a estigmatização. Os tipos de clientes que frequentam as prostitutas de luxo foram também analisados, por forma a saber-se um pouco mais sobre este grupo social, tão pouco abordado em estudos relativos à prostituição. Posteriormente, apresentei os resultados obtidos com as entrevistas e fiz a análise e discussão dos mesmos, tecendo comparações destes com a bibliografia analisada anteriormente.



## 2. Pós-modernidade e Sexo

Michel Maffesoli considera que ao longo de todo o século XIX e de boa parte do século XX a técnica se empregava, essencialmente, para racionalizar a vida social e eliminar tudo o que pudesse ser da ordem do emocional, do afetivo e das paixões (Castello, 2012, p.1). Para o sociólogo a técnica não determina os usos sociais, são os modos de vida e o ambiente da época que ditam o uso das tecnologias. E, paradoxalmente, as novas tecnologias tornaram-se auxiliares à expressão de novas formas de viver. A expressão imediata das emoções, a comunhão de sentimentos e de afetos são lançados pelo uso das redes sociais. A Internet é uma média adaptada à nossa época relativista e relacionista, presenteista e hedonista (Eichemberg;2014, citado por Castello, 2012, p.1). No entanto, considera que hoje acontece o oposto, dado que essa mesma técnica promove o retorno dos afetos (Castello, 2012, p.1). Maffesoli considera que o imaginário não se opõe à razão. Para o autor, uma das características mais importantes da pós-modernidade é a ligação entre razão e sentido. Retorna-se, assim, no mundo pós-moderno uma concepção do mundo mais "holística", na qual existe uma interação entre o material e o espiritual. Michel considera tal sinergia de "ecosofia". Ela obriga-nos a ultrapassar a noção de sujeito para considerar a de comunidade. E força-nos, ainda, a alargar a nossa visão do humano. Podemos, assim, hoje falar de um "humanismo integral", isto é, de um humanismo que integra os diversos elementos de sentido que, até agora, eliminamos.

Segundo Michel Maffesoli, o facto de priorizarmos o racionalismo, o desenvolvimento tecnológico e a sociedade industrial conduziram-nos à assepsia social, o que nos levou a um isolamento exacerbado e à solidão. Hoje assistimos, porém, a esse movimento contrário de "reencantamento do mundo". Trata-se de uma evolução que nos força a não reduzir a "realidade" a uma dimensão puramente econômica e funcional. Mas conduz-nos, ao contrário, a um real muito mais largo e a uma concepção muito mais integral da pessoa humana, e não do indivíduo (Castello, 2012, p.1).

Assim, Maffesoli considera que a nossa época vive uma mudança de paradigma, de mudança de sistema de valores. Traduz isso pela metáfora da passagem do "homo economicus" ao "homo eroticus". Esta não se refere, para o autor, a um erotismo no sentido realista do termo, mas sobretudo a um significado "erótico social". O "homo economicus" encarnava os últimos séculos, centrados na produção e no crescimento econômico, na mercantilização das trocas, toda uma vida voltada para a acumulação do

patrimônio. Já o indivíduo pós-moderno não se define pelo seu status social ou profissional, pelo seu nível econômico e de formação, mas essencialmente pela sua relação com o outro. É este relacionismo que constitui a característica essencial do “homo eroticus”: “eu vivo e sinto pelo e graças ao outro” (Eichemberg;2014, citado por Castello, 2012, p.1).

Em todas as sociedades, existem normas sexuais que aprovam algumas práticas ao mesmo tempo que desaconselham e condenam outras. Os membros de uma sociedade aprendem estas normas através da socialização. Nas últimas décadas, por exemplo, as normas sexuais nos países ocidentais têm estado associadas a ideias de amor romântico e de relações familiares (Giddens, 2008, p.125).

No entanto, encontrando-se a sociedade a viver o período da pós-modernidade, caracterizado pelo desprendimento, pela fragilidade das relações sociais e até mesmo pela sua forma descartável, não é difícil entendermos a presença da prostituição neste período. Na óptica de Zygmunt Bauman (2004), a sociedade pós-moderna caracteriza-se pela existência de um “Amor Líquido”. Para Zygmunt Bauman, há assim na atualidade uma ausência de comprometimento social. As relações misturam-se e condensam-se com laços momentâneos, frágeis e volúveis. Assim, o sociólogo considera que vivemos em tempos líquidos, sendo que nada é feito para durar. O facto de existirem dificuldades de comunicação afetiva, demonstra que apesar dos atores sociais se quererem relacionar, não conseguem. A causa pode estar relacionada com o medo ou a insegurança. Para o sociólogo polaco, vivemos num mundo de incertezas, em que está cada um por si. Existem relacionamentos instáveis, pois as relações humanas estão cada vez mais flexíveis. As pessoas, acostumadas a com o mundo virtual e com a facilidade de “desconectar-se”, não conseguem manter um relacionamento de longo prazo. Existe, assim, a predominância de um amor criado pela sociedade atual (modernidade líquida) para tirar-lhes a responsabilidade de relacionamentos sérios e duradouros. As pessoas são quase que tratadas como bens de consumo, ou seja, caso haja defeito descarta-se. O romantismo do amor parece estar fora de moda, o amor verdadeiro foi banalizado, diminuído a vários tipos de experiências vividas pelas pessoas as quais se referem a estas utilizando a palavra amor. Noites descompromissadas de sexo tornam-se banais. Existe cada vez menos o compromisso de amar.

Para Maffesoli (1997), reina na atualidade um sentimento de estar-junto, as pessoas partilham sentimentos e fazem com que reine o corpo coletivo. Cada um defende o direito de ter os seus valores, sem que os demais tenham que adorá-los. Na ótica de Maffesoli,

transportando estas ideias para o plano sexual, o mesmo significa que a pessoa não se relaciona com um só parceiro, tendo mais do que um parceiro sexual ao longo da sua vida. Isto apesar de antes ser tido como ponto negativo, hoje vai sendo aceite. Segundo Maffesoli (1997) a moral é de carácter individual: cada um tem a sua. Pelo contrário, a ética, que está relacionada com a estetização generalizada da vida, diz respeito ao coletivo.

Para Bauman “A relação amorosa entre os indivíduos, que tem vindo a repetir a própria dinâmica da sociedade, é marcada pela ausência do compromisso e da norma ou orientada por uma norma liquefeita, marcada pelo efémero, pelo momentâneo, pelo incerto. O amor líquido representa um novo paradigma das relações e da sociedade que repele tudo o que é sólido e duradouro, tudo que não se adapta à utilização imediata. Num mundo líquido, o amor tem que ser também diluído, porque desse modo pode ser melhor aproveitado.” Como tal, existe uma relação entre o facto de a sociedade pós-moderna se caracterizar pela existência de um “Amor Líquido” e a existência da prostituição se revelar cada vez mais propícia do que outrora, uma vez que a “a relação sexual comercial habitual é uma relação rápida e, por norma, desprovida de afeto” (Jornal de Notícias, 2009). Assim, a prostituição caracteriza-se por tudo aquilo que caracteriza a pós-modernidade, uma vez que está associada a tudo o que é “imediató, provisório, superficial, descontinuado e desresponsabilizado” (Nadais et al, 2012, p.151).

Simmel (1993, p.10) vê na prostituição uma grande forma, ou seja, uma forma constante de toda a sociedade e de todos os tempos. Pois, considera que “enquanto houver o dever da fidelidade e o casamento monogâmico, haverá sempre prostituição (Silva, 2011, p.10).

Como tal, nas sociedades pós-modernas, “os relacionamentos, as pessoas, tornam-se descartáveis, tal e qual uma mercadoria; caso não agrade o consumidor, ele deve buscar outra, outra e outra, e, assim, a superficialidade desse relacionamento vai-se instalando” (Guimarães, 2008, p.2). Como consequência, há um encolhimento das relações humanas, da emotividade e a falta de desejo de estabelecer vínculos amorosos. Além disso, a pós-modernidade carrega consigo uma cultura do narcisismo e do espetáculo, na qual o individualismo e o autocentramento do sujeito adquirem proporções enormes (Guimarães, 2008, p.2). O indivíduo da atualidade procura apenas a exaltação do eu, e para isso utiliza-se de todo e qualquer modo de aparecer no cenário social, seja através da estetização da sua aparência, seja através do uso do outro como fonte do próprio prazer. “Dessa forma, o que está em jogo na vida do sujeito da atualidade é a sua exterioridade, sua imagem. Ao buscar admiração, o indivíduo goza com o olhar do outro e não com o

outro. É dessa perspectiva que focamos o fenômeno da prostituição a partir de três eixos distintos: como um trabalho, como uma busca de prazer e como uma manifestação sexual” (Guimarães, 2008, p.2). Assim, a satisfação aqui é totalmente narcísica, sendo que aquele que não se enquadra neste novo meio de sociabilidade sofreria por não alcançar esta exaltação da imagem de si, ou seja, uma sociedade do espetáculo que, é a própria sociedade de consumo, o mecanismo que garante ao sujeito a visibilidade necessária para que ele exista socialmente (Guimarães, 2008, p.218).

Segundo o autor, a liquidez moderna conduz-nos à velocidade, à novidade; à rotatividade de bens. É a meta do consumidor tornar-se uma medida para o sucesso. O mesmo pode ser dito sobre a questão amorosa e sexual onde o sexo puro é construído tendo-se em vista uma espécie de garantia de reembolso e os parceiros de encontro puramente sexual podem se sentir seguros conscientes de que a inexistência de restrições compensa a perturbadora fragilidade de seu engajamento (Bauman, 2004, p.68 Citado por Guimarães, 2008, p.14).

Bauman (2004) também afirma que na relação homem/mulher na contemporaneidade, o importante é manter curto cada jogo, isso significa precaver-se com os compromissos de longa duração. O importante é não jurar lealdade a nada e a ninguém para deixar livre o caminho. O que podemos concluir, a partir daí, é que os relacionamentos-relâmpago seriam uma forma nova de se envolver emocionalmente, buscando o não-comprometimento com o outro no contexto da atualidade. Ou seja, ao trocar constantemente de parceiros, tem-se a ilusão de se eliminarem os problemas. Como resultado de tudo isso, o autor conclui que acontece um encolhimento das relações humanas, da intimidade, da emotividade e a falta de desejo de manter um relacionamento de longo prazo.

Essas tendências consideradas pós-modernas dão destaque ao chamado sexo frágil, permitindo o surgimento de diversidades, de heterogeneidades e de diferenças, resultando em discussões sobre os direitos e deveres dos atores sociais, culminando no aparecimento das desigualdades. Além disso, essas mudanças trouxeram uma maior flexibilidade das relações afetivo-sexuais, não sendo mais necessário obedecer a regras e padrões antes vigentes (Bauman, 2004, p.31).

Corroborando essa noção da rapidez dos relacionamentos na hipermodernidade, Bauman (2004, p.22), um sociólogo dedicado ao estudo de questões atuais, aborda a questão da flexibilidade das relações amorosas no momento em que vivemos. O autor levanta um ponto importante ao constatar que a frase “até que a morte nos separe” parece

estar um pouco fora de moda, visto que temos a impressão de que nossos próximos amores podem ser ainda mais fortes que os do presente e que nem chegarão aos pés dos relacionamentos que ainda estariam por vir num futuro não muito distante. Para o autor, a fluidez, a fragilidade e a flexibilidade marcam as parcerias fracas.

No seu artigo “La prostitution comme forme de la socialité” Michel Maffesoli considera que o verdadeiro motor da história é o sexo, e não o trabalho. Por um lado, há uma erotização do social, patente em quase todas as dimensões da vida humana, inclusive aquelas que dizem respeito à religião, e por outro lado, a prostituição representa um dado constante da experiência humana, um resíduo no sentido de Vilfredo Pareto, como no-lo testemunham os dois excertos que seguem: “Uma análise sociológica das peregrinações a Lurdes, por exemplo, permite explicar a atração que esta cidade tem na mente dos incrédulos mas sensíveis a certos valores sensuais” (1997, p.37) e: “a título de exemplo, pode-se recordar que nos templos gregos, a prostituição sagrada se fazia publicamente mostrando que o acasalamento entre sexos era normal” (1997, p.38). Maffesoli considera que a prostituição é uma forma de socialização e que não se restringe a um grupo social em específico: “Uma comparação entre Shiva e Dionísio e Alain Daniélou mostra que a prostituição sagrada, não tendo finalidade procriativa, permite um êxtase erótico ao indigente, ao monge e ao homem casado” (1997, p.37).

Como no-lo mostra Silva, Giddens (1996, p.15, citado por Silva, 2017, p.1) ) salienta a forma como nas sociedades modernas a sexualidade, “a mais do que um mero conjunto de imperativos biológicos que podem ou não encontrar satisfação direta, é referenciada a uma progressiva diferenciação entre o sexo e as exigências da reprodução. A sexualidade feminina foi reconhecida e imediatamente reprimida, sendo tratada como origem patológica da histeria.”



### **3. Modelo legal em vigor da prostituição em Portugal**

Portugal, à semelhança de outros países europeus, foi alternando a forma como perspetivava a prostituição, o que se refletiu na forma como a foi legislando. Para definir o panorama legislativo que, no nosso país, se aplicou ao fenómeno da prostituição, apresentam-se os quatro momentos referidos por Oliveira (2009), cada um dos quais com características e medidas próprias. O primeiro momento, denominado pela autora como Legislação avulsa e pré-regulamentarismo, decorreu desde a fundação de Portugal até 1853. Tratou-se de um período que se caracterizou por uma série de iniciativas legislativas que alternavam entre a permissividade e a condenação das práticas de prostituição e em que “os monarcas e seus legisladores, assim como a Igreja, seguiram titubeantes entre a moral e os bons costumes e as suas necessidades sexuais ilegítimas” (Oliveira, 2009, p. 21; citado por Cunha, 2012, p.37). O Regulamentarismo, de 1853 até 1962, período motivado pela propagação da sífilis, resultou na aplicação de uma série de medidas que visavam controlar as atividades de prostituição e as prostitutas, através de regulamentos minuciosos que determinavam, entre outros aspetos, que as prostitutas deveriam possuir uma caderneta individual de identificação e ser sujeitas a exames médicos periódicos. O Proibicionismo corresponde ao período compreendido entre os anos de 1963 a 1982. A publicação do Decreto-Lei n.º 44579, de 19 de Setembro de 1962, vinha proibir o exercício da prostituição a partir de 1 de Janeiro de 1963, sendo o mesmo punível com pena de prisão. Porém, esta medida não acabou com a prostituição em Portugal, vindo somente piorar as condições de trabalho das mulheres, obrigando-as a exercer esta atividade escondidas da polícia. No ano de 1982, a publicação do Decreto-Lei n.º 400/82 vem revogar o artigo 1.º de lei de 1962 que proibia o exercício da prostituição. Assim, a 1 de Janeiro de 1983, entra em vigor a despenalização da prostituição e com ela a criminalização do lenocínio, situação que se mantém até à atualidade. No entanto, esta situação não legaliza a prostituição, apenas não criminaliza o seu exercício (Manita & Oliveira, 2002; Oliveira, 2004; Ribeiro et al, 2005; citados por Cunha, 2012, p.38).

A prostituição é seguramente um fenómeno duradouro, que resiste às tentativas do governo para o eliminar. Trata-se quase sempre de uma situação em que as mulheres vendem favores sexuais a homens, e não o inverso.

A prostituição em Portugal não é uma atividade ilegal, de acordo com o código penal. No entanto, não é permitido a um terceiro lucrar, promover encorajar ou facilitar a

prostituição. Deste modo, é proibida a prostituição organizada tal como os bordeis, grupos de prostituição ou outras formas de proxenetismo (Wikipedia, Prostituição em Portugal, 2018). Embora o número de homens e mulheres envolvidos na atividade seja difícil de estimar, em meados de 2000, o número de prostitutas rondava os 28.000, das quais cerca de 50% eram estrangeiras (Wikipédia, Prostituição em Portugal, 2018).

Assim, Portugal é um país em que a prostituição não é proibida, ou seja, os clientes e os trabalhadores do sexo não são alvo de punição, mas são criminalizadas atividades relacionadas, como a gestão de bordeis ou a prática de lenocínio.

Os trabalhadores que defendem a prostituição como um trabalho, afirmam que a prostituição, embora seja não desejável, assume uma função social, e, portanto, deve ser alvo de regulamentação e de controle do Estado a fim de proteger a ordem e a saúde pública. Alguns países adotaram essa abordagem visando diminuir crimes associados, como crime organizado, corrupção policial, prostituição infantil e tráfico de seres humanos para fins de comércio sexual. São casos paradigmáticos desse sistema a Alemanha e a Holanda (Mossman, Citado por Graça e Gonçalves, 2016, p.453).

Quanto ao regime legal, existem três modelos que enquadram legalmente a prostituição: o proibicionismo, o regulamentarismo e o abolicionismo : “O proibicionismo entende as pessoas que vendem serviços sexuais como delinquentes e criminaliza-as. O regulamentarismo concebe a prostituição como devendo ser regulada pelo Estado, geralmente em nome da ordem e da saúde públicas (Oliveira, 2017, p.1).

Dentro destes três regimes, Portugal encontra-se mais próximo do regime abolicionista, dado que na base da lei penal portuguesa se pune quem incentivar o exercício da prostituição com intenção lucrativa. A atividade de prostituição entre adultos em Portugal não é considerada ilegal por si só, não incorrendo em penas nem aos clientes, nem às pessoas que se prostituem. No entanto, o fomento à prostituição ou a recolha de lucros pela atividade de prostituição de terceiros é considerado crime de lenocínio, punível com prisão. Ou seja, apesar de em Portugal a prostituição não ser crime, o lenocínio é, havendo por isso alguns estudos que caracterizam o modelo português como semi-abolicionista.

Embora esta lei tenha como intuito a proteção de mulheres da exploração sexual por parte de terceiros, na prática invalidam também que as pessoas que se dedicam à prostituição se possam organizar entre si, quer em grupos de apoio (exceto em situações específicas em que seja claro que não há nenhuma promoção da prostituição), quer para coordenação comercial (Wikipedia, 2018, p.1).

A *Rede Sobre Trabalho Sexual* espera que haja “um debate sério e amplo que possa vir a resolver o vazio legal” e “que proteja e assegure os direitos” das pessoas que se prostituem. Com esta lei pretende-se defender a descriminalização. Isto é, o lenocínio deixaria de ser crime. No Código Penal ficaria apenas o que não corresponde à transição comercial, entre adultos, com consentimento, como é o caso da coação, da violação, e do tráfico de pessoas (*Jornal de Notícias, 2017*).

Alexandra Oliveira (*Jornal de Notícias, 2017*) considera estar distante a legalização da prostituição em Portugal, dado que tanto a CGTP como a UGT se manifestam contra a possibilidade de as prostitutas se sindicalizarem, alegando que não é uma atividade compatível com a dignidade humana. A autora defende ainda um sistema regulamentarista da prostituição em Portugal, que entende a mesma "como actividade profissional a ser regulada tal e qual como as outras profissões. Portugal, ao regulamentar a prostituição, contribuiria para a destigmatização, porque ao encarar o trabalho sexual como profissão, ao legitimar uma função que já existe, a tendência será vê-la menos negativamente. Porque o posicionamento ideológico de grande rejeição da prostituição leva a tratar as pessoas que a exercem como se não existissem." Para Alexandra Oliveira, a sociedade tem uma posição dupla relativamente à prostituição, pois " por um lado, sabe que existe e usufrui; por outro, rejeita reconhecimento."

No livro “mulheres de vida, mulheres com vida” rejeitam-se as posições quer abolicionistas quer proibicionistas, tentando compreender o fenómeno da prostituição nas mais diversas vertentes (Ribeiro; Silva, 2010, p.3).

Resumindo, quanto à legalização da prostituição, tal como referido anteriormente, Portugal não assumiu qualquer posição relativamente a esta matéria. Não se criminaliza a atividade, mas também não se legalizou a mesma. A legislação criminaliza somente quem auferir proveitos económicos resultantes da prostituição praticada por terceiros. Nas ruas às casas de alterne, a GNR e a PSP podem apenas tentar procurar estabelecer “a legalidade possível”, atuando contra a prática de lenocínio, emigração ilegal e eventual falta de licença do estabelecimento. Relativamente à prostituição de rua, estas prostitutas apenas podem enfrentar a acusação de atentado ao pudor.

Assim, considerando-se a prostituição como um fenómeno social universal, independentemente da sua legalidade ou não, admite-se existirem inúmeras vantagens com a sua legalização, dado a prostituição dizer respeito não só aos seus intervenientes diretos, como também com a sociedade no geral. Assim, com a sua legalização as prostitutas(os) poderiam passar a beneficiar de um sistema de saúde adequado à sua

profissão, o que se traduziria em benefícios pessoais para a prostituta, através do acesso a cuidados de saúde pessoais, bem como benefícios públicos dado que os seus clientes não estariam tão expostos às doenças sexualmente transmissíveis. Além dos benefícios em termos de saúde, também se verificam benefícios em termos económicos com a legalização da prostituição, dado que as prostitutas(os) se tivessem a sua profissão legalizada, poderiam passar a fazer descontos e contribuir para o Produto Interno Bruto do país em que é exercida.

Alexandra Oliveira (*Diário de Notícias*, 2016) defende a prostituição como uma profissão “Não como as outras, mas com os mesmos direitos”, não a existência de uma lei “O que demonstram os meus estudos, os meus e de outros investigadores, é que as pessoas podem e optam por fazer esse trabalho”

#### 4. Contextualização da Prostituição

No passado, a prostituição era praticada por meninas como uma espécie de ritual de iniciação quando atingiam a puberdade. No antigo Egito, na região da Mesopotâmia e na Grécia, a prostituição representava uma prática de ritualização. Assim, a prostituição era considerada como uma ocupação respeitada e inclusivamente associada a poderes sagrados. Depois, a prostituição passou a ser estigmatizada com o encerramento dos templos, dado o surgimento do Cristianismo, em que se passou a controlar a prostituição, devido não só à moral cristã, como também a um surto de doenças sexualmente transmissíveis, como a sífilis.

Pode-se considerar que “A prostituição tem sido, ao longo dos anos, encarada de forma dupla, sendo simultaneamente alvo de recriminações e considerada útil. Tem-se assistido mesmo a movimentos de tolerância e de aceitação da prostituição intercaladas com atitudes condenatórias e tentativas de abolição” (Feminina, citada por Grosso, 2009, p.10). Atualmente, a prostituição é reprovada em muitas sociedades, devido a ser contra a moral dominante, à disseminação de doenças sexualmente transmissíveis (DST), e ao impacto negativo na estrutura da família (independentemente do estado civil dos clientes).

Na obra *História da sexualidade*, Foucault (1998) considera que no mundo ocidental, durante os séculos XVIII e XIX, a identidade das pessoas começou a estar cada vez mais relacionada com a sua sexualidade, o que poderá ter contribuído o facto de a partir do séc. XVIII se verificar uma proliferação de discursos sobre sexo. O autor considera ainda que a sexualidade é socialmente construída e que a sociedade capitalista relaciona prazer e poder.

Estas alterações ao longo da história sobre as representações sociais da prostituição podem dever-se às mesmas serem “resultado, de um lado, da reapropriação de conteúdos vindos de períodos cronológicos distintos e, de outro, daqueles gerados por novos contextos” (Moscovici, 2003, p.58) dado que todos os aspetos que envolvem a vida de um sujeito, inclusive o momento histórico-cultural em que o sujeito está inserido são, de certa forma, formadores das representações sociais que este formulará a respeito dos fenómenos sociais que fazem parte do seu contexto.

De acordo com a linha de pensamento de Denise Jodelet, estas diferenças de representações sociais ao longo da história podem dever-se ao facto de “as representações sociais serem uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma

visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Apud Sá, 2004, p. 32, citado por Wikipedia, 2018).

Ao longo da história, a prostituição foi encarada de diversas formas, dependendo do contexto social, político e moral em que se encontra inserida. A leitura dessa prática como algo aceito, tolerável, suscetível de vigilância/controlado ou como alvo de punição jurídica e/ou social depende da influência de discursos patriarcais, judaico-cristãos, moralistas, higienistas, de despenalização, entre outros, conforme seja útil ou não para o regime político vigente (Graça e Gonçalves, 2016, p.449)

“Na maioria das vezes associada ao comportamento desviante e ao crime, a prostituição conheceu, em seus primórdios, a aceitação social, não estando vulnerável a processos de exclusão, discriminação ou estigmatização. De acordo com Roberts (1996) foi com o declínio do matriarcado e a divisão entre as mulheres conforme o seu comportamento sexual que a visão sobre a prostituição assumiu outras conotações” (Graça e Gonçalves, 2016, p.449)

Embora a literatura feminista seja bastante rica, multiplicando-se em diversas perspectivas sobre a prostituição, como demonstra Bromberg (1998), sobressai a dicotomia antagônica, ora como crime, ora como trabalho. Na base dessas concepções, encontra-se, de forma mais ampla, o entendimento de ambas as partes quanto a sexualidade e ao corpo. “Na primeira situação, o corpo da mulher é percebido como um objeto sexual que satisfaz as necessidades sexuais dos homens dentro de uma heterossexualidade legítima de opressão patriarcal, na segunda, é sujeito sexual, considerando a procura e a obtenção do prazer, a liberdade e o poder” (Sanders, O’neill e Pitcher, 2011; Weitzer, 2009, 2010; Piscitelli, 2005, citado por Graça e Gonçalves, 2016, p.452).

Para compreender a prostituição, é necessário retomarmos como se dá a construção da sexualidade ao longo dos tempos, com o objetivo de construirmos conhecimento mais acurado a respeito da sexualidade na atualidade.

Na segunda metade do século XX, acontece nas sociedades ocidentais uma verdadeira revolução nas relações homem/mulher e no papel social feminino. A introdução da pílula anticoncepcional no mercado, na década de 1960, propicia a separação entre ato sexual e procriação, trazendo importantes transformações, como a libertação da mulher em relação à gravidez indesejada e a possibilidade da conquista de maior igualdade em relação ao homem.

Dessa forma, a sexualidade estaria relacionada com poder, como um dispositivo social de controle sobre as pessoas. Para Foucault (1998), a sexualidade humana não deve ser concebida como um dado da natureza que o poder tenta reprimir; deve ser encarada como produto do encadeamento da estimulação dos corpos; da intensificação dos prazeres; da incitação ao discurso; da formação dos conhecimentos e do reforço dos controles e das resistências. Sendo assim, a sexualidade é socialmente construída e designa uma relação de poder. Porém, a partir dessas posições estigmatizadas e pejorativas, a prostituta passa a exercer uma função social de reserva de gozo do mercado do sexo; por outras palavras, ela oferecia o prazer sexual aos homens de forma controlada e disciplinada. Birman (1997, p.112, citado por Guimarães, 2008, p.31) complementa a ideia ao expor que: a medicalização da prostituição, mediante medidas sanitárias bem precisas, visava tornar a figura da prostituta compatível com a sua função social, esvaziando-a da sua periculosidade essencial. Dessa forma, “essas mulheres tinham um local determinado para exercerem os seus trabalhos sexuais, sendo submetidas ao controle médico para evitarem as doenças venéreas, e os homens que iriam até elas descarregariam o seu tesão sem oferecer perigo à ordem social e familiar. Além disso, vale destacar que tal dinâmica se consolidou em virtude dos esforços efetuados pela saúde pública e a medicina social” (Guimarães, 2008, p.45).

Gaspar (1985, p.61, citado por Guimarães, 2008, p.33) afirma: “A minha escolha é tratar a prostituição como pertencendo a um contínuo de comportamentos que põem em foco a relação entre mulheres e homens passando pelo domínio sexual e pela obtenção de favores, simplesmente através do dinheiro ou de outras facilidades quaisquer”.

Souza (1998, citado por Guimarães, 2007, p.33) corroborando esta ideia, destaca que a prostituição seria a transformação de um corpo em mercadoria obedecendo às lógicas do capital, assim como interesses políticos, em que o corpo seria um espelho da sociedade.

De um modo geral, constata-se que a prática da prostituição constitui uma constante na sociedade portuguesa desde os primórdios da nacionalidade, ora como atividade tolerada ou até aceite, ora combatida como estigma ou alvo de disposições condenatórias, impeditivas ou limitativas, vexatórias, segregativas, ou de marginalização ou exclusão, conforme as concepções éticas-moralistas então dominantes, aos contextos político-sociais vigentes, às mutações culturais, ou transformações sociais e económicas surgidas, ou ainda por razões sanitárias, devidas essencialmente à verificação de conjunturas endémicas, como surtos de epidemias. (Redentor, 2005, citado por Grosso, 2009, p.25)

Ao nível da história sociológica, mais do que uma alteração sobre as representações sociais das acompanhantes de luxo, há uma alteração da visão sobre a prostituta e sobre a prostituição.

#### **4.1. Prostituição**

A prostituição pode definir-se como uma prestação de favores sexuais em troca de dinheiro. A palavra “prostituta” começou a tornar-se comum no final do séc. XVIII. Na antiguidade, a maioria das prestadoras destes serviços eram as cortesãs, concubinas (sustentadas como amantes) ou escravas. As cortesãs e concubinas possuíam muitas vezes uma posição elevada nas sociedades tradicionais.

“A prostituição, onde existe, interpela a própria sociedade.” (Ribeiro; Silva, 2010, p.15)

A prostituição está diretamente associada à desintegração das pequenas comunidades, ao desenvolvimento das grandes áreas urbanas e impessoais e à comercialização das relações sociais. Nas novas áreas urbanas, relações sociais mais anónimas estabelecem-se com maior facilidade (Giddens, 2008, p.135).

As definições tradicionais de prostituição tendem a enfatizar três aspetos: a existência de uma interação de tipo sexual, a existência de uma retribuição económica por essa interação e a existência de indiferença afetiva entre as partes envolvidas, isto é entre cliente e prostituta.

Apesar de comumente a prostituição consistir numa relação de troca de sexo e dinheiro, esta não é uma regra. Pode-se trocar relações sexuais por favorecimento pessoal, por bens materiais, por informação, etc. A prostituição caracteriza-se também pela venda do corpo, seja em filmes ou fotografias em que se deixam à mostra partes íntimas do corpo (Grosso, 2009, p.13).

Segundo Viana, a prostituição feminina é mais comum do que a masculina, visto as mulheres serem mais desejáveis do que os homens, e na medida em que a condição feminina é mais propícia de ser apreciada. “Em princípio, um homem pode tanto ser o objeto do desejo de uma mulher, quanto uma mulher ser o objeto de desejo de um homem. Não há em cada mulher uma prostituta em potencial, mas a prostituição é a consequência da atitude feminina” (Viana, 1987, p.86, citado por Machado, 1998, p.242 ).

Na atualidade, muitos atores sociais consideram as prostitutas como tendo uma imagem de vulnerabilidade feminina assente em famílias disfuncionais, negando inclusivamente a dimensão racional destas mulheres, destituindo-se de credibilidade e autonomia.

Assim, “as mulheres prostitutas, ao serem percebidas como tendo um comportamento sexual desviante, tornam-se objeto de procedimentos “normalizadores por parte da sociedade” (Silva, 2017, p.793). Como o diz ainda a autora: “As prostitutas parecem assim não partilhar as normas dominantes relativas aos comportamentos sexuais tidos como apropriados pelas classes sociais dominantes, o que lhes confere um caráter desviante aos olhos dos diferentes atores institucionais e as torna alvos preferenciais de procedimentos normalizadores nestes domínios” (Silva, 2007, p.793).

O modo como a sociedade concebe e lida com a prostituição é determinado historicamente (Guimarães, 2008, p.36).

“Consideramos que a via mais adequada para abordar o fenómeno da prostituição consistirá em assumir uma perspectiva pluricausal e pluridimensional que, sem esquecer ou menosprezar os diversos níveis de análise, saiba integrá-los e hierarquizá-los de modo situacional e criativo, aliás na esteira de autores como Bader e Benschop” (1988, citado por Ribeiro, 2007, p.48). Assim, “para perceber o fenómeno da prostituição não é, portanto, possível fazê-lo sem tomar como ponto de partida a compreensão das motivações e intenções dos atores sociais e, a partir desta abordagem de empatia e conexão de sentido subjetivo dos próprios atores envolvidos na prostituição, destilar a adequada (pluri)causalidade, tal como advoga Weber (1978, citado por Ribeiro, 2007, p.50)

A característica mais impressionante do corpo da prostituta é que não lhe pertence. Ela habita nele, mas é um cubículo que aluga aos seus transeuntes. Decora-o, enfeita-o e oferece-o” (Mauclair, citado por Grosso, 2009, p.10)

A prostituição de luxo é mais opaca e reservada do que a prostituição de rua, sendo as prostitutas de luxo “parte de um movimento mais alargado de privatização da troca comercial de produtos e serviços sexuais. Mascaradas por telemóveis, anúncios em jornais e apartamentos de luxo. São, assim, uma subpopulação mais oculta de uma população que já por si é oculta e marginal” (Diário de Notícias; 2009). Assim, “As acompanhantes constroem uma visibilidade marginal não física, isto é, a sua visibilidade enquanto prostitutas reduz-se aos pequenos anúncios de jornais ou da internet que funcionam como cartões de visita. Ainda que reduzida aos anúncios, estes não deixam de reafirmar o seu caráter marginal a sua imagem de mulheres não normais, de comportamentos sexuais desviantes: neles são tornadas explícitas práticas sexuais, disponibilidade sexuais e atributos corporais” (*Diário de Notícias*, 2009).

A prostituição pode ser considerada como a troca consciente de favores sexuais, realizada entre adultos, com mútuo acordo. Para isso, entende-se trabalho sexual como uma “atividade comercial de prestação de serviços, em que é desempenhado um comportamento com um significado sexual ou erótico para quem compra efetuada entre adultos e com mútuo sentimento” (Oliveira, 2011, p.15, citado por Graça e Gonçalves; 2016, p.451). Estão contidas no trabalho sexual as situações que envolvem a troca comercial de serviços sexuais, performances ou produtos, incluindo atividades de contacto físico direto entre compradores e vendedores (prostituição, *lap dance*) e as de estimulação sexual direta (pornografia, striptease, sexo por telefone, sessão de sexo ao vivo, webcams eróticas).

A indústria do sexo refere-se a trabalhadores, gerentes, donos, agências, clubes, associações e ao mercado envolvido no comércio sexual-legal ou não (Weitzer, citado por Graça e Gonçalves, 2016, p.451)

Não pouco usual, as prostitutas de luxo costumam ser nomeadas também de acompanhantes de luxo, por forma a suavizar a conotação negativa que a palavra prostituta acarreta.

Vânia Grosso (2009, p.13) considera a existência de dois tipos de prostitutas: as hétero determinadas e as auto-determinadas. “Esta divisão refere-se à forma como vivem a prostituição (e a sua vida), como se posicionam relativamente a esta actividade prostitutiva. É uma classificação que mistura motivações com a forma como organizam a sua vida.” Assim, as prostitutas autodeterminadas têm a sua atividade determinada por causas próprias, pela sua própria liberdade. “Prostituem-se porque pretendem atingir objetivos definidos de aquisição de conforto a médio/longo prazo, como, por exemplo, ter casa e carro. São geralmente independentes, tem autonomia de decisão e fazem uma boa gestão da sua vida. São mulheres que tem uma auto-estima elevada, boa aparência física e abandonam mais cedo a prostituição. São minoritárias relativamente às restantes” (Oliveira citada por Grosso, 2009, p.16) Ou seja, as prostitutas auto-determinadas podem ser consideradas as prostitutas de luxo, dada a sua definição. “Quanto à categoria das prostitutas heterodeterminadas, esta inclui a maior parte das prostitutas de rua. São mulheres cuja organização psicológica se afasta da autodeterminação. Estão determinadas por causas biológicas, como é o caso das toxicodependentes, que se prostituem porque necessitam fisicamente da substância de que são dependentes; ou são determinadas por um proxeneta que as explora, quando a vida da mulher é organizada por este – são prostitutas por imposição de um marido / namorado / companheiro que, sob

coacção psicofísica, as mantém nessa atividade, sendo a sua autonomia no trabalho praticamente nula; ou, ainda, o caso em que são determinadas pelo hábito. Estão na rua, como podiam estar noutra local qualquer. Estão na rua, como estiveram toda a vida, porque não sabem outras formas de ganhar dinheiro. Porque não têm outra forma de viver” (Oliveira, 2004 citada por Grosso, 2009, p16).

Na prostituição, é necessário fazer uma separação entre a racionalidade e a emoção. “A prostituição como um trabalho é aquela em que a mulher é capaz de fazer uma separação entre mente e corpo. Ou seja, trata do corpo como um objeto que é posto a venda no mercado do sexo. As prostitutas de luxo afirmam que o dinheiro é para sustentar caprichos, para uma ascensão a sociedade de consumo. Mas é preciso analisar aqui aspetos correlacionados. A busca de prazer, tanto físico como na sedução, evitar conflitos com colegas de trabalho” (Roberto, 2008, p.2).

A prostituição é percebida como um fenómeno complexo e multifacetado, pois envolve diversos aspetos que o definem: económico, moral, cultural, social e psicológico. Apesar de serem mais frequentes as respostas de cunho social (motivos que levam a mulher se prostituir) ainda há no imaginário coletivo pensamentos negativos em torno desse fenómeno. Os sentimentos que as pessoas têm das prostitutas são negativos e muitas vezes de pura aversão, repugnância, nojo e sujeira. Estes resultados parecem confirmar as afirmações de Silva (2017,p.1) de que a prostituição é colocada no plano inferior da escala valorativa da sociedade, e a prostituta é posta num plano social destituído de direitos humanos e carregado de estigmas e infra-humanização.

“Não obstante a persistência de alguma fluidez e ambiguidade nos diferentes tipos de intercâmbio sexual, cremos que, numa primeira aproximação analítica dever-se-á assumir um conceito restrito de prostituição e sustentar que ela implica, pela parte da oferta, a disponibilização do corpo em troca de remuneração material designadamente monetária, e, pelo lado da procura, a compra de serviços sexuais a troco de dinheiro, em regra e prioritariamente, para satisfação ou prazer sexual de parceiro/a indiscriminado. Para que se possa falar, em termos estritos, de prostituição torna-se necessária a presença do carácter mercantil do produto em termos de valor de troca e não apenas de simples valor de uso, distinção esta que, emprestada da conceptualização marxista, reveste relevância para os fins em vista”(Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro & Sacramento, 2008, citados por Grosso, 2009 , p.13).A prostituta ou prostituto, para o ser, terá, portanto de produzir e comercializar os seus serviços como mercadorias, suscetíveis de facultar-lhe a si e aos demais operadores ora uma reprodução simples, em vista de subsistência, ora uma

reprodução alargada em vista do lucro (Ribeiro et al, 2008, citados por Grosso, 2009 , p.14). Os autores também destacam que essa mulher faz uma separação entre mente e corpo, assim, este assume um valor de troca enquanto aquela se consome no esquecimento, isto é, há um engajamento consigo mesma, o que permite, então, um distanciamento de si mesma, ou seja do ser-mulher com a prostituta.

Mauss (1993; citado por Ribeiro, 2007, p.30) afirma que a prostituição é um fenómeno social total na medida em que nele estão envoltos e imbricados múltiplos aspetos: biomédicos, económicos, sociais, jurídicos, psicológicos, políticos e ideológicos.

Numa aceção lata, a prostituição poderia englobar todos os tipos de práticas sexuais em que os seres humanos, em troca de recursos, remunerações ou compensações de vária ordem, disponibilizam o seu corpo para deleite sexual de outrem (Guimarães, 2008, p.32).

Segundo Martin (2003), a prostituição é considerada uma profissão estruturada pelas relações comerciais onde um corpo é colocado a venda por dinheiro ou outros bens (as drogas, favores, etc.). A relação que essas mulheres têm com seus fregueses visa apenas ao pagamento por um serviço prestado. E, como em qualquer outra profissão, está sujeita a acidentes de trabalho tais como as DSTs, AIDS e uma gravidez indesejada. (Guimarães, 2008, p.215). O autor afirma ainda que, ao manter relações sexuais com seus clientes, a prostituta se porta como um objeto, ou seja, ela presta serviços utilizando seu corpo enquanto sua ferramenta de trabalho, dissociada de qualquer engajamento afetivo, ou seja, o prazer que essa mulher tem é pelo dinheiro que recebe pelo serviço prestado. Dessa forma, o pagamento por este trabalho deslegitima essa forma de ser no mundo.

Atendendo às dificuldades e às facilidades da vida de uma prostituta, considera-se que a principal facilidade está relacionada com o facto de se conseguirem obter rendimentos mais elevados e num menor espaço de tempo do que os rendimentos que conseguiriam obter noutra profissão. Quanto às principais dificuldades da vida de prostituta, estas estão relacionadas com fatores emocionais, como sejam o facto de se terem que envolver com vários homens.

#### **4.1.1. Luxo e Prostituição de luxo**

Para Gilles Lipovetsky (2005), a sociedade vive uma crise de valores há algum tempo. Lipovetsky considera que existem cada vez mais pessoas ricas no planeta, estando o mercado de luxo em plena expansão. O sociólogo considera que existe uma dimensão emocional no consumo do luxo, dado que as pessoas não procuram ser reconhecidas, mas

apenas exibirem um estatuto cultural. Ou seja, quando consomem algo, as pessoas pretendem principalmente obter uma certa satisfação, procuram momentos de felicidade, de qualidade de vida. Alguns compram coisas para se exhibir, mas são muito poucos. Como tal, quando consomem, procuram algo que lhes agrade, escolhem um momento de emoção. Assim, o luxo dos tempos modernos é um luxo que procura a voluptuosidade, o prazer. Os sonhos que a sociedade tinha desapareceram, agora o sonho concretiza-se no consumo- o consumo do luxo que é de qualidade excepcional, que gera emoções particulares.

Para o sociólogo, o luxo assume um papel importante na sociedade. Contrariamente ao que dizem as análises dos movimentos anti-consumo, que o consumo não traz benefícios, Lipovestky considera uma contraverdade. O sucesso das marcas de luxo mostra que o amor pelas coisas boas está ligado à qualidade de vida, e numa sociedade em que não existem grandes utopias, nem sonhos, as pessoas procuram o sonho de um cruzeiro, de uma viagem, num restaurante, ou até mesmo a simples compra de uma garrafa de vinho. A leitura apenas moral do luxo não deve ser feita, dado que ela é a condição para algo excepcional, que faz a condição da beleza. Existem formas extremas de luxo. Outrora o luxo estava ligado à quantidade, hoje em dia está ligado à qualidade.

O facto do luxo estar ligado à obtenção de uma satisfação pessoal, pode explicar a prostituição de luxo, os clientes das mesmas procuram essas prostitutas como forma de obterem satisfação pessoal, um momento de emoção. Este luxo não se trata de ostentação, nem de representação, é um consumo emocional.

Não é possível interpretar unicamente o luxo e a relação das pessoas com o luxo com um consumo unicamente de estatuto. Essa dimensão existe, mas não é única.

Lipovetsky (2005) opina que não existe uma sociedade sem luxo, acreditando numa sociedade limitada pelos *habitus* de diferenciação de pessoas.

Dentro da representação social da prostituição, existem diferenças entre a prostituição de luxo e a prostituição de rua. Ambas sofrem de preconceito e discriminação, mas a prostituta de luxo é vista menos negativamente do que a prostituta de rua. Isto é, enquanto se associa que uma mulher é prostituta de rua porque não teve outra opção de trabalho como forma a poder fazer face às suas despesas/vícios (toxicod dependência; tabaco; álcool) a prostituta de luxo é maioritariamente reconhecida por exercer a profissão por escolha própria, isto é, não por falta de oportunidades profissionais, mas sim por aspiração monetária e de ascensão a um modo de vida médio/elevado, contrariamente as prostitutas de ruas que são sempre associadas a pessoas com carências económicas.

Existe uma relação entre o luxo e a prostituição de luxo. No passado, quando as mulheres se prostituíam, recebiam como pagamento dinheiro, e com esse dinheiro compravam objetos de luxo e adereços que as tornavam mais desejáveis, aumentando assim o seu poder sedutor e capacidade de atração de homens ricos. “O surgimento do luxo deu-se através de pensamentos religiosos, políticos e das divisões de classes sociais. Com a moda instala-se a figura de um luxo absolutamente moderno, superficial e gratuito. Surge então uma nova relação com a individualidade, o desejo de diferenciar-se da grande massa. Os seus consumidores passaram a procurar o prazer de possuir, a vontade de exprimir sua diferença, de consumir o supérfluo, o significante social, ou a busca de uma satisfação hedonista ou emocional. O luxo significa também um modo de vida concretizado por grandes despesas, para exibir elegância e refinamento. O seu conceito está ligado ao prazer, ao preço, ao desejo, à exceção, à raridade, e futilidade” (Machado, 2008, p.1)

As acompanhantes de luxo mulheres são profissionais do sexo que, de uma forma geral, apresentam as seguintes características: são de classe média e tiveram a oportunidade de estudar, dedicam cuidados especiais aos seus corpos; por vezes são ou foram universitárias, falam, na generalidade, dois idiomas e frequentam lugares de classe alta. Diferentes das prostitutas pobres, de baixo meretrício, estas mulheres não trabalham na rua e não se expõem. Trabalham, assim, em bares de acompanhantes de luxo frequentadas por empresários, políticos, jogadores de futebol ou qualquer homem/mulher/casal com poder aquisitivo médio-alto.

A sua aparência é o seu cartão de visita e quanto mais bonitas, bem vestidas e, principalmente, menos aparentarem serem profissionais do sexo, melhor será a sua clientela, visto que um dos fatores que caracterizam as acompanhantes de luxo é justamente não parecerem profissionais do sexo. Todas estas características reunidas supervalorizam o produto oferecido por essas mulheres, o prazer sexual, de modo a que se utilizam disso para cobrarem um alto valor (Barreto, 2011, p.48, citado por Silva et al, 2017, p.6)

Ao contrário do que comumente acontece com as prostitutas do baixo meretrício, que têm o seu poder de escolha mais limitado devido a vulnerabilidade social e económica em que se encontram, as prostitutas de luxo conseguem negociar melhor as situações, tendo maiores condições de recusar um cliente que não as agrada.

No que respeita às diferenças de estatuto entre os diversos tipos de prostitutas, Chapkis (1997, citado por Grosso, 2009, p.14) prefere dar relevância a outras questões. Refere que

as *call girls* e as acompanhantes são as que estão em melhor posição de exercer o seu direito e de escolher os clientes que querem, bem como de recusar serviços perigosos. Serão, ainda, estas as que mais facilmente conseguem transitar para outro emprego, depois de terem juntado uma certa quantia de dinheiro.

As principais diferenças entre estes dois grupos situar-se-ão, segundo (Weitzer, 2000), nos seguintes níveis: (a) Estatuto social. Existe uma hierarquia de estatutos na prostituição, como já referimos, tendo a prostituta de rua o estatuto mais baixo e o estigma mais forte. Dentro de uma mesma categoria também podem existir estratificações, por exemplo, nas prostitutas de rua, pode haver uma hierarquização por raça, por idade, pela aparência e pelo local onde trabalham, sendo que todas estas categorias influenciam a possibilidade de ganharem mais ou menos quantidade de dinheiro; (b) Controlo sobre as condições de trabalho. Existem muitas diferenças entre as prostitutas e, quanto maior é o controlo que elas têm, maior é a liberdade para recusarem clientes, melhor é o acesso aos meios de proteção e segurança, menor é a dependência relativamente a chulos ou gerentes e maior é a capacidade para deixarem o trabalho sexual e passarem e ter outra profissão, se o desejarem; (c) Experiências no trabalho. As trabalhadoras sexuais diferem no que respeita às experiências que têm no seu trabalho. No que diz respeito à vitimização, enquanto experiências como assaltos e violações são raros nas prostitutas de interior, são relativamente frequentes nas prostitutas de rua. O risco de exposição às doenças sexualmente transmissíveis também é superior nas prostitutas de rua. E a forma como o trabalho é percecionado difere igualmente, com as prostitutas de interior a considerarem mais positivamente a experiência; (d) Problemas psicológicos e de autoimagem. Embora aqui não se encontre um padrão uniforme, alguns estudos indicam que as prostitutas de rua são as que têm maiores problemas psicológicos, menos orgulho no seu trabalho, acham que o trabalho tem um efeito negativo nas suas vidas e acreditam menos que estão a prestar um serviço válido; (e) Impacto na comunidade. A prostituição de rua, por ser a que tem maior visibilidade, é a que causa um maior impacto na comunidade. A prostituição de interior, geralmente, não tem qualquer impacto: é discreta e não há oposição a ela. (Feminina, 2002, citada por Grosso, 2009, p.15)

As prostitutas demonstram um leque alargado de tipos de personalidade, vários níveis de educação e enquadramentos familiares e têm diversos percursos de vida, embora haja uma forte associação com histórias familiares conflituosas, experiências sexuais negativas e toxicodependência. (Feminina, 2002, citada por Grosso, 2009, p.14)

O facto de as prostitutas de luxo utilizarem o seu corpo como um instrumento de trabalho e o poder de decisão que detêm acerca da forma como organizam essa mesma instrumentalização, sugere que possuem algum controlo na transação comercial com os seus clientes. Este controlo vem contrariar a ideia prevalente que perspetiva a prostituta como um ser subjogado e sem capacidade de decisão. O presente trabalho poderá associar-se a uma série de investigações, cujos resultados indicam o abandono da visão da prostituta como alguém desprovido de poder e enaltecem que estas mulheres realizam escolhas conscientes relativamente à sua prática profissional (Manita & Oliveira, 2002; O'Connell, 1995; Oliveira, 2004, 2011; Ribeiro et al, 2005; Sanders, 2005; Warr & Pyett, 1999 citado por Cunha, 2012, p.49)

Assim, na prostituição de luxo, contrariamente à prostituição de rua, a precariedade e a vulnerabilidade da mulher que faz sexo em pensões ou no carro do cliente e a mulher que arrisca tudo, até ser vítima de violência, dão lugar a um mundo onde o “sexo fraco” se pode dar ao luxo de escolher quem atende.

“Bastará ter presente que a prostituição de rua ou de estrada difunde da prostituição abrigada em clube ou casa de alterne, embora ambas sejam formas de comércio sexual com contornos diferentes em relação à prostituição de elite, designadamente, por exemplo, de mulheres qualificadas acompanhantes de homens de negócios” (Ribeiro; Silva, 2010, p.15)

As prostitutas de luxo apresentam ainda maior facilidade de saída da profissão e entrada no mercado de trabalho legal, caso assim o entendam, do que as prostitutas de rua. “Serão, ainda, estas as que mais facilmente conseguem transitar para outro emprego, depois de terem juntado uma certa quantia de dinheiro.” (Feminina, citada por Grosso, 2009, p.14).

No artigo “até na prostituição se ganha mais com um curso superior” (*Jornal Público*, 2017), realizado sobre prostituição de luxo, verificou-se que as prostitutas com um curso superior tendem a ganhar mais porque têm mais clientes e sessões mais longas. As prostitutas com estudos superiores tendem assim a estar em vantagem, já que ao longo do seu percurso de formação desenvolvem os chamados “soft skills”, úteis na comunicação interpessoal, não se limitando aos contactos sexuais.

No entanto, além do dinheiro, muitas prostitutas de luxo também procuram prazer. Segundo Coelho, a prostituição de luxo diferencia-se da prostituição de rua dado que nesta as mulheres se encontram envolvidas em redes e trabalham com o pensamento de “quanto mais depressa despachar o cliente, melhor” (*Jornal de Notícias*, 2009).

Além dos bens materiais que conseguem ter com o dinheiro que ganham, estas mulheres têm prazer com a sua atividade, até porque, segundo o autor, “erotizam a própria prática da prostituição” (tvi24online, 2008). No entanto, Coelho considera que esta prostituição é “ultra secreta” dado que as prostitutas de luxo habitualmente não têm anúncios nos jornais, nem o seu contacto em sites de internet sendo, como tal, difícil aceder a “estas mulheres jovens e bonitas com corpos esculturais” desejadas por muitos homens (tvi24online, 2008).

Alexandra Oliveira (*Diário de Notícias*, 2016) também considera que as mulheres se encontram na prostituição por opção própria “Há uma grande complexidade no trabalho sexual, uma grande diversidade de pessoas. Não corresponde à realidade a ideia de que as pessoas que estão nesta profissão são vítimas que são forçadas, coagidas e que estão contra a sua vontade. Há muitas pessoas que estão coagidas, mas a maioria das pessoas estão por sua livre vontade.”

Quanto aos valores da prostituição de luxo, segundo Coelho estes montantes não são tangíveis, sendo muitas vezes o pagamento feito por transferências bancárias. Os seus atributos físicos, o uso que conseguem fazer do seu corpo, os conhecimentos linguísticos e até a possibilidade de poder viajar fazem subir o seu preço. A procura da prostituição de luxo deve-se a inúmeros motivos, como sejam o facto de terem relações sexuais descomprometidas, para romper com relações rotineiras e poder simular a conquista sexual. Apesar de muitos homens pretenderem simular esta conquista, tentando igualmente afirmar a sua masculinidade, não são raras as vezes em que acabam por ficar dependentes emocionalmente das prostitutas, aceitando inclusivamente as suas regras com alguma passividade.

Bernardo Coelho (2009) encontrou na sua investigação, principalmente mulheres com idades entre os 18 e os 35 anos. Uma faixa etária parecida com todas as atividades profissionais que requerem esforço físico (os bailarinos, futebolistas, etc.). Depois de ultrapassarem a barreira dos 35 anos, estas mulheres ficam "entre a espada e a parede". Com a decadência corporal, pode vir uma decadência na atividade. Podem continuar, mas correm o risco de entrar numa lógica descendente. Podem passar a prostitutas de apartamento, em que têm que baixar o valor, e, em casos limite, poderão passar a prostitutas de rua. Outra possibilidade é reconverterem a sua atividade, passarem a ser angariadoras.

A prostituição de luxo é uma prostituição que tem mais controle por parte da prostituta sobre o cliente, do que do cliente sobre a prostituta, como acontece na prostituição de rua.

Bernardo Coelho considera a prostituição de luxo uma atividade regida por regras que são aceites, são negociadas, mas essa margem de negociação é muito limitada. "O que me surpreendeu, no fundo, foi o facto de estas mulheres terem efetivo poder. No fundo, são elas que ditam as regras", explica. Há alguma margem negocial, sobretudo se os clientes se tornarem mais duradouros, repetirem a experiência, porque acaba por se estabelecer uma relação de alguma proximidade e essas barreiras acabam por se atenuar. "Mas, à partida, estas prostitutas acompanhantes têm todo o poder: elas é que ditam o valor e não é um valor negociável, e isso é aceite pelos homens. Ditam as condições, se é num hotel se na casa do cliente. Se for num hotel, elas determinam que são eles que pagam - além do serviço, o hotel. O que pode ou não acontecer, as práticas sexuais que são possíveis e as que são impossíveis e isso nunca pode ser alvo de disputa." (Coelho,2009). A partir do momento em que um homem que quer tornar-se cliente coloca isso em causa - e como o processo negocial é feito via e-mail ou telefone, raramente é face a face -, o contrato nem chega a acontecer. "Quem dita as regras são elas, e isso vai contra os estereótipos de quem vê a prostituição como uma coisa exclusivamente degradante para a mulher, que a coloca numa situação extremamente vulnerável e desprovida de poderes. Neste tipo de prostituição (em que as mulheres estão livres na atividade e não têm uma rede por trás), não será tanto assim." Outra surpresa foi o escalonamento dentro da própria atividade. O sociólogo partiu para o estudo com a ideia de que havia vários tipos de prostituição: a de rua, a que é feita em casas em que há mais do que uma mulher a trabalhar (uma espécie de novos bordéis) e depois as prostitutas acompanhantes ou de luxo. A verdade é que, mesmo dentro destas, elas não são todas iguais. "A base da distinção entre umas e outras é o corpo", explica. O corpo físico mas também "aquilo que se pode fazer com ele". Não só do ponto de vista sexual, mas também de acompanhamento social - o saber estar, o saber falar, o saber fazer. "Parte dos serviços destas mulheres não é exclusivamente sexual - é de acompanhamento em outros momentos da vida" (*Jornal "O Público", 2009*).

Por vezes, nomeiam-se as prostitutas de luxo de acompanhantes de luxo, sendo que este leva a considerar que as mesmas não ofereçam apenas a comercialização de sexo, mas sim dar acompanhamento em festas, viagens, em momentos que o cliente necessite. No entanto, dado que em estudos sobre prostituição de luxo se investigou também o que seria ser acompanhante de luxo e se concluiu que em todos os casos, apesar do acompanhamento que as mulheres possam dar aos seus clientes, existia envolvimento sexual, no presente projeto as mesmas são nomeadas de prostitutas de luxo e não acompanhantes de luxo.

#### **4.1.2. Prostituição de Luxo em Contexto Universitário**

José Machado Pais, no seu trabalho “*Ganchos, tachos e biscates*” (2001) fala da existência da prostituição de luxo nas estudantes universitárias. Um dos relatos deste caso foi Inês, que viu na prostituição uma forma de manter o nível de vida e de consumismo que detinha e que, a certa altura, perdeu.

A prostituição de luxo em contexto universitário é menos estigmatizada do que a prostituição de luxo “normal”. A existência de prostitutas que são simultaneamente estudantes universitárias leva a considerar que estamos perante casos de estudantes que não tendo possibilidades económicas para conseguir fazer face às despesas inerentes à sua formação, encontraram na prostituição um meio de financiar os seus estudos. Apesar do caso referido na obra de José Pais ser mais um caso de prostituição de luxo que tem como motivação a vivência de um bom nível de vida, a sociedade raramente associa à prostituição universitária motivações como a manutenção de um nível de vida elevado, mas sim a uma carência económica.



## 5. Motivações da prostituição

Simmel (citado por Russo, 2007, p.1) acredita que a sociedade só é possível porque existem interações, dado que as considera que as mesmas tecem o fio da vida. Assim, para o sociólogo, sem relações não é possível haver sociedade. Muitas relações, por sua vez, engendram-se a partir da troca de produtos por dinheiro. Assim, os objetos tornam-se valores somente através do processo de troca. Trocar algo significa relacionar-se com alguém, entrar em contato com o outro. Na troca, mesmo naquela notadamente econômica, à medida que há algum tipo de relacionamento entre os seres humanos, o contato com o outro sempre ultrapassa a dimensão econômica. A troca econômica envolve o desejo por um dado objeto. A posse é o objetivo do desejo, e um valor tem de ser oferecido, para se adquirir outro mais desejado, o que não significa, de modo algum, que a troca seja baseada apenas no desejo ou no impulso de aperfeiçoar a utilidade.

Nela, cria-se uma relação social e, muitas vezes, se engendra um determinado tipo de sociabilidade, que pode ou não tomar contornos mais duradouros ou pautados em sentimentos específicos, de acordo com a forma como as pessoas envolvidas conduzem e vivenciam a relação (Russo, 2007, p.1).

A relação entre prostituta e cliente pode assim ser encarada como uma interação, em que se estabelece o preço a pagar pelo objeto de desejo (a prostituta). No entanto, esta interação ultrapassa a dimensão econômica, dado que se estabelece uma relação social (ainda que apenas por um período limitado de tempo) e também física.

Simmel considera que os motivos que levam uma prostituta a prostituir-se não são a diversão, mas sim motivações como “a miséria, a solidão irremediável, a ausência de qualquer educação moral, ou ainda o mau exemplo” (Zeit, 1982, p.26). Para Simmel, as prostitutas contribuem para a felicidade dos outros, mas não para a sua própria felicidade. O autor considera ainda que as prostitutas servem de “mecanismo ejaculatório ao primeiro que apareça, por mais repugnante que seja” (Zeit, 1982, p.26). O filósofo e sociólogo considera que as mulheres que se prostituem são triplamente ameaçadas, tanto por doenças sexualmente transmissíveis, como pela fome e miséria, como pela polícia. Simmel nomeia a prostituição de luxo de “prostituição sofisticada”, considerando que a mesma é o tipo de prostituição mais favorecida e que dura durante mais tempo. O filósofo acredita ainda que dentro da prostituição de luxo, se a prostituta for bonita, consegue fazer uma boa seleção dos seus pretendentes e até mesmo dos presentes que recebe dos mesmos. Para o autor, o facto da prostituição de luxo ser considerada superior à

prostituição de calçada, demonstra que na “boa sociedade” existe uma lógica de ver no infeliz, no pobre o seu inimigo, pois este é quem é considerado inadequado à sociedade e como tal merece por parte desta desprezo; a sociedade impõe-lhe uma determinada posição. Assim, quanto ao olhar dos outros sobre a prostituição, Simmel considera que a sociedade é bastante mais indulgente com a prostituição sofisticada, sendo mais capaz de se valer pelos seus meios do que a prostituição de rua. A prostituição é para o autor encarada pela sociedade como um produto, na sua essência atual, das nossas condições atuais, isto é, a prostituição é encarada enquanto consequência inevitável de um estado de coisas que são impostas a sociedade.

Paulo J. Goldstein classificou os tipos de prostituição em termos de compromisso ocupacional e contexto ocupacional (Giddens, 2008, p.125). O compromisso consiste na frequência com que uma mulher se envolve na prostituição. Muitas mulheres envolvem-se temporariamente, vendendo sexo algumas vezes antes de abandonarem a prostituição por muito tempo ou para sempre. As “prostitutas ocasionais” são aquelas que aceitam muitas vezes o dinheiro em troca de sexo, mas sem praticar esta atividade regularmente, a fim de aumentar o seu rendimento proveniente de outras fontes. Outras são continuamente envolvidas na prostituição, sendo esta a sua principal fonte de rendimento. O contexto ocupacional designa o tipo de ambiente de trabalho e o processo de interação em que uma mulher está inserida. Uma “prostituta de rua” faz o seu negócio na rua. Uma “acompanhante” estabelece contacto com os clientes por telefone, indo os homens a casa dela ou recebendo-a na sua própria casa. Uma “prostituta da casa” é uma mulher que trabalha num clube privado ou num bordel. Uma “prostituta da casa de massagens” presta serviços sexuais num estabelecimento que só oferece supostamente instalações para massagens e tratamentos de saúde legítimos (Giddens, 2008, p.136).

A conclusão geral mais persuasiva é a de que a prostituição reflete, e até certo ponto ajuda a perpetuar, a tendência dos homens para tratar as mulheres como objetos que podem ser usados para fins sexuais. A prostituição reflete, num determinado contexto, as desigualdades de poder entre homens e mulheres. Há naturalmente também muitos outros elementos envolvidos. A prostituição proporciona um meio de satisfação sexual a pessoas que, devido às suas deficiências físicas ou à existência de códigos morais rígidos, não poderão encontrar outro parceiro sexual. As prostitutas prestam serviços sexuais a homens que se encontrem longe de casa, desejem ter um encontro sexual sem compromisso ou tenham preferências sexuais peculiares que outras mulheres não

aceitarariam. Mas estes fatores são mais relevantes para perceber a amplitude da prostituição do que para entender a sua natureza global (Giddens, 2008, p.136).

A teoria sociopsicológica que identifica três tipos de fatores que podem conduzir à prostituição: os fatores predisponentes, os fatores de atração e os fatores precipitantes. Os primeiros seriam elementos do passado da mulher, como a infância vivida num lar desfeito, a promiscuidade dos pais ou os traumas capazes de provocar certos tipos de neuroses. Entre os segundos, os fatores de atração, estariam as vantagens comparativas da carreira prostitucional, como os ganhos elevados, uma vida fácil e interessante e expectativas de alguma gratificação sexual. Por último, os fatores precipitantes poderiam incluir a pressão económica, a persuasão por parte de um proxeneta, um desaire amoroso ou uma boa oportunidade (Feminina, 2002, citada por Grosso, 2009, p.18)

Quanto às motivações da mulher para a entrada no mundo da prostituição, considera-se que existe uma série de experiências comuns bem como três tipos de contingências nas vidas das mulheres prostitutas que se relacionam com os fatores que fazem com que a prostituição apareça como uma alternativa lógica nas suas vidas. Estas três contingências “são as experiências sexuais precoces, promíscuas e frequentes; a aquisição de atitudes favoráveis à prostituição; o reconhecimento dos altos ganhos monetários e de poucas alternativas de emprego, bem como a dependência das drogas (Feminina, 2002 citada por Grosso; 2009, p.18). A autora considera ainda que embora muitas prostitutas possam partilhar alguma experiências comuns, não é pela presença de uma só característica, como um traço de personalidade ou uma experiência do passado, que alguém se torna prostituta, considerando que a compreensão da carreira de prostituta só é possível tendo em atenção uma variedade de influências, seja na infância, seja na idade adulta. Nesta linha, outros investigadores explicam a entrada na prostituição dizendo que ela se deve, em parte, “à existência de histórias de negligência e abuso no passado das mulheres, associadas a um auto-conceito baixo e à falta de competências afetivas” (Grosso, 2009, p.18).

Bartol (1991), citado por Grosso (2009, p.18) defende que, se quisermos dar uma resposta simplista, podemos dizer que as mulheres entram na prostituição por dinheiro, rejeitando as explicações sociológicas e psicológicas que habitualmente eram dadas e afirmando que os factores que nos foram sendo apresentados pelos investigadores foram já desmentidos e que estas mulheres têm uma grande variedade de motivos para se envolverem na prostituição. Este autor defende, ainda, que as prostitutas demonstram “um leque alargado de tipos de personalidade, vários níveis de educação e enquadramentos familiares e têm diversos percursos de vida, embora haja uma forte

associação com histórias familiares conflituosas, experiências sexuais negativas e toxicod dependência” (Feminina, citada por Grosso, 2009, p.19).

Mudam-se os tempos, mas parece que as motivações para a prostituição permanecem perenes no tempo. Ou seja, a prostituição é encarada maioritariamente pela perspectiva marxista, na medida em que se considera que as prostitutas pertenciam à classe baixa e não encontraram outra solução que não a entrada no mundo da prostituição para conseguir fazer face as suas despesas e sobreviver. Enquanto que na realidade existem mulheres, mesmo as de baixo meretrício (Barreto, 2011, p.46, citado por Silva et al, 2017, p.5), que se prostituem por vontade própria, porque gostam, porque se realizam através dessa profissão, já que é através da prostituição que essas mulheres conquistam uma boa fonte de renda e se mantêm num patamar económico relativamente elevado, o que as possibilita manterem um bom padrão de vida, consumirem o que desejam sem pensar no preço dos produtos (porque sabem que no dia seguinte conseguirão novamente o dinheiro que gastaram). “As prostitutas podem ser felizes, podem estar felizes com sua profissão, podem gozar e curtir seus programas, facto que uma sociedade moralista resiste em aceitar, tentando pregar o contrário (o papel da prostituta sofredora, flagelada, explorada e infeliz) obviamente isso está atrelado às possibilidades e autonomia que cada uma delas consegue desenvolver. No que se refere às acompanhantes de luxo, foco de pesquisa, veremos que o lugar social que essas mulheres ocupam as coloca num outro nível de discussão” (Barreto, 2011, p. 47, citado por Silva et al, 2017, p.5).

Assim, verifica-se que a prostituição não é explicável por um único fator. Poderia parecer que os homens têm simplesmente necessidades sexuais mais fortes ou mais persistentes do que as mulheres e, por isso, procuram o escape que a prostituição proporciona. Mas esta explicação não é plausível. A maioria das mulheres parece ter capacidade para desenvolver a sua sexualidade de uma forma mais intensa do que os homens com a mesma idade.

Existem algumas causas que poderão estar na origem da prostituição, como sejam o alcoolismo e a toxicod dependência; as migrações; a carência de informação sexual; o isolamento; os períodos de guerra e o proxenetismo organizado. Os problemas sociais, culturais e económicos, estão quase sempre relacionados com carências pessoais profundas, condicionalismos familiares e do próprio meio de inserção.

“Do ponto de vista sociológico, concebemos a prostituição como uma atividade profissional mas sem deixar de ter presente que, tal como aliás noutras profissões, nas modalidades de prostituição indagadas, não se trata de um modo de vida de livre escolha,

mas de uma atividade sujeita a um maior ou menor grau de constrangimentos de vária ordem, nomeadamente, o económico” (Ribeiro; Silva, 2010, p.17).

Alexandra Oliveira considera que os percursos das pessoas que se prostituem são diversos e não são lineares, nem predeterminados por qualquer destino e especificidade. Na diversidade de trajetórias encontrei algumas características que se repetem, permitindo formar subgrupos mas também traços particulares de cada indivíduo” (*Diário de Notícias*, 2016).

“A fim de explicar a entrada e a permanência (ou não) de determinadas mulheres na prostituição, importa ter presente, em primeiro lugar, a sua posição de vida objetiva e correlativos constrangimentos sócio-estruturais-a que corresponde, como referido, a presença e/ou ausência e grau de controlo sobre os recursos (económicos, afetivo-vivenciais, etários, estéticos, eróticos) -, o seu lugar e espaço de manobra na correlação de forças e as conexões nos respetivos contextos político-organizacionais, os quais possibilitam, favorecem ou impedem a entrada na prostituição.” (Ribeiro; Silva, 2010, p.24)

Para Lucchini (1999, citado por Graça e Moreira, 2016, p.36) no entanto, há três fatores que determinam a entrada “na vida” :

- Necessidade de ganhar dinheiro para si ou para os seus;
- Sedução pelo “meio” da prostituição;
- Situação de solidão e desenraizamento;

Prostituição e toxicodependência andam muitas vezes de mãos dadas num trilho que conduz inevitavelmente a destruição. Para Maria José Gamboa, a mulher prostituta vive o seu quotidiano entre a ilusão e a desilusão, sempre difícil de gerir, porque a nível emocional a instabilidade é enorme. A prostituição é, pois, quase como que um ritual sagrado, repetido dia após dia (Graça e Moreira, 2016, p.36).

Embora as prostitutas sofram discriminações por exercerem uma atividade considerado “imoral”, a prostituição nas sociedades patriarcais sempre manteve relações íntimas com o poder (Ml de Gois, 2013, p.72).

Martin (2003, p.5) refere-se a essa questão apresentando o termo estereótipo da necessidade, que diz respeito a postura dessa profissional.

Segundo Martin (2003, p.71), as prostitutas, além da questão económica, também realizam as suas fantasias de serem desejadas e amadas pelo sexo masculino. Isso não quer dizer que os seus desejos e fantasias sejam satisfatoriamente correspondidos. Esclarecendo que no momento da relação com seu freguês, além de buscar o pagamento,

busca prazer sexual, existindo também sentimentos e emoções de ambas as partes. Além disso, a partir do momento em que há expectativa por parte do cliente e da profissional do sexo, tal relação vai muito além de um aspeto apenas comercial.

Durante a quase totalidade do século XX, com exceção para alguns trabalhos nos anos 80 e 90, as tentativas de explicar / compreender a prostituição e a pessoa que se prostitui não se revelaram muito diferentes destas primeiras explicações. Continuou-se a procurar causas e, entre estas, destacaram-se os lares negligentes, a educação inadequada, a ignorância, o desemprego, a estrutura patriarcal da sociedade, as experiências sexuais precoces, a aquisição de atitudes favoráveis à prostituição e a falta de relacionamento afetivo com os pais, como estando na origem da prostituição. (Feminina, 2002, citada por Grosso, 2009, p.15)

No entanto, mulheres tanto de classe baixa quanto de classe alta estariam mobilizadas a ingressarem na prostituição, a primeira delas por uma necessidade de sobrevivência, e as outras por uma necessidade de aquisição de bens de consumo (Martin, 2003, p.74)

Calligaris (2005, citado por Guimarães, 2008, p.15), critica a visão da prostituição apenas como o oferecimento de um prazer sexual em troca de pagamento, ou seja, apenas como uma forma de trabalho, constata que, ao mesmo tempo em que alivia a necessidade sexual do homem, a prática está a saciar algo dentro dessa mulher. Por outras palavras, como exposto: uma fantasia de oferecer seu corpo a qualquer homem, sem escolha, sem regras, sem condições, simplesmente oferecer-se. Ser livre para gozar o seu corpo, sem culpas (Calligaris, 2005, p.30, citado por Guimarães, 2008, p.15). Assim, a autora concorda com a noção de que a prostituição de certa forma seria uma maneira de vivenciar a sua sexualidade de forma livre.

Por isso, acabam por escolher essa profissão para não terem horários fixos, não dependerem de patrão, e manterem relações sexuais quando desejarem, exercendo seu direito de decidir sobre sua própria sexualidade.

Essa liberdade sexual das profissionais do sexo, segundo a autora, poderia ser expressa não apenas pela relação com um grande número de parceiros, como também por outras formas de manifestação da sexualidade feminina, entre elas, o uso de maquiagem e roupas ousadas, frequentar lugares proibidos e andar pelas ruas a hora que desejar. (Guimarães, 2008, p.87). Esse prazer não se refere apenas ao prazer do ato sexual, mas prazer também pela vida festiva que a prostituição proporciona. Prazer também em se sentir liberta, sentir que pode fazer o que quiser com o seu corpo, que pode experimentar a sua sexualidade da forma como desejar.

Assim como Leite (1992), Rodrigues (2010) critica a visão vitimizadora acerca da prostituição, bem como argumenta contra o ideário da escolha da prostituição como única alternativa possível. Para eles a mulher é livre para escolher, pois outras opções existem, as mulheres é que não querem trocar a prostituição por outro trabalho onde elas não ganhariam tanto quanto ganham comercializando o sexo e onde não teriam a flexibilidade de horários que a prostituição proporciona (Guimarães, 2008, p.2)

Outra das motivações consideradas para a entrada no mundo da prostituição foi a subida da taxa de divórcios, que instigou algumas mulheres que empobreceram a recorrer aos serviços sexuais como forma de obtenção de rendimentos.

“O prazer da profissão como uma forma de as mulheres se sentirem livres e autónomas, pois ao mesmo tempo que aliviam a necessidade do homem aliviam também a delas próprias. Muitas optam por não terem horários fixos, não dependerem do patrão, e manterem a vida sexual quando desejarem, exercendo o seu direito de decidir a sua própria vida sexual” (Guimarães, 2008, p.2)”.

Para Alexandra Oliveira o que motiva uma mulher a inserir-se no mundo da prostituição nas sociedades pós-modernas é a “A necessidade de ganharem dinheiro, e de ganhar mais, e mais rapidamente, do que aquele que as suas habilitações literárias e profissionais lhes permitiriam auferir noutra profissão” (Jornal de Notícias, 2008).

### **5.1. Finalidade Monetária**

A principal semelhança entre a prostituição de rua e a prostituição de luxo é a finalidade que as prostitutas pretendem obter com o seu trabalho: dinheiro. No entanto, a principal semelhança é também a principal diferença, dado que o uso que as prostitutas destes dois mundos dão ao dinheiro é bastante distinto. “Algumas vêem a prostituição numa lógica da sobrevivência, porque dependem exclusivamente do que ganham e muitas vezes precisam do dinheiro para sustentar os filhos. Depois existe um outro grupo que pede valores muito mais elevados e que usa o dinheiro apenas para ter uma vida que consideram mais glamourosa e luxuosa”, explica Bernardo Coelho, acrescentando que “usam o dinheiro para outros consumos, como ter um carro melhor, poder fazer viagens ou tratamentos em SPAs” (Jornal de Notícias, 2008).

No entanto, além do dinheiro, muitas prostitutas de luxo também procuram prazer. Assim, além dos bens materiais que conseguem ter com o dinheiro que ganham, estas

mulheres têm prazer com a sua atividade, até porque, segundo o Bernardo Coelho, elas “erotizam a própria prática da prostituição” (tvi24online, 2008).

Dito de outro modo, um valor só pode ser construído através de interações, das relações que se dão entre os indivíduos; nele, estão presentes elementos pessoais e coletivos que interagem diferentemente, de acordo com os fatores culturais, históricos, espaciais e sociais em jogo. O dinheiro, por sua vez, é um símbolo do valor que condensa variadas relações, não apenas as econômicas, como poderia supor uma análise superficial. Assim, através do dinheiro, o trabalho da prostituta é valorado, mas a mulher que o exerce também o é. “O ser mulher, na nossa sociedade, por sua vez, só pode ser entendido à medida que o percebemos como uma construção social, histórica e cultural, que se assenta numa base biológica, mas cujos comportamentos e inserção na sociedade não são exclusiva ou hegemonicamente determinados por ela.” (Russo, 2007, p.1).

## 6. Formas de divulgação do trabalho

Bernardo Coelho considera que habitualmente as prostitutas de luxo não têm anúncios nos jornais, nem o seu contacto em sites de internet sendo, como tal, difícil aceder a “estas mulheres jovens e bonitas com corpos esculturais” desejadas por muitos homens (tvi24online, 2008).

No entanto, após uma pesquisa das formas de divulgação do trabalho das prostitutas, conclui-se que é comum que as prostitutas de luxo usem para divulgação sites de internet. Através destes sites, as prostitutas colocam fotos e informações pessoais para os clientes entrarem em contacto. Nas fotos as mulheres aparecem em roupa interior e/ou despidas, e a maior parte das vezes o seu rosto é oculto. O facto de ocultarem a sua face demonstra que a maioria destas mulheres tem medo de revelar a sua identidade na internet, e o facto de as fotos serem maioritariamente em lingerie sexy ou despidas revela que os seus corpos são “o centro da capacidade de atracção. Quanto mais chamativos são os seus atributos, melhor” (*Jornal de Notícias*, 2009).

Nos anúncios, sobretudo na Internet - que é aí que está a grande base de acesso a estas mulheres -, as imagens são profundamente erotizadas. Não se vestem para anunciarem a prostituição, investem é na sua erotização-mas com alguma discrição.

Estes sites são destinados exclusivamente aos anúncios de acompanhantes de luxo. No mesmo, as prostitutas indicam a sua nacionalidade, idade, quais as suas disponibilidades horárias, as suas características físicas, os conhecimentos linguísticos que possuem, quais os tipos de serviço que realizam, os locais possíveis de concretização dos mesmos, e, ainda a possibilidade de realizar viagens em trabalho (*Jornal de Notícias*, 2002).

Segundo Alexandra Oliveira (*Diário de Notícias*, 2016) estima-se que, atualmente, a maioria da prostituição não esteja na rua mas num contexto interior e, depois, as novas tecnologias permitem que as pessoas estejam resguardadas e tenham autonomia.” Tal como referido anteriormente, as acompanhantes de luxo, comparativamente às prostitutas de rua estão em melhor posição de exercer o seu direito de escolher os clientes que querem, bem como de recusar serviços perigosos. “A prostituição passou a fazer uso de novas ferramentas tecnológicas: agora, as trabalhadoras do sexo podem encontrar e comunicar com clientes através das redes sociais. A internet facilita o agendamento dos encontros e, por outro lado, permite seleccionar clientes considerados menos perigosos” (*Jornal “O Público”, 2017*).

“No nosso país, a prostituição ocorre em vários cenários distintos. Jovens prostitutas especialmente atraentes e dispendiosas, que se anunciam na internet e nas bancas de jornais, podem ser encontradas nas grandes cidades e nas mais frequentadas estâncias turísticas. A prostituição também pode ter lugar no apartamento da prostituta, que se pode localizar em qualquer lugar, desde as áreas suburbanas até aos apartamentos de luxo na baixa das grandes cidades.” (Grosso, 2009, p.12).

Os jornais são uma forma de divulgação da prostituição realizada em apartamentos. Nas suas últimas páginas, as mulheres expõem os seus serviços, colocando por vezes explicitamente aquilo que fazem. No entanto, o preço que cobram aparece como sendo o valor em “beijinhos” que pretendem receber do cliente. Este facto deve-se à prostituição não ser legalizada em Portugal, e como tal os jornais não puderem permitir que esteja explícito o valor a cobrar pelos serviços sexuais dos anunciantes.

## **7. Representações sociais**

As representações sociais, os valores e as crenças concorrem para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Ou seja, são um conjunto de crenças e de explicações resultantes da interação social.

Para Moscovici, “essas representações são tudo o que temos, pois são aquilo a que nossos sistemas preceptivos estão ajustados. Podemos considerar que as representações se processam a partir de um duplo processo: fruto da construção individual e da inserção do próprio indivíduo na representação/realidade estabelecida no contexto social” (ML de Góis, 2013, p.75).

A abordagem dos pressupostos teóricos de Marx acerca das representações sociais ajuda a compreender e reconhecer a profunda e ampla discussão que envolve o caráter sociopsicológico da Teoria das Representações Sociais. As suas contribuições permitem considerar que as representações são formadas nas relações sociais, resultado do modo de produção e das relações de produção que prevalecem em cada sociedade. Por isso, através das representações manifestadas pelos sujeitos é possível entender o contexto social em que estão inseridos (Russo, 2007, p.1)

Na concepção de Weber a representação social estabelece-se a partir das relações individuais, são os conjuntos das ações sociais que formam o coletivo, enquanto que, para Durkheim, a coletividade determina a maneira de agir, pensar, sentir dos indivíduos. A partir desta oposição teórica, Weber contrapõe o paradigma metodológico positivista da Sociologia, propondo a esta ciência o método compreensivo, que tem como objeto de estudo as ações humanas motivadas pelos sentidos individuais (Russo, 2007, p.1).

Para Moscovici, as representações sociais são conjuntos dinâmicos, e a sua característica é a produção de comportamentos e relacionamentos com o meio social, sendo uma ação que se modifica na relação entre sujeitos, e não uma reprodução de fatos sociais estabelecidos. O processo das representações permite a comunicação entre indivíduos e o grupo. A sua construção ocorre através das visões, ideias e imagens dos sujeitos sobre a relação e realidade social que os cercam (Castro, 2006, citado por Santos et al, 2015, p.1)

Ao reconhecer que as representações são, ao mesmo tempo, construídas e adquiridas, tira o lado preestabelecido, estático, que as caracterizava na visão psicológica clássica. Essa postura crítica, assumida por Moscovici, tornou-se o ponto de partida para construção da nova teoria, que afirma não existir separação entre o universo interno do

indivíduo e o universo externo a este, ambos se complementam (Patriota, 2007, Moscovici, 2001; Guareschi, Jovchelovitch, 1995, citado por Santos et al, 2015, p.182).

De acordo com Moscovici (2003), a fundamentação do fenômeno da representação social não pretende formalizar um conceito ou metodologia linear ou absoluta, como é comum encontrar em outras teorias. O objetivo maior da sua teoria é proporcionar um olhar diferenciado sobre o individual e o coletivo, tornando-se uma alternativa confiável para a compreensão social. Portanto, o autor define as representações sociais como entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através de uma palavra, gesto, reunião, no nosso cotidiano. Elas estão presentes na maioria das relações estabelecidas, nos objetos que produzimos ou consumimos e nas comunicações que estabelecemos. Para Moscovici (2003), a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, isso significa que o indivíduo precisa conhecer o objeto ou sujeito para representar. Por isso, Moscovici afirma que são dois os processos que geram as representações sociais: Ancoragem e Objetivação. Ancorar significa “classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (Moscovici, citado por Wikipédia, 2018). Deste modo, a Ancoragem tem o papel de categorizar e tornar comum aos sujeitos algo que lhe parece estranho. Na definição de Jodelet a ancoragem “é um trabalho que corresponde a uma função cognitiva essencial da representação e capaz também de se referir a todo elemento estranho ou desconhecido no ambiente social ou ideal” (Jodelet, 1993, citado por Wikipédia, 2018). O segundo processo de formação das representações sociais, denominado por Moscovici de Objetivação, tem a tarefa de objetivar a ancoragem, ou seja, externaliza o conhecimento abstraído pelos sujeitos. Por isso, Moscovici descreve que a “objetivação transforma algo abstrato em algo quase concreto, transfere o que está na mente em algo que exista no mundo físico” (Mosvoci, citado por Wikipedia, 2018). Desta forma, os dois mecanismos (Ancoragem e Objetivação) que geram as representações sociais “transformam o não familiar em familiar, transferindo-o a própria esfera particular, onde os sujeitos são capazes de compará-lo e interpretá-lo; e depois, reproduzindo-o entre as coisas que pode ver e tocar, e até mesmo controlar” (Moscovici, citado por Wikipedia, 2018). Assim, na visão, aquilo que a mente identifica está relacionado com os aspetos físicos e o pensamento que era imaginário transfere-se para a realidade social transformando o estranho em familiar. A partir das concepções de Moscovici, Jodelet procura formalizar um conceito para a teoria das representações sociais, que define como uma “forma de

conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 1993, citado por Wikipedia, 2018). Na compreensão de Jodelet (1993) a representação social diferencia-se do conhecimento científico tradicional, porque valoriza o senso comum. Mas, nem por isso perde sua importância, dado que este conhecimento como objeto de estudo é tão legítimo quanto qualquer outro.

Neste contexto, Sêga (2000) reforça que a Teoria das Representações Sociais se apresenta como “a maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações que lhes concernem” (Sêga, 2000, citado por Santos et al, 2015, p.183). Deste modo, a representação social possui “uma dimensão histórica e transformadora; junta aspetos culturais, cognitivos e valorativos, isto é, ideológicos; está presente nos meios e nas mentes, se constitui na realidade presente nos objetos e nos sujeitos” (Guareschi, 1996, citado por Santos et al; 2005, p.184). Este conjunto de ações individuais e coletivas da representação, assim como sua postura que valoriza o senso comum como fonte de conhecimento científico, torna-se uma teoria necessária para compreender a realidade social.

De modo geral, para os teóricos clássicos da Sociologia e para o psicólogo social, as representações sociais são categorias do pensamento científico que expressam a realidade social, tem a capacidade de explicar, compreender, questionar as relações sociais vigentes

Assim, as representações que as prostitutas compartilham são constituídas por dois mundos de níveis polarizados: “o mundo de fora” e o “mundo de dentro”. O mundo de fora refere-se ao modelo governado pelo moralismo, o de “dentro” aos valores e expressões de comportamento antagônicos ou incompatíveis com os de fora que as prostitutas precisam adotar no exercício da prostituição. Tal dinâmica da territorialização exige das prostitutas a convivência com um duplo estilo de vida a fim de evitar a discriminação. Ao entrar no contexto fora da sua zona de trabalho, a prostituta vê-se obrigada a assumir comportamentos estereotipados de “mulher direita”. Já o mundo de dentro exige outro comportamento. De modo a que ela tem que ser ao mesmo tempo “duas” (ML de Góis, 2013, p.75). Isto é, o mundo de fora refere-se aos comportamentos sociais, ao saber-ser e saber-estar, de forma a se enquadrar nas normas sociais. Já o mundo de dentro refere-se ao comportamento social que é esperado de uma prostituta nas relações sociais que esta estabelece.

Para Durkheim, a representação é coletiva porque é estabelecida pela vontade geral, coletiva e coercitiva, que decide o modo de agir, pensar, sentir dos indivíduos. Na contramão, Moscovici alega que a ideia defendida por Durkheim não valoriza o indivíduo como ser dotado de vontades, capaz de interferir na formação social e, por isso, critica as representações coletivas e desenvolve o estudo das representações sociais, definindo os conhecimentos práticos do senso comum, que representam um conjunto de ideias da vida quotidiana, construídas nas relações entre os indivíduos e os grupos sociais (Santos et al, 2015, p.184)

De acordo com Jodelet (1993, citada por Wikipedia, 2018), as representações sociais são ativadas e agem na vida social, servindo como guias na nomeação e definição dos diferentes aspetos da realidade diária, no modo de serem interpretados, nas tomadas de decisões e na maneira de se posicionar diante deles. Assim sendo, as representações dizem respeito à maneira como o indivíduo vai compreender, administrar ou enfrentar o mundo. A maneira como o indivíduo vai enfrentar o mundo, seus problemas, o seu contexto de vida e acontecimentos quotidianos são também de grande importância no que diz respeito à sua saúde e aos reflexos que tais comportamentos podem ter em seu organismo. As representações sociais influenciam a escolha do modo de vida do indivíduo, a maneira como vive sua vida, a sua rotina. Jodelet (1993) afirma que as representações sociais apoiam-se em valores que são variáveis, ou seja, que dependem dos grupos sociais de onde são retiradas suas significações, e em saberes anteriores, que são resgatados por uma situação social particular. As representações sociais “estão ligadas tanto a sistemas de pensamento mais amplos, ideológicos ou culturais, a um estado de conhecimentos científicos, quanto à condição social e à esfera da experiência privada e afetiva dos indivíduos” (p.21). Ainda de acordo com Jodelet (1993, citada por Wikipedia, 2018), as representações sociais estão presentes nos discursos, nas palavras, em mensagens e imagens na mídias, enraizadas em condutas, em organizações espaciais e materiais. Ela ressalta ainda que o surgimento de representações, que vão circular de boca em boca ou pular de um veículo de comunicação a outro, é favorecido pela falta de informação e, muitas vezes, pela incerteza da ciência.

As representações sociais podem ser de caráter informativo, cognitivo, ideológico, normativo; podem dizer respeito a crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens e tantos mais, segundo Jodelet (1993, citada por Wikipedia, 2018). A mesma autora afirma também que as representações sociais sofrem influência de redes de comunicação informais, dos mídias ou de instâncias institucionais, que, juntas, formam um sistema e

dão lugar a teorias espontâneas, a versões da realidade concretizadas por imagens e palavras, ambas carregadas de significações. Pode-se dizer que a formação das representações sociais começa aí e que, a partir dessas significações, expressam os indivíduos ou grupos que as construíram e cedem uma definição específica ao objeto por elas representado. Essas definições, partilhadas pelos indivíduos de um mesmo grupo, compõem uma visão consensual da realidade para tal grupo, que serve de guia para ações e trocas quotidianas.

São as “representações sociais, enquanto sistemas de interpretação que regem a relação do indivíduo com o mundo e com os outros, que orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais” (Jodelet, 1993, p.22). Estão relacionadas também na difusão e assimilação de conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição de identidades pessoais e sociais, na expressão e nas transformações sociais. Dessa maneira, pode-se perceber que as representações sociais estão presentes em tudo à volta do sujeito, influenciando-o de diversas formas, não só no que o sujeito pensa a respeito de algo só por si, mas também no modo de vida que ele possui.

A autora afirma que, quando um grupo partilha uma ideia ou uma linguagem, há um vínculo social e uma identidade entre eles. E Douglas (1986), concorda com Jodelet (1993), afirmam que a capacidade de abrangência das representações dentro de um grupo permite perceber, no âmbito dos atributos intelectuais de uma coletividade, a expressão de sua particularidade. Durkheim (1985) considera também que as representações coletivas dizem muito a respeito de como o grupo se pensa em suas relações desenvolvidas com os objetos que o afetam (Tomio, 2006 p.15).

Piaget (1976), apud Jodelet (2001), afirma que a representação está a serviço das necessidades, desejos e interesses do grupo. Jodelet acrescenta que a representação é uma reconstrução de um objeto, expressiva do sujeito, e que em conjunto acabam provocando uma defasagem em relação a seu referente, ou seja, ao objeto original. Pode ter como origem, segundo a autora, “uma intervenção especificadora dos valores e códigos coletivos, das implicações pessoais e dos engajamentos sociais dos indivíduos” (p.36). Jovchelovitch (1995) afirma que “as representações sociais emergem desse modo como processo que ao mesmo tempo desafia e reproduz, repete e supera, que é formado, mas que também forma a vida social de uma comunidade” (Tomio, 2006, p.82)

Deste modo, as representações sociais são conjuntos dinâmicos e a sua característica é a produção de comportamentos e relacionamentos com o meio ambiente. Esta é uma ação que se modifica na relação entre sujeitos e não uma reprodução de fatos sociais

estabelecidos. Por isto, a representação de cada pessoa ou grupo social demonstra as faces de sua realidade, permite compreender a identidade, personalidade, concepção dos indivíduos, assim como aspetos sociais, políticos, económicos, culturais, na qual estão inseridos (Russo, 2007, p.1).

As representações sociais são de suma importância para as práticas sociais, pois contribuem e influenciam a construção da própria realidade; sustentam as práticas do grupo social estudado. As representações que se formam na sociedade, têm repercussão direta no seu comportamento, atitudes e modos de agir, pois formam estruturas individuais de conhecimentos que informam e orientam os membros de um grupo social, em determinado tempo e espaço (Moscovici, 2003, p.53-54).

As “representações sociais” possibilitam-nos constatar a percepção de um grupo acerca da sua realidade, num dado momento, inseridos num contexto social específico, independentemente da corrente defendida pelo pesquisador.

### **7.1. Estigmatização social**

“A prostituição constitui ainda hoje um assunto tabu com um complexo de preconceitos e estereótipos que lhe estão subjacentes com uma forte carga estigmatizante, nomeadamente para a mulher, dada como criatura “imoral”, “corrupta” e “corruptora” dos bons costumes e virtudes públicas e privadas. Ela é amiúde remetida e de modo enviesado para o campo da sexualidade pervertida e perversa em que o homem é ilibado ou apenas levemente censurado se e quando se tratar de um homem casado, ou seja, por infringir o código da fidelidade. Já, porém, a mulher é, em maior ou menor medida consoante os espaços e tempos das práticas sociais, sujeita a juízos negativos e condenações de marginalização e ostracismo social. O estigma constitui o alimento da ilicitude da prostituição e como forma de controlo das mulheres: enquanto que para o homem a frequência do submundo prostitucional não era considerado nem transgressivo nem criminoso (sendo-o, quando muito, outros ilícitos como o incesto e pedofilia), já, porém, para a mulher é transgressivo o não servir sexualmente o homem e, no caso da prostituição, que ela, mulher, solicite dinheiro pela prestação de serviço sexual” (Ribeiro, 2007, p.37).

A própria palavra prostituta acarreta uma dimensão negativa: “A palavra prostituta remete para um universo transaccional e para uma esfera relacional, uma mulher sem moralidade, devassa ou com comportamentos reprováveis. Assim, quando imaginamos

ou pensamos numa prostituta o que nos surge é uma imagem construída a partir dos significados que reportámos a palavra prostituta. A palavra prostituta e a imagem que ela produz confunde-se com a identidade das mulheres que são prostitutas. Estas mulheres ficam presas a uma palavra, perdendo virtualidade enquanto atores sociais. Elas são uma palavra que remete para um universo de imoralidade e desregramento, elas são um estigma, um insulto. A identidade das mulheres prostitutas torna-se estática e a-histórica, na medida em que são retiradas da realidade dinâmica das relações sociais e das relações de poder, ficando numa situação marginal. As prostitutas são colocadas nas margens da sociedade e transformadas em mitos e significados semânticos rígidos.” (Coelho, 2009, p.5)

Com a prostituição imbricam-se amiúde, sobretudo em certos círculos perpassados dum normativismo religioso de cariz fortemente conservador, preconceitos e juízos éticos que tendem a identificar a prostituição como “vício e pecado” (Ribeiro et al; 2008, citado por Grosso, 2009, p14).

Ser profissional do sexo é recorrentemente sofrer com estigma.

A partir da leitura de textos como os de Leite (1992, Santos 2011, Bittencourt 2008, Guimarães 2007, citados por Silva et al, 2017, p.15), é possível perceber que há um desejo social de querer moralizar as prostitutas, de querer torna-las vítimas, pobres sofredores fruto de uma sociedade machista e capitalista. Em geral, os trabalhos querem oficializar o discurso de que a mulher prostituta no fundo não quer se prostituir, que está nessa vida apenas por falta de opções. Enquanto que na realidade existem mulheres, mesmo as de baixo meretrício (Barreto, 2011), que se prostituem por vontade por própria, porque gostam, porque se realizam através dessa profissão, já que é através da prostituição que essas mulheres conquistam uma boa fonte de renda e se mantêm num patamar econômico relativamente elevado, o que as possibilita manterem um bom padrão de vida. As prostitutas podem ser felizes e podem estar felizes com a sua profissão.

A vida em sociedade engendra expectativas normativas, as quais as pessoas devem-se enquadrar (Cardoso,2013, p.1). Erving Goffman dedicou-se na sua trajetória a estudar pessoas que são discriminadas ou controladas pela sociedade, seja por apresentarem uma marca que as distingue das demais, ou por apresentarem comportamentos desviantes, isto é, comportamentos que se afastam das normas que são estabelecidas pelo grupo social que pertencem (Brabo, 2011, citado por Cardoso, 2013, p.1).

“A formação de preconceitos e estereótipos está estreitamente ligada ao sistema de valores, os quais, por sua vez, são interdependentes, compreensíveis e explicáveis por vários outros fatores a avaliar em cada situação concreta.” (Ribeiro; Silva, 2010, p.29)

O estigma é, assim, uma discrepância entre a identidade social virtual e a identidade social real do indivíduo. Normalmente refere-se a um atributo depreciativo. Um estigma é, então, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo.

Goffman separa os estigmatizados em duas categorias, os desacreditados e desacreditáveis. O primeiro grupo é formado por aqueles que possuem um estigma evidente ou que já é de conhecimento público. No segundo, a diferença pode ser escondida, os outros não conhecem o atributo diferenciador e ele não é facilmente percebido. Nesse caso, os estigmatizados podem manipular a informação. O autor diferencia os estigmas em três categorias principais. Em primeiro lugar, as deformações físicas, o que ele chama de “abominações do corpo”, em segundo, as “culpas de caráter individual” como desonestidade, homossexualismo, alcoolismo, prisão e vícios. Por último, estão os estigmas coletivos, tribais, de raça e nação, transmitidos hereditariamente e que podem contaminar todos os membros de uma família.

Segundo Goffman, a prostituição enquadra-se no segundo tipo, o das falhas de caráter individuais.

“De acordo com Goffman, todas as pessoas são ao mesmo tempo normais e estigmatizadas” (Cardoso, 2013, p.1).

A estigmatização é uma característica inerente a toda a sociedade que possui normas de identidade, que podem gerar desvios, mas também originam conformidade nos indivíduos. A identidade social é construída, por meio da interação social face a face dos indivíduos normais e estigmatizados, o que resulta numa influência recíproca nas ações dos outros.

Para Goffman, a vida em sociedade requer que todos compartilhem um único conjunto de expectativas normativas. O fracasso ou o sucesso em manter as normas definidas influencia diretamente sobre a integridade psicológica do indivíduo.

A partir das análises de interação social entre normais e estigmatizados, Goffman conclui que um é parte do outro, isto é, há um complexo normal-estigmatizado que proporciona uma influência mútua entre os indivíduos, por meio do qual constroem as suas identidades sociais. Para o autor, tanto o normal quanto o estigmatizado são frutos das perspectivas geradas em situações sociais durante os contactos mistos, pois tanto um quanto o outro possuem a sua consciência sobre si próprios influenciada pelos modelos

estabelecidos pela sociedade. Como tal, o autor considera relevante que o estigmatizado procure construir a sua identidade social real, para que possa criar mecanismos de adaptação ao meio social.

A prostituição é, assim, para o sociólogo, um desvio de caráter. O estigma relacionado com a prostituição refere-se às crenças, atitudes e sentimentos negativos em relação às pessoas que se prostituem (como também em relação seus familiares e pessoas próximas) e outras.

O facto de as prostitutas se enquadrarem assim no segundo grupo definido por Goffman, e o seu estigma não ser necessariamente evidente, faz com que estas mulheres pertençam ao grupo dos desacreditados ou desacreditáveis, segundo o controle da informação, que é uma realidade importante no dia-a-dia dessas mulheres. “Algumas escolhas na vida destas mulheres são cruciais: revelar ou não; mentir ou falar a verdade; até que ponto contar a história de vida; para quê; para quem; como e por quê. Além disso, o vestuário, o comportamento e os lugares por onde elas circulam são detalhes importantes no processo de preservação da atividade que exercem (Silva, 2006, p.16) De acordo com Goffman, tendemos a atribuir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original. A prostituta foge da perspectiva traçada pela sociedade. Em todos os lugares por onde passa, a prostituta é apontada como a mulher de “vida fácil”, aquela que tudo faz por dinheiro, a sem caráter, porque o estigma da prostituição ultrapassa as fronteiras da conduta sexual e contamina todos os outros papéis da mulher que tem essa ocupação. Um primeiro fator sobre a manipulação da identidade não pode ser desprezado. Existem pelo menos dois segmentos de prostituição. A mais desvalorizada, que é a realizada nas ruas ou zonas (dos subúrbios ou centros urbanos), e aquela considerada “valorizada”, exercida nas boates e saunas e frequentadas pelas classes médias e altas da sociedade. Em cada um desses grupos existem particularidades a respeito da manipulação da identidade e da presença do estigma. No primeiro segmento, as profissionais são geralmente de classes economicamente desfavorecidas, por isso, o estigma da pobreza é associado ao da prostituição. Gaspar cita Bacelar e Versiani, que apresentam teorias a esse respeito. Ser prostituta de baixa renda significa manter um número maior de relações sexuais, ou seja, ser mais “promíscua” e mais “contaminadora”. No entanto, segundo os autores, uma condição econômica desfavorável, na qual a mulher é obrigada a sustentar os filhos, a prostituição pode surgir como uma justificativa mais aceitável. Parece um paradoxo: a prostituição é justificada pelo dever da maternidade. As prostitutas de baixa renda tendem

a esconder a profissão das famílias e dos vizinhos porque se sentem envergonhadas e temem o peso do estigma (Silva et al, 20017, p.13).

A discriminação relacionada com a prostituição refere-se ao tratamento desigual e injusto (por ação ou omissão) de um indivíduo baseado na sua “profissão” .A ideia de exclusão social tem sido utilizada por políticos, mas foi primeiramente introduzido por sociólogos para se referirem a novas fontes de desigualdade. Entende-se por exclusão social as formas pelas quais os indivíduos podem ser afastados do pleno envolvimento na sociedade.

O sexo e o erotismo foram e continuam a ser temas que se associam facilmente a tabus e proibições, já que muitas das praticas que lhes estão associadas são consideradas transgressões a normas de bom funcionamento da sociedade (Nadais et al, 2012, p.160). A prostituição, tendo como base o sexo e o erotismo e sendo realizada, maioritariamente sem qualquer tipo de vínculo emocional entre atores sociais, “exerce um caráter totalizante na identidade das pessoas a quem é atribuída. Portanto, estabelecido um atributo, essas pessoas passariam a se constituir apenas por ele em todos os momentos, como se não fizessem outras coisas e como se não houvessem diferenças no interior do grupo” (Nadais et al, 2012, p.160).

Relativamente à discriminação social, esta está sobretudo relacionada com a moral, uma vez através desta a sociedade pensa que os homens e mulheres que se prostituem não tem um comportamento de acordo com a norma social. No caso das mulheres "são estigmatizadas porque ameaçam o modelo de família e a fidelidade, por isso são atacadas nas ruas" (Marcus, 2009, p.1). A discriminação dos trabalhadores do sexo verifica-se sob várias formas, uma vez que são segregados nas instituições de saúde (poderiam ter seguros de saúde próprios para a sua profissão), na justiça (sendo vitimas de violência aquando o desempenho das suas funções, não poderão recorrer à justiça como vitimas no local de trabalho) e à segurança social (não podem descontar para a mesma, dado não exercerem uma profissão legalizada).

“Dir-se-à que a sociedade, ou melhor, os “normais” enquanto outsiders, têm das prostitutas uma visão estereotipada advinda das normas e valores da sociedade. Estes formam, segundo Mead (1934) , o “outro generalizado” que se projeta na mulher como “me” (“eu socializado”) - a prostituta ou “puta” como ser diabolizado e estigmatizado -, o qual se entronca e articula todavia com um “I” (“eu íntimo”) , singular, mais interior e indiossincrático, em que a mulher, mesmo quando interiorize num primeiro momento essa visão esteriótípada, é capaz de reagir e rejeitar nos seus registos informais ou ocultos,

como diria Scott (1990) esses labéus sociais. Nesta óptica crítica, há mesmo autores que se recusam a classificar de desviantes comportamentos como os das mulheres prostitutas (Ribeiro, 2007, pp.50-51).

É graças a essa forte e milenar repressão contra a mulher prostituta, que esta parece estigmatizada, e a sua identidade, por não pertencer ao padrão, é vista com desprezo pela sociedade. O registo negativo imputado pelo estigma pode produzir uma identidade deteriorada (Goffman, 1988 citado por ML de Gois, 2013, p.75).

Como afirma Crandall (citado por ML de Gois, 2013, p.72) a necessidade de reelaborar as definições menos tolerantes de desvio e de reafirmar as virtudes da nossa sociedade firma-se através de uma ideologia que justifica o estigma carregado pelas prostitutas através de discursos que naturalizam a sua posição e as revitimizam, culpando-as pelo seu opróbrio. Tal lógica, engendrada pelos grupos estabelecidos, serve como meio de controle social para que o grupo *outsider* acabe por se perceber como inferior, reforçando e mesmo legitimando a sua posição de estigmatizado (Elias e Scotson 2000, citado por Goffman, 1988 citado por ML de Gois, 2013, p.76).

A prostituta é, nessa lógica, desviante por banalizar o ato sexual, por transformar o seu corpo em fonte de renda e por infringir as regras da feminilidade dócil e controlada (Guimarães e Merchab-Hamann, 2005 citado por ML de Góis, 2013, p.79). A sua atividade desvaloriza e ameaça a posição da mulher e da sociedade. Este estigma torna-se ainda mais poderoso porque três pertencimentos sociais minoritários se cruzam nelas, que são ao mesmo tempo, mulheres, pobres e prostitutas (MI de Gois, 2013, p.79). Vale aqui relembrar o que nos diz Goffman (1988) quando explica que a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e atribuir valores aos membros de cada uma dessas categorias, condicionando os relacionamentos entre os indivíduos de diferentes grupos (MI de Góis, 2013, p.74)

Tudo indica que as profissões adornadas com maior prestígio social costumam ser as mais desejadas. Dificilmente uma profissão de baixo prestígio social- como a prostituição -ocupa lugar de predileção no momento da escolha profissional, dada a sua carga de estigmatização social (Brivio, 2010, p.172).

Dentre os fenómenos, para cuja análise o conceito de classe social, tomado pelo particular, se apresenta insuficiente, destacam-se as seguintes questões: o papel do género, enquanto elemento estruturante da realidade; problemática da raça, cor e etnia constituinte das relações sociais; as determinantes de idade/geração e suas implicações sociais; a heteronormatividade compulsória.

Weber (2003) demonstrou, de maneira inequívoca, a impossibilidade de se reduzir as causas dos fenómenos sociais exclusivamente a fatores económicos e políticos. A dimensão cultural e histórica deve ser levada em conta na tentativa de se compreender as realidades sociais que se apresentam quotidianamente.

Os discursos sociais mais comuns em torno das práticas prostitucionais (re) produzem, de modo frequente e recorrente, estereótipos que se traduzem na associação das mesmas à propagação de doenças sexualmente transmissíveis. A emergência e a posterior disseminação da imagem social da prostituição como autêntico flagelo epidemiológico e a consequente consolidação da identidade sexual das mulheres prostitutas como “poluentes” e marginais foram fortemente impulsionadas pelos discursos médicos, psiquiátricos e criminológicos sobre a sexualidade, durante o século XIX. Decorridos dois séculos e numa altura em que a SIDA vem ganhando proporções preocupantes, a imagem social da prostituição como perigoso foco epidemiológico transmite uma subliminar ou mesmo explícita imputação de velhos estereótipos e estigmas, mantendo-se nas novas configurações sociais (Ribeiro, Silva, Ribeiro, & Sacramento, 2005, citado por Grosso, 2009, p.19).

“A prostituição é vista como um foco de poluição /contágio, não tanto pelo facto de haver um conhecimento fundamentado sobre um qualquer nexos causal, particularmente relevante, entre a prestação de serviços sexuais e a propagação de doenças sexualmente transmissíveis, mas acima de tudo, porque ela põe em causa os valores dominantes que regulam a sexualidade feminina. A visão social do sexo comercial como responsável pela propagação de doenças é profundamente estereotipada e, por isso, insensível aos distintos tipos e configurações do fenómeno e aos diferentes graus de risco epidemiológico que lhes estão associados. Para o contexto em que decorreu o nosso estudo é claramente uma imagem inadequada, já que a prostituição abrigada, tanto quanto podemos apurar sobre as atitudes e posicionamentos das mulheres vertidos nos inquéritos e nas entrevistas dadas, não constitui um foco particularmente destacada e relevante de propagação de doenças sexualmente transmissíveis. Com efeito, não existem elementos empíricos, suficientemente consistentes, como veremos, que nos permitam estabelecer uma conexão sustentada entre a prostituição e o aumento da incidência de DST” (Grosso, 2009, p.20)

Não existem, portanto, razões objetivamente consistentes para, genérica e linearmente, se afirmar que as mulheres prostitutas evidenciam comportamentos sexuais de risco, e são, por isso, responsáveis pela disseminação de DST. Pelo contrário, elas revelam uma preocupação permanente face aos riscos de natureza sanitária que a sua atividade poderá

implicar, adotando comportamentos sexuais (ultra) defensivos, marcados pelo desenvolvimento de habilidades específicas e pela adoção rotineira e disciplinada de um conjunto de práticas / precauções e estratégias para prevenir e/ou lidar com “potenciais” situações de risco.

Isto é possível graças ao considerável controlo que exercem sobre a sua sexualidade “estão amiúde na atividade por iniciativa própria, selecionam clientes e fixam as condições de prestação dos serviços sexuais” e outras estratégias perpassadas de astúcia, certo grau de poder, autonomia e capacidade de instrumentalização que demonstram face aos clientes, quer durante o processo de negociação das condições, quer durante a prestação do serviço sexual (Ribeiro et al., 2008 citado por Grosso, 2009, p.14)

É comum encontrar-se as profissionais do sexo afirmando que a sua prática não passa de um trabalho como outro qualquer, tendo por finalidade ganhar dinheiro. Constatamos que a prática da prostituição de facto é um trabalho, em que o corpo é alugado, assim como o corpo do atleta é alugado, como o corpo do médico é alugado, cada um com sua função e objetivos. Porém, o que é marcante, na prostituição, é o peso, o preconceito e o estigma que essas mulheres carregam, tendo necessidade de uma justificação e uma racionalização para abordarem as raízes que a fizeram ingressar neste ramo.

Pires (1983, p.72; citado por Guimarães, 2008, p.241), aborda uma visão religiosa sobre a prática da prostituição, apresentando-a como uma postura humilhante e pejorativa da condição de vida dessas mulheres. No seu discurso destaca uma representação negativa dessa prática, colocando-a como suja, impura e marcada de sofrimento

Atualmente, mesmo com toda a liberdade sexual conquistada pelas mulheres a partir da década de 1960, o fenómeno da prostituição continua muito presente e carregado de estigmas e tabus (Pires, 1983, p.254, citado por Guimarães, 2008, p.241).

Como se verifica, as prostitutas ocupam um lugar social ainda marcado pelo preconceito, pela estigmatização e pela exclusão social. São mulheres que vivem de uma forma invisível, que são vistas através de, como nos coloca Honneth (2011, citado por Barreto, 2014, p.23). Socialmente tenta-se ignorar a sua existência, julgando-se que as prostitutas não são pessoas portadoras de direito, de dignidade e reconhecimento. Tanto as mulheres das camadas mais baixas da sociedade que vivem da prostituição, como aquelas de elevada classe social que comercializam o sexo nas camadas mais abastadas da sociedade, vivem em espaços excluídos socialmente, bem como sofrem ainda com a discriminação (Honneth, 2011, p.121, citado por Barreto, 2014, p.23). Daí que muitas prostitutas de luxo não pretendam ser reconhecidas enquanto profissionais do sexo, não

pretendendo ser reconhecidas como uma anamorfose, como uma distorção do que se espera socialmente de uma mulher (Honneth, 2011, p.122, citado por Barreto, 2014, p.23).

Como tudo tem um carácter secreto e camuflado, estas mulheres conseguem fugir ao estigma. Não está em causa a possibilidade de se ser acusada, porque é muito difícil a acusação social. Esta mulher está escondida por trás de um anúncio, por trás de um telefone (que basta não atender). "E se nos cruzarmos com ela jamais diremos que aquela mulher se dedica ao acompanhamento, dado que não se vestem "(*Jornal "O Público", 2017*).

Assim, de um modo geral, a prostituta de rua mantém-se com a mesma representação de sempre, o mesmo estigma, é vulnerável, está sempre associada a outros fenómenos de delinquência ou marginais como o tráfico de droga, o consumo de droga, o alcoolismo. Estamos a falar de estereótipos. Uma versão mais atualizada da prostituta de rua são as mulheres que estão no sistema do alterne, estas são igualmente estigmatizadas, mas menos visíveis, sendo a sua característica básica é a fuga ao estigma pela ocultação.

A prostituta surge na sociedade como alguém que falha como esposa e como mãe, faz sexo por dinheiro e não por amor. Além disso, constitui parte da maioria menos favorecida econômica e socialmente, portanto, congrega os estigmas da promiscuidade e da pobreza (Silva et al, 2017, p.13)

## **8. Tipo de clientes das prostitutas de luxo**

Os clientes das prostitutas de luxo são normalmente homens com poder económico, que pertencem a classes sociais de algum estatuto (como profissões liberais ou de direção).

Um aspeto-chave na prostituição moderna é o facto de as mulheres e os seus clientes geralmente não se conhecerem. Embora os homens possam tornar-se “clientes regulares” a relação não se estabelece inicialmente com base no conhecimento pessoal.

Há muitos menos estudos sobre clientes do que sobre quem vende sexo, e é raro alguém sugerir-como é muitas vezes referido ou sugerido em relação às prostitutas- que são indivíduos psicologicamente perturbados. Esta disparidade na relação revela seguramente uma aceitação acrítica dos estereótipos ortodoxos da sexualidade, segundo os quais “é normal” os homens procurarem ativamente uma variedade de escapes sexuais, enquanto as pessoas que prestam esses serviços são condenadas.

Assim, os homens que se relacionam com as prostitutas são homens “que não são nenhuns pervertidos, são homens de todas as classes sociais, idades, estatuto civil e experiência de vida - os maridos, pais e irmãos de toda a gente” (Jornal de Notícias, 2008).

Descobriu-se como motivações apontadas pelos homens o facto de as prostitutas fornecerem uma resposta sexual certa e fácil, ficar mais barato do que um encontro com não prostitutas, não envolver responsabilidades posteriores e providenciarem serviços difíceis de obter com as outras mulheres, como as práticas sadomasoquistas e o sexo oral e anal (Oliveira, 2004, citado por Grosso, 2009, p.14).

O que atrai os clientes é o corpo destas mulheres (que elas se esforçam por manter em perfeitas condições), o descomprometimento emocional (sexo rápido e sem compromissos) e a simulação da conquista sexual (TviOnline; 2008) Num estudo de Bernardo Coelho (2009) tanto os clientes como as prostitutas afirmavam que se sentiam atraídos por esta atividade por uma necessidade de sentir que vivem a vida e que a conquistam. Apontam a fuga à rotina sexual, a concretização de fantasias, a busca de novas experiências sexuais e o prazer como atrativo.



## 9. Análise de artigos de jornais relativos a prostituição

Sendo a imprensa um mecanismo de propagação dos discursos normativos e excludentes, decifram-se com as fontes jornalísticas, as representações que formam o imaginário urbano sobre o submundo, identificam-se as práticas de resistência da população frente as interferências dos poderes públicos e, posteriormente, as prostitutas (Lira, 2014, p.13).

É comum as últimas páginas de alguns jornais serem dedicadas à promoção da prostituição, facto que se considera como sendo contributivo para a criação de estereótipos relativos à prostituição. “Muitos meios de comunicação não renunciaram a incluir nas suas páginas, ou em espaços televisivos, os chamados anúncios de «convívio» ou «*relax*», que são publicidade de serviços de prostituição, em 90 % dos casos, feminina. Nestas secções publicitárias, são habituais conceitos como domínio e submissão, a visão da mulher como simples objeto sexual e a utilização de linguagem e imagens humilhantes” (JO in *Parlamento Europeu*, 2011, p.1). Tanto o incentivo desta publicidade à prostituição como os conteúdos com que é construída contribuem para consolidar estereótipos muito negativos da mulher. Além disso, a manutenção destes conteúdos representa um choque entre as posições em favor da igualdade, defendidas de uma forma geral, e uma prática absolutamente contrária às mesmas, com a agravante de que é realizada contra uma prestação económica (JO in *Parlamento Europeu*, 2011, p.1).

No geral, os meios de comunicação social, e em particular os artigos de jornal analisados, assumem posições distintas quando se referem à prostituição de rua e à prostituição de luxo. Quando fazem referência nas notícias à prostituição de luxo, tendem a enfatizar o lado cor-de-rosa deste tipo de prostituição, transmitindo a imagem de um mundo glamouroso, chique, que permite o acesso ao mundo da fama, às cirurgias plásticas, a viagens, à beleza e ao luxo. Quase em todos os artigos analisados se afirma que as prostitutas de luxo estão nesta profissão por opção, após terem tido uma profissão “tradicional”, cujo salário obtido não satisfazia as suas exigências. Maioritariamente, afirmam que as acompanhantes de luxo fazem muitas viagens em trabalho e que por vezes os clientes se apaixonam pelas prostitutas. “Existe uma visão romântica sobre esta forma de prostituição em particular é muito veiculada pelos media, pela ficção dos romances ou das séries televisivas. Tendem a construir uma com glamour deste tipo de prostituição. Não existe com esse glamour. As viagens são um dos serviços que estas mulheres podem prestar. Mas nenhuma das mulheres com quem eu falei alguma vez fez uma viagem.”

(*Jornal de Notícias*, 2008). No entanto, a representação social dos artigos de jornais quanto ao fenómeno da prostituição difere quando se faz referência à prostituição de rua. Esta aparece mais estigmatizada nos meios de comunicação social, transmitindo-se a imagem de um mundo mais negro, com histórias de toxicod dependência, problemas familiares, miséria e solidão. Em quase todos os artigos analisados referentes à prostituição de rua, afirma-se que as mesmas se encontram na prostituição por falta de outras opções de emprego, e como forma de obter rendimentos para satisfazer as suas necessidades básicas. Assim, verifica-se que existem diferenças quanto as representações sociais da prostituição presentes nos artigos de jornais, consoante se tratem de prostituição de rua ou prostituição de luxo.

Num estudo de Mariana Pardal (2014, p.92) sobre a perceção que as organizações têm do trabalho dos jornalistas e da construção mediática de histórias relativas à prostituição concluiu-se que 59% dos inquiridos consideram que a prostituição é um tema esporádico na comunicação social; 76% considerava que a generalidade dos profissionais dos media não estava preparado para abordar temáticas relativas à prostituição; 53% consideravam que nos media a prostituição está geralmente associada a crime ou ao desvio social; e 94% consideram que nos media a imagem da prostituta é assente em estereótipos e preconceitos. O estudo considera ainda que quando os artigos fazem referência a alguma entrevista de uma prostituta, as mesmas afirmam sentir-se bem com a profissão que têm, dando uma imagem cor-de-rosa de si própria e da situação. Já os meios de comunicação social, segundo o estudo, transmitem a imagem de que a prostituta o é apenas porque precisa de comer, de consumir droga, porque tem uma família disfuncional, problemas comportamentais ou está a ser vítima de tráfico humano, quando não é essa a realidade. No mesmo estudo, 65% dos inquiridos consideravam que a agenda política atual não é sensível à temática da prostituição, e 12% consideravam que o sistema político-jurídico de enquadramento da prostituição em Portugal é o mais adequado.

A relação entre os meios de comunicação informativos, em Portugal, e a prostituição é, assim, estereotipada. A escassez de artigos de jornais sobre o tema pode dever-se ao facto de este tema ser também para os jornalistas complexo na abordagem mediática, dado que nele “se entrelaçam estereótipos, enquadramentos e limitações de várias ordens” (Pardal, 2014, p.100).

Outro dos motivos para a escassez de artigos de jornais sobre o tema da prostituição pode dever-se ao facto de a prostituição não ser um tema prioritário na agenda mediática nacional, nem tão pouco dentro da categoria das questões sociais (Pardal, 2014, p.100).

## 10. Metodologia

A investigação social é complexa porque, entre outros motivos, a própria realidade social é complexa, particularizada pela omnipresença da subjetividade e do sentido e pelo consequente desafio da compreensão e da interpretação (Gonçalves, 2004, p.28).

A metodologia que desenvolvi foi uma metodologia qualitativa.

Descartei neste projeto as metodologias quantitativas, pois o que pretendia abordar era o fenómeno das expectativas nas suas mais diversas dimensões e por forma a obter uma maior profundidade na compreensão da mesma. Isto significa que, ao contrário dos métodos quantitativos, com a metodologia qualitativa é possível trabalhar com a subjetividade e com as imensas possibilidades de exploração que os detalhes podem fornecer, sendo este um aspeto favorável, uma vez que contribui para o enriquecimento de qualquer projeto.

A metodologia qualitativa, tal como considerado por Guerra (2006) apoia-se em princípios teóricos fundamentais, como sejam a importância atribuída aos sentidos, significados e às experiências dos sujeitos. Esta metodologia pretende não só descrever a realidade social e os fenómenos sociais, como também apresentar pontos de vista compreensivos sobre a mesma. Isto é, descrever quais as representações da prostituição de luxo no contexto universitário, quais as vivências, os sentidos e os significados que o fenómeno da prostituição adquire para os estudantes.

Segundo Isabel Guerra, a investigação que utiliza a técnica qualitativa prende-se com a tentativa de compreender a realidade social em estudo e não explicá-la, uma vez que o objetivo do investigador é descodificar uma certa realidade atribuindo importância aos significados, sentidos e experiências dos atores sociais (Guerra, 2006). Além disso, a técnica qualitativa permite “compreender o evento em estudo e ao mesmo tempo desenvolver teorias mais genéricas a respeito do fenómeno observado e deste modo dar atenção à especificidade de cada caso” (Fidel, 1992, citado por Araújo et al, 2008, p.9). “As análises compreensivas têm em comum a assunção da conceção Weberiana do sujeito, que o considera capaz de ter racionalidades próprias e comportamentos estratégicos que dão sentido às suas ações num contexto sempre em mudança provocada pela sua própria ação. Do ponto de vista qualitativo, considera-se que os sujeitos interpretam as situações, concebem estratégias e mobilizam os recursos e agem em função dessas interpretações. No contexto do paradigma interpretativo, o objeto de análise é formulado em termos de ação, ação essa que abrange o comportamento físico e os significados que lhe são atribuídos pelo

ator e por aquele com quem interage. No entanto, tradicionalmente e do ponto de vista sociológico, o objeto da investigação social interpretativa é o significado dessa ação e não o comportamento em si próprio” (Guerra, 2006, p.17)

A escolha do tipo de investigação na temática da área das ciências sociais é senão primeiramente condicionada, não só pela abordagem que pretendemos fazer desta, como também do próprio tema em si.

Assim, como já referenciado anteriormente, a metodologia utilizada nesta investigação foi de cariz qualitativo, recorrendo-se ao método das entrevistas para a recolha de informação, no sentido em que esta trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões.

Considerando os objetivos e a temática em análise, uma das técnicas de investigação e recolha de dados que se mostrou mais apropriada para este estudo foi efetivamente a entrevista, na medida em que, como método qualitativo, não pretende uma mensuração precisa, mas uma descrição e compreensão da complexidade em abordagem. A entrevista permite analisar problemas específicos e compreender mais profundamente ações ou acontecimentos.

O uso da entrevista deve-se ao facto de esta ser, no geral, a técnica mais adequada quando se pretende aceder a mundos subjetivos, a experiências e representações, sendo também potenciadora de momentos de reflexividade da parte dos sujeitos. Optei pela entrevista semiestruturada, pois considero importante que se responda às perguntas estabelecidas no guião (questões abertas) mas também a outras que surgissem no decorrer da entrevista e que pudessem aprofundar questões relevantes, ou seja, este tipo de entrevista possibilita uma margem de liberdade sem abandonar o tema de estudo, onde é possível acrescentar questões no decorrer da entrevista pois o mesmo é adaptável.

A entrevista semiestruturada seguiu, assim, um guião previamente definido que me permitiu clarificar e operacionalizar conceitos. Através desta técnica de amostragem desenvolvi o princípio da diversidade interna que lhe está inerente, na medida em que dentro deste grupo de estudantes existiam características e pontos de vista que os distinguem uns dos outros.

As entrevistas foram de carácter analítico, ou seja, o fenómeno em estudo não é desconhecido. Pretendeu-se, assim, a elaboração de uma teoria capaz de interpretar o fenómeno de uma forma geral.

As entrevistas foram realizadas no Polo de Gualtar da Universidade do Minho e realizadas na última quinzena do mês de março por forma a ter tido tempo para o tratamento

dos dados recolhidos. Pretendi, ainda, que cada uma das entrevistas fosse realizada uma única vez e que não se prolongasse demasiado no tempo de modo a não saturar o entrevistado. A escolha do local prendeu-se com o facto das entrevistas “deverem ser realizadas num lugar neutro, ou pelo menos de fácil controlo pelo informador. O controlo do território da entrevista coloca o entrevistado mais à vontade e permite-lhe também uma melhor gestão do tempo se a entrevista for longa. Frequentemente, quando as entrevistas se realizam em casa do entrevistado, ou nas suas proximidades (café do bairro, coletividade, etc.) os vizinhos e a restante família podem interferir em demasiado, gerando alguns problemas” (Guerra, 2006, p.60)

Quanto aos requisitos para realização de entrevistas, “Do ponto de vista relacional, a entrevista exige o mesmo que qualquer outra técnica de recolha de informação decorrente do estabelecimento de uma relação de confiança: neutralidade e controlo dos juízos de valor, confidencialidade, clareza de ideias para as poder transmitir e devolução dos resultados.” (Guerra, 2006, p.22)

Ao contrário do inquérito por questionário, a entrevista é uma técnica tipicamente qualitativa, associada ao método intensivo e à lógica indutiva. A lógica indutiva evidencia-se pela prioridade dada à vertente empírica, isto é, os conceitos surgem em confronto com a realidade social e só depois são introduzidos os domínios teóricos. É uma técnica com uma certa dualidade, na medida em que permite não só alcançar o conhecimento proveniente da partilha de pontos de vista, como também recolher informações relativas ao contato interpessoal, no sentido em que também é uma interação social entre agentes. A entrevista confere mais liberdade de resposta por parte dos atores sociais.

A entrevista semiestruturada tem uma vertente mais qualitativa, dotada de algumas perguntas principais, mas a sua ordem pode ser alterada e há sempre a possibilidade de acrescentar novas perguntas ao guião, sendo que o objetivo é o de aprofundamento ou verificação. O que significa que, contrariamente a uma entrevista de tipo estruturado, as questões são relativamente abertas, permitindo ao entrevistado expor a sua experiência pessoal, mas sem nunca perder o foco da problemática.

A entrevista semiestruturada coloca questões que se pretendem abertas, num ambiente descontraído e informal, estando articuladas de modo a que o entrevistado se sinta confortável para se expressar sem condicionalismos e possa utilizar o seu vocabulário original. Este tipo de entrevista é utilizado quando o investigador dispõe de informação bibliográfica que o auxilia na temática que pretende estudar: deve existir um guião, pelo qual o investigador se rege ao longo do processo : “As boas entrevistas caracterizam-se pelo

facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista” (Biggs, 1986 citado por Silva et al 2017, p.78)

Relativamente ao tratamento das entrevistas, procedi às transcrições das mesmas segundo o proposto na obra da Isabel Guerra, e segui posteriormente para a análise das mesmas, isto é, o que coincidia e divergia nas duas, e tentei relacionar a fundamentação teórica com o que foi dito nas entrevistas.

As entrevistas serão, assim, flexíveis, isto é, as questões não precisam de seguir a ordem prevista no guião e poderiam surgir novas questões no decorrer da entrevista (Matos, 2005 citado por Corcetti et al, 2014, p.6).

Segundo Isabel Guerra (2006), nas metodologias compreensivas as primeiras relações entre variáveis potencialmente explicativas do funcionamento social são colocadas no contexto da descoberta (p.22).

No entanto, esta apresenta certas limitações, como a generalização dos resultados. Mas, tem a vantagem de “produzir boas hipóteses de investigação” testando o objeto sociológico através de várias técnicas de recolha de dados (Guerra, 2006). “Um dos motivos tradicionais de menosprezo pelas metodologias compreensivas é o receio da perda de objetividade do entrevistador. Esta postura está tão enraizada que mesmo um dos mais insuspeitos metodólogos, Sierra Bravo, escreve que esta peculiaridade da entrevista ( o facto de criar uma interação intimista entre entrevistado e entrevistador) altera e modifica imediatamente a pureza necessária à observação científica (1983, p.319, citado por Guerra, 2006, p.21) No entanto, é de assumir como pressuposto desta postura metodológica que estamos perante sujeitos racionais (entrevistador, mas também entrevistado), sendo que ambos dão sentido à sua ação e de forma transparente, definem o objetivo dessa interação: um pretende colher informações sobre percursos e modos de vida sobre os quais o outro é informador privilegiado pelo fenómeno social que viveu.

Na pesquisa qualitativa, os critérios de validade e de confiabilidade assumem aspetos particulares. Isso deve-se a algumas das suas características. Uma delas diz respeito ao facto de a investigação qualitativa ser sempre, em alguma instância, de carácter interpretativo. Com isso, a subjetividade do investigador está presente em todo o desenvolvimento da investigação. Por outro lado, a investigação qualitativa, também, assume pelo menos certo grau de indução, que pode chegar à sua forma mais pura, despojada de teoria e sem a formulação de hipóteses, mas permanecendo aberta à descoberta, mesmo quando se utiliza de um quadro teórico prévio, uma vez que este não

será operado no nível de variáveis (Leão; Mello; Vieira, Risjord, Moloney, Dunbar, 2009, p.194).

Assim, estamos perante um investigador que, como sujeito inteligente, é capaz de reconhecer o seu interesse na pesquisa e concentrar-se na maioria das interrogações que o investigador coloca. Também se lhe reconhece o direito de recusar prestar informações, por não concordar com alguma dimensão da pesquisa ou por qualquer outra razão. Assim, os dois princípios éticos, que são o de informar corretamente os indivíduos acerca dos objetivos de investigação e proteger as fontes, devem ser garantidos; o resto é uma interação entre atores racionais capazes de relacionamento humano.” (Guerra, 2006, p.22)

Lessard-Herbert e outros (1997, citados por Guerra, 2006, p.52) assinalam a relação entre a validade de uma investigação e o respeito por princípios de ordem ética, nomeadamente os dois que mais privilegia: informar corretamente os indivíduos dos objetivos da investigação e proteger as fontes. É necessário também assegurar os princípios de uma relação de confiança, como a clareza de ideias para poder transmitir os objetivos do trabalho, a neutralidade face a juízos de valor, o envolvimento dos próprios na pesquisa, e, sempre que possível, a devolução dos resultados. Claro que se pretende uma relação de neutralidade face ao conteúdo do que é dito, mas a ética da relação estabelecida nas entrevistas é comunicacional e não apenas relacional, pelo que se revelam fundamentais as capacidades de empatia e de interação humana.

O guião foi construído em função dos objetivos que decorrem da problematização, por forma a ter em consideração diversos aspetos da prostituição. Assim, contém várias dimensões, como sejam as perceções que os estudantes têm as motivações de entrada no mundo da prostituição, as representações e possível estigmatização social da prostituição, a finalidade monetária, as formas de divulgação do trabalho, entre outras.

A análise de conteúdo das entrevistas foi também realizada, esta pode caracterizar-se como uma técnica de pesquisa sistemática. Este tipo de técnica permite a organização do conteúdo de forma objetiva, expondo aquilo que uma simples leitura ou audição das entrevistas não permite obter.

“É pressuposto que a análise de conteúdo é uma técnica e não um método, utilizando o procedimento normal da investigação - a saber, o confronto entre um quadro de referência do investigador e o material empírico recolhido. Nesse sentido, a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as

regras de inferência.” (Guerra, 2006, p.62) A análise de conteúdo pretende descrever as situações, mas também interpretar o sentido do que foi dito. Conforme Isabel Guerra nos diz “De facto, quando falamos em investigação empírica, falamos de uma série de operações como descrever os fenómenos (nível descritivo), descobrir as suas covariações ou associações (nível correlacional e grosso modo objetivo da análise categorial) e, ainda, descobrir relações de causalidade/ de interpretação das dinâmicas sociais em estudo (nível interpretativo e grosso modo correspondente à análise tipológica das dinâmicas sociais (Guerra, 2006, p.69).

Segundo Isabel Guerra (2006) “a escolha da técnica mais adequada para analisar o material recolhido depende dos objetivos e do estatuto da pesquisa, bem como do posicionamento paradigmático e epistemológico do investigador”. Posto isto, existem quatro tipos de análise de conteúdo, nomeadamente o categorial, de avaliação, enunciação e expressão. O tipo categorial consiste numa análise temática que constitui sempre a primeira fase da análise do conteúdo e geralmente é descritiva.

Numa fase metodológica inicial, procedi à recolha da amostra de investigação. Uma amostra de investigação deve ser caracterizada por apresentar uma composição próxima da existente no todo. A amostra foi composta por estudantes universitários da Universidade do Minho, sendo assim uma amostragem não probabilística, nomeadamente por conveniência, dado que esta escolha se prende pelo fator proximidade e pelo facto de assegurar que os atores potencialmente relevantes para a compreensão e explicação do fenómeno - os estudantes universitários - fossem ouvidos, bem como se caracteriza por ser pouco dispendiosa e simples na aplicação. A amostra foi assim composta por 15 estudantes universitários, o que se traduziu em 15 entrevistas.

O método usado foi o indutivo, uma vez que após analisar um conjunto de casos particulares, os generalizei. O método indutivo tem como característica considerar a fonte como elemento crucial para a construção do saber.

Em estudos anteriores realizados sobre a prostituição, geralmente a metodologia é também de cariz qualitativo, sendo que de entre as técnicas mais utilizadas encontram-se entrevistas a prostitutas, bem como a observação direta.

Quanto às fases de investigação, o projeto foi composto por sete fases de investigação.

O processo de investigação começou com uma pesquisa documental, em que procedeu a um levantamento exaustivo da bibliografia e documentos existentes que versassem sobre o fenómeno da prostituição e da prostituição de luxo. Esta pesquisa de literatura foi feita de forma a permitir definir uma problemática para o estudo.

A estrutura subjacente à redação de uma problemática de investigação são o resumo, a introdução, o estado de arte, a metodologia, a apresentação de resultados, discussão de resultados, conclusão, e, por fim, a bibliografia.

Como tal, a estrutura do projeto foi primeiramente um resumo, em que descrevi a investigação na generalidade; seguidamente uma introdução em que expliquei os principais conceitos necessários à compreensão do assunto de investigação, bem como a definição dos objetivos do estudo, isto é, conhecer e compreender quais são as informações que pretendia retirar com a realização do projeto. A terceira etapa do processo de investigação foi o estado de arte, em que se pretende uma referência a estudos anteriores já realizados sobre o mesmo tema, bem como aos quadros teóricos em que estes se inscrevem.

A quarta fase foi a metodologia, que se caracteriza pela definição do procedimento metodológico mais adequado, considerando o uso de técnicas qualitativas de recolha e tratamento de informação. Além de se tratar de um estudo demorado, por abarcar muitas variáveis, o estudo implica um longo caminho para a definição das técnicas, a sua aplicação e validação. Em relação às opções metodológicas, decidi fazer uso da entrevista. Tratando-se de uma metodologia qualitativa, procurei ler e aprofundar a problemática ao mesmo tempo que recolhi a informação. Nesse sentido, aproveitei as vantagens da investigação indutiva e também da dedutiva.

Na quinta fase da estrutura do projeto de investigação, fiz uma apresentação dos resultados obtidos com as entrevistas realizadas, sendo que estas foram sujeitas a análise de conteúdo, realizada mediante um leque de categorias – algumas já definidas previamente, no guião, outras criadas a partir da análise prévia do material recolhido. A análise de conteúdo tem sentido quando guiada por um conjunto de conceitos e de objetivos traçados para a investigação. Por isso, ela deve ser realizada com tempo e mediante os enquadramentos teóricos estabelecidos.

Na sexta fase do projeto de investigação discuti os resultados apresentados, bem como tentei estabelecer uma relação entre os resultados analisados e as principais ideias do estado de arte. De seguida, apresentei a conclusão em que expus as principais conclusões retiradas da investigação realizada e, por último, a bibliografia onde referenciei os autores e as obras que contribuíram para a realização do projeto.

Como referenciado anteriormente, o facto do projeto ser de cariz qualitativo traz mais dificuldades em termos de generalização de resultados e implica desafios quanto à validade e à credibilidade, pelo que importa controlar durante o percurso de investigação.

O modelo de análise é fundamental para que se construa a ligação entre a leitura e os objetivos do projeto e as dimensões permitem-nos apreender de melhor forma as informações mais importantes para responder à nossa pergunta de investigação. Apresentei o modelo de análise deste projeto e as diferentes dimensões de análise, bem como a razão pela qual achei pertinente utilizá-las.

## 11. Análise de Conteúdo

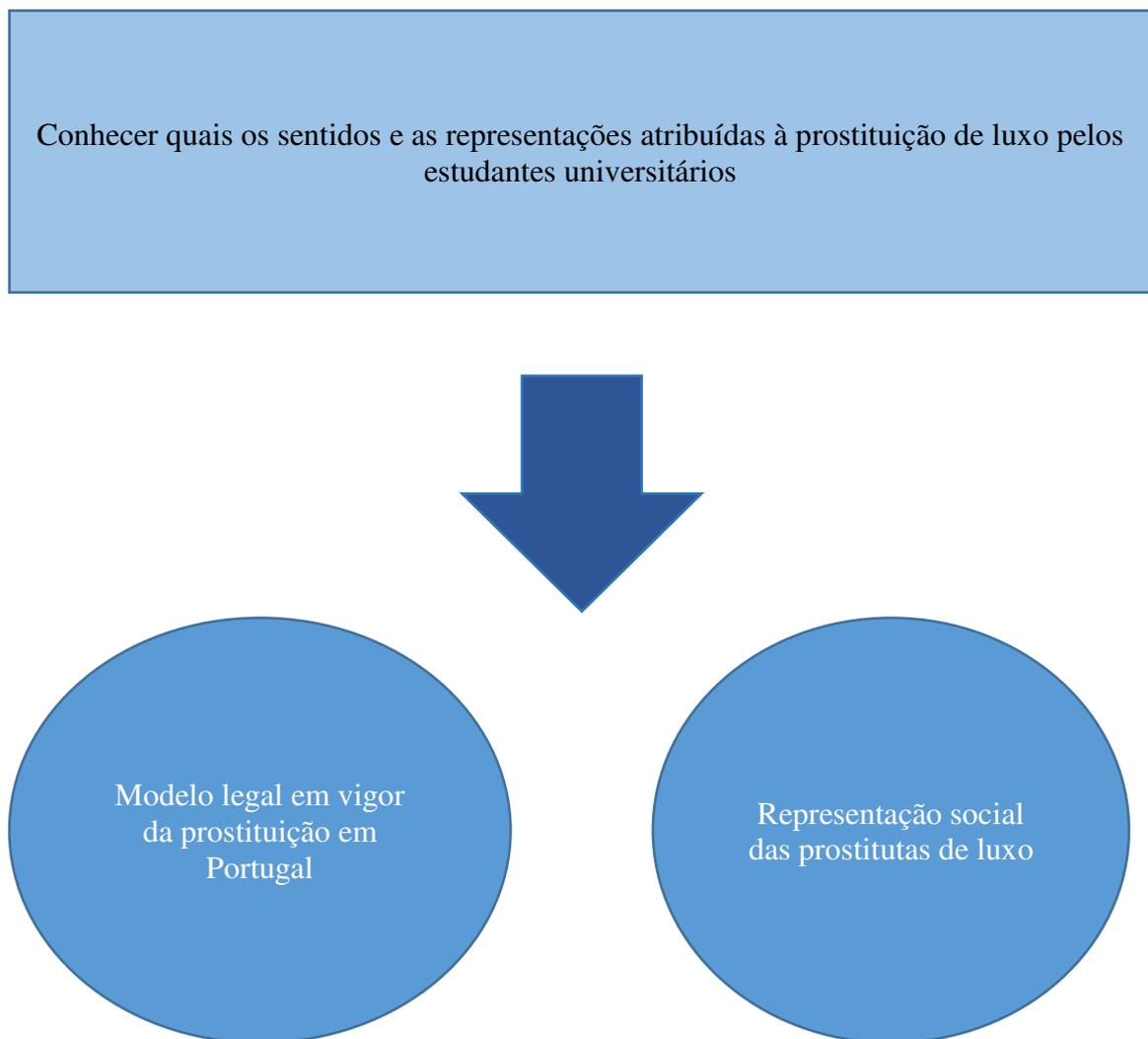
Na presente investigação comecei inicialmente por fazer pesquisa bibliográfica por forma a obter mais informações sobre a prostituição de luxo. “A démarche hipotético-dedutiva, defendida, por exemplo, por Gaston Bachelard e Pierre Bourdieu, valoriza o papel primordial e decisivo da teoria, nomeadamente nos primeiros momentos da pesquisa. A pesquisa empírica, subordinada à construção prévia da problemática e do modelo de análise, desenrola-se sob o signo das questões, dos conceitos e, sobretudo, das hipóteses diretoras. O facto científico conquista-se, constrói-se, constata-se” (G. Bachelard, citado por Gonçalves, 2004, p.35).

Inicialmente, quando ocorre uma ideia de investigação, é provável que o domínio do assunto, em termos teóricos, metodológicos e substantivos, se manifeste insuficiente, sendo, por isso, absolutamente necessária a pesquisa de informação relativa ao tema em estudo. “A prossecução da investigação apela a um estudo exploratório suscetível de nos facultar um melhor conhecimento e uma consciência mais apurada tanto da realidade a estudar como da viabilidade do projeto e dos caminhos a percorrer. Estas atividades prévias podem revestir várias formas: pesquisa documental, nomeadamente bibliográfica, entrevistas exploratórias” (Gonçalves,2004, p.34). No caso da presente investigação, como anteriormente se referiu, além da pesquisa documental sobre o tema, tem também como suporte as entrevistas a estudantes universitários sobre o que consideram ser a prostituição de luxo.

Quanto às dimensões de análise, as mesmas permitem-nos saber com precisão quais são as informações necessárias a estudar. As dimensões de análise são, assim, conhecer qual o significado de prostituição de luxo para os estudantes universitários; e qual o modelo legal em vigor que os mesmos pensam existir em Portugal. Como objetivos do projeto, pretende-se saber se os estudantes estigmatizam a prostituição; saber o que na perspetiva de um estudante motiva um individuo a enveredar por uma prostituta de luxo; saber se os estudantes universitários conhecem qual o modelo legal em vigor da prostituição em Portugal; conhecer qual a perceção que os estudantes têm da facilidade ou dificuldade da vida de prostituta de luxo e porquê; bem como saber se consideram existir prostitutas de luxo no mundo universitário.

Pretende-se também verificar se existem ligações entre alguns objetivos. Por exemplo, saber se os estudantes universitários estigmatizam ou não a prostituição e entender se essa opinião está relacionada com a motivação que pensam ser de entrada no mundo da

prostituição. Outra dimensão que se pretende relacionar será o facto de considerarem a vida de uma acompanhante de luxo fácil ou difícil consoante se estigmatizam ou não a prostituição; bem como relacionar se o facto de considerarem a existência, ou não, de prostitutas no mundo universitário estar relacionado com aquilo que consideram ser a motivação da entrada no mundo da prostituição de luxo. Por último, pretende-se também ver se existe uma relação entre aquilo que os estudantes pensam que uma prostituta de luxo representa e a estigmatização social.



*Figura 1 - Modelo de análise*

Tal como a pergunta de investigação o indica, pretende-se saber com este projeto quais os sentidos e as representações atribuídas à prostituição de luxo pelos estudantes universitários. Isto é, analisar quais as representações que os estudantes têm da

prostituição de luxo e como essas representações têm impacto na percepção das prostitutas de luxo.

A amostra de investigação deste estudo foram quinze estudantes universitários, que foram entrevistados por forma a analisar qual a sua opinião sobre a prostituição de luxo. Assim, foram entrevistados 6 homens e 9 mulheres. Quanto à sua área de estudos, mais de 50% estudavam em cursos científico-humanísticos, e os restantes estudavam em cursos relacionados com ciências e tecnologias.

### 11.1. Caraterização da amostra

Sexo e percepções sobre a prostituição	60% dos estudantes entrevistados eram mulheres e 40% eram homens	9 mulheres 6 homens
Idade e percepções sobre a prostituição	Mais de 50% da amostra era composto por indivíduos com 25 anos ou menos	3 pessoas com 22 anos (20%) 3 pessoas com 23 anos (20%) 1 pessoa com 24 anos (6,67%) 1 pessoa com 25 anos (6,67%) 1 pessoa com 26 anos (6,67%) 1 pessoa com 28 anos (6,67%) 1 pessoa com 30 anos (6,67%) 2 pessoas com 31 anos (13,33%) 1 pessoa com 37 anos (6,67%) 1 pessoa com 40 anos (6,67%)

Curso	7 de letras e 8 de ciências	Administração pública, Engenharia Civil, Gestão (2), Engenharia Informática (2), Economia, Medicina.  Educação Social, Sociologia (2), Direito (2), Psicologia, Marketing e Publicidade
-------	-----------------------------	--

*Tabela 1 - Caracterização da amostra*

Quanto à grelha da entrevista que permitirá obter e analisar qual a opinião dos estudantes universitários sobre a prostituição, a mesma encontra-se assim dividida em dimensões de análise, qual a questão que permitirá analisar essa dimensão de análise, e seguidamente qual o objetivo, ou seja, o que se pretendia saber em concreto nesta dimensão de análise e com a pergunta realizada. O mesmo está explícito nas tabelas abaixo identificadas.

### 11.2. Grelha da Entrevista

Tópicos	Perguntas	Informação Pretendida
<b>Modelo legal em vigor da prostituição em Portugal</b>	Acha que a prostituição é legalizada em Portugal?  Quanto ao modelo legal em vigor da prostituição em Portugal, esta encontra-se mais próximo do sistema abolicionista, em que nem se	Saber se os estudantes universitários conhecem qual o modelo legal em vigor da prostituição em Portugal  Saber se os estudantes universitários concordam com o sistema legal da Prostituição em Portugal

	<p>proíbe nem se legaliza a prostituição. Concorda com este modelo? Porquê?</p>	
<p><b>Representação social da prostituição de luxo</b></p>	<p>O que é, para si, uma prostituta de luxo? Acha que é uma profissão como outra qualquer?</p> <p>Acha que a vida de uma prostituta de luxo é fácil ou difícil? Porquê?</p> <p>Acha que é fácil as prostitutas voltarem a ter uma profissão "normal" se quiserem abandonar a prostituição?</p> <p>Acha que existem diferenças entre uma prostituta de rua e uma prostituta de luxo? Que tipo de diferenças?</p> <p>Identifique 3 traços físicos e de personalidade que considera que as prostitutas apresentam</p>	<p>Conhecer quais os sentidos e representações atribuídos a prostituição de luxo pelos estudantes universitários;</p> <p>Conhecer qual a perceção que os estudantes têm sobre a facilidade ou dificuldade da vida de prostituta de luxo e porquê;</p> <p>Saber se os estudantes consideram que é exequível os acompanhantes de luxo voltarem a ter outra profissão se pretenderem abandonar a prostituição;</p> <p>Perceber se existe um padrão ao comparar uma prostituta de luxo comparativamente a uma que não o é;</p> <p>Perceber se existe para os estudantes universitários o padrão de uma prostituta;</p>

<p>Formas de divulgação do trabalho</p>	<p>Onde achas que estão divulgadas as ofertas de emprego de uma prostituta de luxo?</p>	<p>Saber de que forma os meios de comunicação podem promover ou facilitar a prostituição;</p>
<p>Representação social dos clientes que frequentam as prostitutas de luxo</p>	<p>Que tipo de homens acha que procuram os serviços sexuais de uma prostituta de luxo? (Idade, estado civil, profissão, o que procuram...)</p>	<p>Saber qual o tipo de clientes que frequentam a prostituição de luxo na opinião dos estudantes universitários;</p>
<p>Prostituição universitária</p>	<p>Acha que existem estudantes universitárias que são, também, prostitutas de luxo?</p>	<p>Saber se consideram existir prostitutas de luxo no meio universitário;</p>
<p><b>Motivações</b></p> <p>Motivação económica</p>	<p>Qual considera serem as motivações da mulher na entrada no mundo da prostituição?</p> <p>Qual considera serem as finalidades que as prostitutas dão ao dinheiro?</p>	<p>Conhecer o que na perspetiva dos estudantes motiva uma mulher a ser prostituta de luxo;</p> <p>Conhecer se os estudantes consideram que as prostitutas de luxo o são por dificuldades económicas ou por manutenção de um nível de vida elevado.</p>

*Tabela 2 - Grelha da Entrevista*

### **11.3. Apresentação e discussão de resultados**

A apresentação de resultados irá ser feita em função das dimensões de análise.

#### **11.3.1. Modelo legal em vigor da prostituição em Portugal**

Quanto à dimensão de análise “Conhecer o modelo legal em vigor da prostituição em Portugal”, tal como referido anteriormente, verifica-se que em Portugal não existe uma lei que aceite ou proíba a prostituição, apenas se proíbe o crime de lenocínio (alguém que gere o negócio de prostituição e obtém parte do lucro da mesma). Assim sendo, quanto à legalização da prostituição, de todos os sistemas existentes, Portugal encontra-se mais próximo do sistema abolicionista.

Com a dimensão de análise “modelo em vigor da prostituição em Portugal” pretendia-se saber se os estudantes conheciam qual o modelo, bem como se concordavam com o mesmo. Assim, questionados quanto ao conhecimento do atual modelo legal em vigor da prostituição em Portugal, apenas dois, os estudantes de direito, afirmaram conhecer o modelo legal em vigor.

*“...As prostitutas são um grupo que não está enquadrado legalmente. Portugal tem uma lacuna no sistema quanto à prostituição em Portugal. Sei que se diz que estamos enquadrados no sistema abolicionista, mas não estamos. Abolicionista significa que se aboliu algo, e nós nunca abolimos nada porque nunca conseguimos enquadrar as prostitutas na categoria de IRS, por exemplo”* (Estudante de direito; 31 anos)

Os restantes treze estudantes desconheciam qual a posição de Portugal relativamente à prostituição, ou afirmando que acreditavam ser ilegal, ou afirmando não saber se era legal ou não. Com isto, pode-se concluir que a maioria dos estudantes não têm conhecimento do que a lei diz a respeito da prostituição. Este desconhecimento pode dever-se a fatores como sejam a falta de interesse pelo tema, dado que existindo interesse no mesmo não há dificuldade no acesso a esta informação, inclusive através de uma simples pesquisa na internet sobre o assunto.

Quanto ao concordarem com o modelo legal em vigor da prostituição em Portugal, a maioria dos estudantes não concordava.

*“...Não concordo. Acho que a prostituição devia ser legalizada. Dessa forma as prostitutas podiam contribuir para o PIB efetuando descontos, tendo direito a sua reforma, tendo direito a seguros de saúde. Tudo isto seria benéfico, sendo vigiadas na saúde haveria um menor risco de contágio e transmissão de Doenças Sexualmente Transmissíveis.. A prostituição vai existir sempre independentemente de ser legalizada ou não, por isso penso que ao ser legalizada o número de prostituição não iria aumentar, mas sim estabilizar e minorar os danos que a mesma possa causar. “(Estudante de Sociologia; 23 anos)*

*“...Não, porque através deste modelo, as pessoas que recorrem à prostituição como forma de obterem algum tipo de sustento económico não têm acesso aos benefícios que são comuns a todas, ou quase todas, as profissões/atividades profissionais. Tendo em conta o alto risco de propagação de doenças sexualmente transmissíveis, não concordo que estas pessoas não tenham acesso, com apoio do estado, ao sistema de saúde público. “(Estudante de psicologia; 24 anos)*

*“...Não concordo. É certo que a prostituição é ainda um tema muito sensível nos dias que correm, principalmente, no que diz respeito às representações sociais e aos valores que vigoram na sociedade. Mas, por vezes, devemos olhar para os fenómenos de uma outra perspectiva! Se pensarmos na liberdade e na escolha das mulheres e homens que "utilizam" o corpo como forma de sustento percebemos que correm muitos riscos, principalmente a nível de saúde, que se torna também uma questão de saúde pública, a legalização da prostituição poderia proteger estas pessoas. ” (Estudante de sociologia; 23 anos)*

De um modo geral, os estudantes desconheciam qual o modelo legal em vigor da prostituição em Portugal. No entanto, quando informados sobre o modelo em vigor afirmavam não concordar com o mesmo devido ao facto de considerarem que as prostitutas deveriam contribuir para o produto interno bruto, pagando impostos e efetuando descontos para a segurança social, tendo direito um dia à sua reforma, assim como consideravam que estas mulheres poderiam ter o apoio do estado em questões de

saúde se a sua profissão fosse legalizada, nomeadamente na concretização de seguros de saúde próprios para a sua profissão, dando-lhes uma maior possibilidade de controlo e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis - dado que a prostituição interfere com a saúde pública - bem como de conseguirem ter direito à baixa quando estão doentes.

Se a prostituição fosse legalizada, além de contribuir para os fatores acima identificados, contribuiria também para a realização de empréstimos para a compra de uma casa ou de um carro, algo que as mesmas não conseguem devido ao facto de não terem uma declaração de rendimentos que possam apresentar às entidades bancárias.

Assim, na opinião dos estudantes, a legalização da prostituição contribuiria para tudo isto, bem como para acabar com o facto de a prostituição se situar na economia paralela.

A opinião dos entrevistados vai assim de encontro com a opinião dos especialistas que consideram que a legalização da prostituição traria mais benefícios do que desvantagens.

### **11.3.2. Representação social das prostitutas de luxo**

Com a dimensão de análise “representação social das prostitutas de luxo” pretende-se saber, entre outras, qual a ideia que os estudantes têm das prostitutas de luxo. Com a questão relativa a quais os três traços físicos e psicológicos que associam a uma prostituta, pretende-se saber se os universitários estabelecem um padrão do que é uma prostituta.

### **11.3.3 Traços físicos e psicológicos das prostitutas**

Na opinião dos estudantes, os traços físicos e psicológicos que caracterizam as prostitutas de luxo são:

*“...Físicos: Estatura média, corpo cuidado, cara embelezada (maquilhagem, acessórios, etc.) Personalidade: Autoconfiança, boas capacidades de comunicação, boas capacidades de sedução”* (Estudante de psicologia; 24 anos)

*“...Roupas caras, bem maquilhadas e bem definidas de corpo. Astutas, desenrascadas, sedutoras”* (Estudante de direito, 31 anos)

*“...Boa forma física, bem arranjadas e sensuais. Manipuladoras, inteligentes e perspicazes”* (Estudante de Medicina, 37 anos)

*“... Bonitas, atraentes, cuidadas. São extrovertidas, safadas, e sem tabus” (Estudante de administração pública, 26 anos)*

*“...Tesudas, jeitosas, com corpos elegantes e com um poder de encaixe e de abstração muito grande” (Estudante de Geografia, 40 anos )*

*“...Geralmente imagino que terão corpos "trabalhados" não só em ginásio como cirurgicamente. Imagino também que serão pessoas que, pelo menos no local de trabalho, sejam ou encorporem uma personagem extremamente provocante e extrovertida” (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)*

Através da leitura de bibliografia, percebe-se que existem claras diferenças físicas e psicológicas entre uma prostituta de luxo e uma prostituta de rua. Frequentemente se associa uma prostituta de rua a uma mulher com fraca apresentação, com uma má denteição, rugas do peso da vida, e má forma física devido às carências económicas e consequentemente alimentares que têm. O seu vestuário não se considera elegante nem apresenta cuidados de beleza (cabelo arranjado, maquilhagem, unhas pintadas). Mesmo psicologicamente, considera-se maioritariamente que uma prostituta de rua é uma mulher carente, frágil e com fracas capacidades de comunicação. No entanto, a descrição é oposta quando se refere a prostitutas de luxo, quase sempre consideradas como vistosas, com corpos trabalhos, cuidados de beleza (unhas e cabelo arranjado, maquilhadas, com cirurgias estéticas). Psicologicamente associam-se traços de mulher dominante, objetiva e bem resolvida.

Algumas das características das acompanhantes de luxo são o excessivo cuidado com o cabelo, com a pele, com o corpo, com a higiene íntima, com o uso de preservativo, com a alimentação e com o uso de roupas de boa qualidade. São vistas com grande a frequência em salões de beleza, em ginásios, em clínicas para tratamentos estéticos e em lojas que vendem roupas de marcas caras. Isso porque a sua aparência é o seu cartão de visita e quanto mais bonitas, bem vestidas e, principalmente, menos aparentarem serem profissionais do sexo, melhor será a sua clientela, visto que um dos fatores que as caracterizam como prostitutas de luxo é justamente não parecerem profissionais do sexo. Todas essas características reunidas supervalorizam o produto oferecido por essas mulheres, o prazer sexual, de modo que se utilizam disso para cobrarem um alto valor pelos serviços que prestam.

No geral, os estudantes consideram as prostitutas de luxo mulheres autoconfiantes, com boas capacidades de comunicação e sedução, determinadas, manipuladoras, inteligentes, perspicazes, extrovertidas e objetivas. Já em termos de traços físicos, consideram que as mesmas usem bastante maquilhagem, tenham silicone e cirurgias estéticas na cara e no resto do corpo, um corpo trabalhado, e sejam, inclusivamente, bonitas.

Assim, os entrevistados apresentam um padrão do que é uma prostituta, que condiz com algumas das características das prostitutas de luxo enunciadas na parte teórica do presente projeto, em que se afirma que as prostitutas de luxo têm bastantes cuidados com o seu corpo, bem como o facto de as mesmas não parecerem profissionais sexuais.

#### **11.3.4. Motivações de entrada na prostituição**

Continuando na dimensão de análise “representações sociais da prostituição de luxo” e questionados os estudantes quanto às motivações que levam à entrada de uma mulher no mundo da prostituição, os mesmos consideram:

*“...Económicas” (Estudante de Direito; 31 anos)*

*“...O dinheiro fácil, o facto de não pagar IRS, e porque gosta do que faz ” (Estudante de Administração Pública; 26 anos)*

*“...Principalmente dinheiro, mas não por necessidade” (Estudante de Medicina; 37 anos)*

*“...A necessidade de dinheiro, obviamente, que poderão haver exceções” (Estudante de sociologia; 23 anos)*

*“...A procura de um bom nível de vida, a entrada na vida famosa, ou até mesmo só ter dinheiro para as coisas delas” (Estudante de Direito; 23 anos)*

*“...O Dinheiro, essencialmente. A necessidade de elevar o seu ego” (Estudante de sociologia; 23 anos)*

*“...É o caminho mais fácil. A forma mais rápida de obter dinheiro.”* (Estudante de Marketing e Publicidade, 25 anos)

*“...Dinheiro em troca de algo que dá prazer. A partir do momento em que se desvaloriza o lado emocional e moral do acto, pode considerar-se um trabalho de "dinheiro fácil”.* (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)

A maioria dos estudantes universitários consideram que a principal motivação da entrada no mundo da prostituição é o dinheiro. O facto de considerarem o dinheiro como principal motivação deve-se, na opinião dos universitários, não só ao facto de este ser fácil de obter pelas prostitutas, como também por não efetuarem descontos para o IRS. Alguns estudantes consideram também que as prostitutas de luxo gostam do que fazem, e como tal o facto de fazerem algo que gostam e ainda receberem por isso faz com que seja fácil obter rendimentos e ter motivação para trabalhar.

A opinião dos entrevistados, vai, assim, de encontro à bibliografia sobre a prostituição de luxo em que se considera que a mulher prostituta o é por opção e não porque não tem outra forma de obter rendimentos. Como tal, os estudantes consideram que a prostituição é uma escolha, embora possam reconhecer uma série de constrangimentos estruturais que têm a capacidade de determinar o seu percurso e, numa série de opções possíveis, a mulher escolhe aquela que pensa ser a mais conveniente para ela, isto é, em determinado momento, após equacionarem vantagens e desvantagens, optam pela prostituição. O facto de os estudantes considerarem que a mulher que está na prostituição tem como principal motivação o dinheiro que ganha também derruba o estereótipo que diz que “a mulher não quer estar lá por opção, há sempre alguém a obrigá-la e, se ela puder, sai”. Os estudantes consideram, assim, que a prostituta o é devido à remuneração que consegue obter com o seu trabalho. Ou seja, a opinião dos estudantes é de que as prostitutas enveredaram por esse caminho dadas as vantagens da carreira prostitucional comparativamente a outras (rendimentos altos, vida fácil, e até mesmo a possibilidade de obterem prazer sexual). Muitas prostitutas, além da motivação económica consideram o facto de poderem ser autónomas e terem capacidade de decisão na profissão como uma mais-valia. Para muitas, é ali que está a sua independência, porque quem não é economicamente independente não tem a liberdade garantida. Algumas mulheres veem também a prostituição como uma oportunidade de terem o seu próprio espaço, de serem mais independentes do que

seriam noutras profissões. Este fator pode dever-se também ao facto de as prostitutas por vezes terem relações de dependência de homens (maridos, pais, outros familiares) mas com os clientes isso inverte-se, o poder é delas. Alguns estudantes referiram que as prostitutas além do dinheiro que recebem, também gostam daquilo que fazem. A prostituta pode ter gostar daquilo que faz não só pelo facto de conseguir com a sua profissão explorar o sexo, o seu corpo e as diferentes formas de ser e de estar de cada cliente com quem se relaciona.

Antigamente definia-se a prostituição como a ausência de escolha e de prazer. A escolha, como referido anteriormente, existe. Relativamente ao prazer, embora não seja algo facilmente admitido pelas prostitutas, os estudantes consideram algumas acabam por tê-lo com os clientes. No entanto, esta ideia não está presente na sociedade devido a ser considerada polémica, o admitir que uma prostituta é ativa, que escolhe, e que além disso o faz porque para ter prazer sexual, é mais um tabu para o que se julga ser o comportamento sexual adequado a uma mulher. Por isso, o caminho mais fácil é o da sociedade as encarar como vítimas e não como sexualmente ativas, porque o comportamento esperado de uma mulher não é aquele, é o recato, a fidelidade e a monogamia.

#### **11.3.5. Finalidades que as prostitutas atribuem ao dinheiro que auferem**

Ainda na dimensão de análise “representações sociais da prostituição de luxo” atendendo a quais as finalidades que as prostitutas dão ao seu dinheiro, os estudantes pensam ser:

*“...Vícios e uma pequena parte estudos”* (Estudante de Direito; 31 anos)

*“...Luxos”* (Estudante de Medicina; 37 anos)

*“...Investem em si próprias. Viajam, compram roupa e acessórios. Não é para sustentar a família, porque não querem ter filhos.”*(Estudante de Administração Publica; 26 anos)

*“...Roupas, estética, e juntar dinheiro”* (Estudante de Geografia; 40 anos)

*“...Dinheiro essencialmente para elevar o seu ego.”* (Estudante de sociologia; 23 anos)

*“...Eles trocam dinheiro para satisfazer outras necessidades, onde podem fornecer outras comodidades (carro, casa, jóias).”*(Estudante de Economia; 31 anos)

*“...Em vida de luxo, carros, casas”* (Estudante de Gestão; 22 anos)

*“...Pagam despesas mas também investem em si próprias (roupa, viagens, acessórios, carro, luxos)”*(Estudante de Sociologia; 23 anos).

*“...Umam financiam a própria instrução, e usufruto próprio (extensões cabelo, unhas gel)”* (Estudante de Marketing e Publicidade; 25 anos)

*“...Dependerá de pessoa para pessoa certamente, mas dependendo do nível social e económico da clientela de cada uma, poderá ir desde o simples "pagar as contas ao fim do mês" até viver uma vida completamente de luxo, desafogada e sem preocupações”* (Estudante de Engenharia informática; 28 anos).

Na generalidade, os estudantes consideram que as prostitutas de luxo o são não por dificuldades económicas, mas sim por manutenção de uma boa qualidade de vida. Como tal, consideram que a principal finalidade que dão ao dinheiro que recebem são luxos, como sejam roupas e acessórios para si próprias, cabeleireiro, estética (manicure e pedicure, spas e massagens) carro, casa, e viagens. Alguns estudantes consideram que as prostitutas de luxo gastam apenas dinheiro em si próprias, dado que não acham que as mesmas pretendam ter filhos. Outros acham também que o dinheiro que ganham serve para financiar a sua própria instrução, pois alguns entrevistados consideram que algumas prostitutas de luxo são também universitárias. No geral, os estudantes consideram assim que as prostitutas de luxo dão como principal finalidade ao dinheiro a manutenção de um bom nível de vida, e não despesas com necessidades básicas (comer, vestir).

O facto de as prostitutas de luxo investirem o dinheiro auferido em si próprias é, de certo modo, também desejável dado que quanto mais vistosas, mais cuidadas e bem apresentadas estas estiverem, maior a probabilidade de conseguirem adquirir mais clientes. A imagem no mundo da prostituição é o cartão de visita da prostituta, e como tal o facto destas mulheres pretenderem com a prostituição obter dinheiro para poderem investir em si próprias e o facto de investirem em si próprias as ajudar a atrair mais

clientes, faz com que o a finalidade que dão ao dinheiro que recebem seja assim causa-efeito da prostituição.

A perspetiva dos estudantes sobre qual a finalidade que pensam que as prostitutas dão ao dinheiro que recebem condiz com alguma bibliografia sobre prostituição de luxo, em que se afirma que as prostitutas de luxo o são para poderem alimentar o elevado nível de vida a que aspiram, o que se estivessem a exercer outra profissão não seria tão fácil, dado os elevados rendimentos que a prostituição lhes oferece comparativamente a uma profissão considerada “normal.” Como tal, pode-se considerar que na generalidade as prostitutas de luxo o são não por não terem outra forma de obter rendimentos, mas sim como uma forma de obterem rendimentos mais elevados.

### **11.3.6. Possibilidade de regresso ao mercado de trabalho numa profissão normal**

Continuando na dimensão de análise “representação social das prostitutas de luxo”, mas agora atendendo à possibilidade de mudança de área profissional das prostitutas de luxo e eventual preconceito e estigma social que possam sofrer, os estudantes consideram:

*“...Penso que depende de várias variáveis, das quais se destacam se estavam a trabalhar como prostitutas por conta própria ou sobre a alçada de um terceiro e, no caso deste último, se este terceiro aceitou o abandono, e também se na nova profissão estão pessoas cientes ou não da anterior “ocupação” como prostituta.”* (Estudante de Psicologia; 24 anos)

*“...Se não souberem que eram prostitutas sim. Caso contrário, não.”* (Estudante de Engenharia Informática; 30 anos)

*“...Nunca é fácil a reintegração social na sociedade, mas penso que é possível.”* (Estudante de sociologia; 23 anos)

*“...Penso que não.”* (Estudante de Administração Pública; 26 anos)

*“...Depende, se elas forem conhecidas num lugar não porque vão sempre estigmatizá-la, mas acho que tem direito a uma segunda oportunidade.”* (Estudante de Direito; 23 anos)

*“...Penso que sim, porque as prostitutas de luxo não estão tão expostas como as de rua, pelo que não correm o risco de ser muito reconhecidas quando pretendem mudar de profissão”* (Estudante de Sociologia; 23 anos)

*“...Penso que sim, seria mais complicado se elas fossem conhecidas como figuras públicas de alguma maneira. Como não é o caso, não vejo qualquer problema em terem um outro trabalho qualquer desde que tenham competência para o fazer.”* (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)

À prostituição está sempre associada a ideia de camuflagem. Essa razão existe porque ser-se prostituta é carregar um estigma ou ser-se cliente de prostituição pode significar, sobretudo na contemporaneidade, a exclusão de uma masculinidade moderna. A tentativa de camuflagem do mundo da prostituição vive da relação entre essas duas exclusões: a fuga da mulher ao estigma de ser ‘puta’ e da fuga de ser cliente de prostitutas. Devido à ideia de que a prostituição no geral e as prostitutas no particular devem ser camufladas, a prostituição por tudo aquilo que representa e as prostitutas para que não sofram estigma e preconceito social, os estudantes consideram que as prostitutas conseguem inserir-se noutra profissão se assim o entenderem, desde que não se saiba o que fizeram anteriormente. Isto demonstra que os estudantes acham que as prostitutas de luxo são estigmatizadas, e portanto a sua reintegração social e neste caso profissional só seria possível com o desconhecimento do seu passado pelos outros. O estigma é um atributo depreciativo conferido a um ou a mais indivíduos, partindo de uma determinada característica, tornando-a totalizadora e que é incongruente ao estereótipo criado de como as pessoas devem ser ou agir. No entanto, as pessoas estigmatizadas vão tentando manipular a sua identidade tentando sempre mostrar o seu “melhor lado”.

Assim, maioritariamente, os estudantes consideram que a reintegração social das prostitutas de luxo é possível, atendendo a que como o seu tipo de prostituição é mais camuflado do que as prostitutas de rua ou as prostitutas de alterne, as prostitutas não são reconhecidas com facilidade, sendo até mesmo desconhecidas, e como tal se quiserem mudar de área profissional não encontrarão dificuldades em aceder a outra profissão, dado que não sentirão o estigma social porque as pessoas no seu novo ambiente profissional vão desconhecer qual a sua anterior profissão. No entanto, pode-se também com isto concluir que os estudantes estigmatizam e acham que as prostitutas são estigmatizadas, dado que não consideravam fácil elas conseguirem mudar de profissão caso a sociedade

tivesse conhecimento do que fizeram profissionalmente no seu passado. Isto acontece porque a prostituição é vista como uma instituição social que pressupõe o intercâmbio sexual a troco de dinheiro e as prostitutas são vítimas de estigmatização e discriminação social, dado não deverem fazer sexo fora do âmbito afetivo e reprodutivo. O facto de uma mulher que trabalha como prostituta ser sempre considerada uma prostituta, independentemente de estar em horário laboral ou não, reflete assim o descrédito em relação a uma pessoa que tem esta profissão e impossibilita-a de aceitação profissional e social. Isto deriva da estigmatização, dado que quando é estabelecido um estigma a partir de uma determinada característica do indivíduo, neste caso, uma mulher que se prostitui e está inserida, como tal, no mundo da prostituição, passa a ser reconhecida apenas pela sua identidade de prostituta como se em todos os momentos agisse utilizando apenas aquela identidade.

Assim, não é de estranhar que os estudantes considerem que a prostituta se quiser abandonar a prostituição e inserir-se noutra área profissional tenha que omitir o seu passado, dado que as pré-concepções construídas sobre estereótipos obrigam a prostituta a esconder a atividade que exerce para evitar o preconceito e a discriminação, pois exercer uma atividade que não tem valorização social e é motivo de sofrimento e humilhação.

Se estivéssemos a falar da prostituição de rua e possibilidade de desistência por parte da prostituta para se dedicar a outra profissão, talvez as respostas dos estudantes diferissem um pouco, dado que atendendo às características da prostituta de rua (baixa escolaridade, problemas familiares, toxicodependência, fraca apresentação) as mesmas, ainda que conseguissem camuflar o seu passado, não conseguiriam ter reintegração social, tendo em conta o seu aspeto físico degradante e as suas baixas habilitações académicas.

#### **11.3.7. Estigmatização social da prostituição de luxo, dificuldades e/ou facilidades da mesma**

Ainda na dimensão de análise “Representações sociais da prostituição de luxo” pretende-se saber se os estudantes consideram que a prostituição é uma profissão como outra qualquer, bem como saber se acham que é uma profissão fácil ou difícil. Com estas respostas, será de fácil perceção entender se os universitários estigmatizam a prostituição.

*“...Uma prostituta de luxo, na minha opinião, é uma prostituta que não é única e exclusivamente contratada para a realização de atos sexuais, mas também para servir de acompanhante, tanto em eventos sociais como também para pura e simplesmente fazer companhia ao cliente, se for para isto que este/esta a contratou. Nem é uma profissão fácil nem difícil. Acho que varia de pessoa para pessoa, e da forma como elas próprias lidam com os encargos da vida, inclusive ter que se mostrar, arranjar, seduzir o cliente, ou mesmo "publicitar" os seus serviços a outrem.”* (Estudante de Psicologia; 24 anos)

*“...Uma prostituta de luxo é alguém que presta serviços de carácter sexual a troco de dinheiro. Não é uma profissão fácil nem difícil, são opções.”* (Estudante de Direito; 31 anos)

*“...Para mim uma prostituta de luxo para além dos valores que ganha serem superiores às outras, é uma mulher que se cuida, com melhor formação, faz acompanhamento a empresários porque se inserem facilmente e porque têm uma capacidade de dar prazer sexual mais do que o normal. Acredito que começar seja difícil, mas que depois se torne fácil devido ao facto de se habituar e do que os elevados ganhos lhe proporciona.”* (Estudante de Medicina; 37 anos)

*“...A prostituta de luxo é uma prostituta discreta. Acho que é uma profissão como outra qualquer. Fácil, porque obtém dinheiro rapidamente e tem o poder de controlar o tipo de clientes que recebe e o local onde os acolhe.”* (Estudante de Administração pública; 26 anos)

*“...Uma prostituta de luxo considera-se que tem um tipo superior de beleza ou forma de corpo, onde pode candidatar-se a aceitar apenas clientes ricos e ganhar muito dinheiro em comparação com outros tipos de prostitutas encontradas nas ruas ou nos anúncios de jornais.”* (Estudante de Economia; 31 anos)

*“...A definição de "prostituta de luxo" para mim relaciona-se com as condições mais favoráveis "de trabalho". Penso que sim, se considerarmos a liberdade de escolha de ambas as partes. Eu penso que dependerá muito de mulher para mulher e da forma como esta encara a sua vida e a sua "profissão".* (Estudante de Sociologia; 23 anos)

*“...Não porque teriam que pagar irs, e elas não tão habituadas, são uma profissão privilegiada. É uma profissão fácil, daí elas gostarem.”* (Estudante de Gestão; 22 anos)

*“...É uma mulher que vende o seu corpo a troco de dinheiro. Não é uma profissão como outra qualquer pois tem flexibilidade de horários, hipótese de escolha de clientes e até mesmo escolha do local de trabalho. Penso que inicialmente a adaptação seja difícil. No entanto, acho que a prostituta se vai conformando com a realidade que está a viver, tornando-se viciada nos ganhos que obtém.”* (Estudante de Sociologia; 23 anos)

*“...Objetivamente é um profissão como qualquer outra onde uma pessoa paga por um serviço. Não tenho informação suficiente para responder com conhecimento mas diria que dependendo do "patrão" que cada uma tenha podem ter vidas de luxo sim”.* (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)

Os estudantes acham que a prostituição de luxo não é uma profissão como outra qualquer. No entanto, consideram-no devido aos benefícios que acham que as prostitutas têm e ao controlo sobre o seu próprio trabalho, nomeadamente através da flexibilização do seu horário, o controle de onde realiza os seus serviços e até mesmo a hipótese de seleção dos clientes. Assim, consideram ser um trabalho neste aspeto privilegiado quando comparado com outros, dado que o poder que a prostituta tem no exercício das suas funções é quase total, sendo que o poder do cliente existe apenas até ao momento em que escolhe a prostituta. A partir daí, o poder passa a ser da trabalhadora do sexo. Porque a partir de determinada altura é a prostituta que dita as regras: quanto leva, o que faz ou não, se o preservativo é obrigatório, entre outras. É a prostituta que estabelece as fronteiras, as regras são ditadas por elas.

Através de leitura sobre a prostituição de luxo, percebe-se que a pior fase profissional da vida de uma prostituta de luxo é a fase de início de carreira, dado que embora a entrada na atividade seja ponderada, as mulheres não anteveem a tensão que lhes pode acarretar, sendo quase sempre as primeiras experiências negativas. No entanto, após algum tempo, as mesmas repõem o equilíbrio e passam a encarar as relações sexuais como instrumentais, sem implicação emocional, deixando assim de considerar as repercussões negativas. A fase inicial de uma prostituta de luxo é também a fase mais propícia ao abandono da profissão. Depois desta fase, o avançar da idade da prostituta será também uma fase mais crítica, quer

por cansaço, quer porque, à medida que envelhecem, deixam de ser tão apetecíveis e o seu rendimento diminui drasticamente.

Quanto aos rendimentos que estas mulheres obtêm, os estudantes também as consideram como sendo privilegiadas na medida em que conseguem auferir valores elevados e não têm que pagar imposto sobre os mesmos. O salário obtido com a profissão é assim o principal aspeto que os estudantes salientam como benéfico, achando inclusivamente que se inicialmente as prostitutas consideram o seu trabalho como difícil psicológica e moralmente, devido ao tipo de serviços que prestam, as mesmas mudam de opinião posteriormente quando começam a obter as elevadas quantias por serviço prestado.

A opinião dos estudantes é unânime quanto aquilo que consideram ser uma prostituta de luxo, uma mulher que realiza serviços sexuais a troco de dinheiro.

Quanto à estigmatização social dos estudantes universitários, verifica-se que os estudantes universitários estigmatizam mais as prostitutas de rua do que as prostitutas de luxo.

### **11.3.8. Diferenças entre uma prostituta de luxo e uma prostituta de rua**

Continuando na dimensão de análise “representações sociais da prostituição de luxo”, questionados sobre se existem diferenças entre uma prostituta de luxo e uma prostituta de rua, os estudantes consideram:

*“...Sim. As prostitutas de luxo tem mais condições de trabalho”* (Estudante de Engenharia Civil; 22 anos)

*“...Sim, acho que, para começar, o preço pedido pelas prostitutas de luxo será mais elevado do que o pedido por uma prostituta de rua, assim como o cuidado com a imagem e os cuidados de higiene.”* (Estudante de Psicologia; 24 anos)

*“...Sim. As de luxo podem escolher mais facilmente com quem saem, e nem toda a gente tem acesso aos serviços delas”* (Estudante de Direito; 31 anos)

*“...Sim, normalmente as de luxo tem outras exigências e luxos que as de rua não. O valor que cobram deve ser mais elevado, tem que ter uma série de traços físicos/cuidados*

*nomeadamente com o corpo, enquanto as de rua não têm nada disso.”* (Estudante de Educação Social; 22 anos)

*“...Sim, limpeza, formação, qualidade no serviço e segurança.”* (Estudante de Medicina; 37 anos)

*“...A prostituta de luxo é uma prostituta chique e seletiva. A de rua tem carências económicas, não tem condições de higiene.”* (Estudante de Administração Pública; 26 anos)

*“...Tirando o facto de venderem ambas o corpo, tudo o resto são diferenças... o tipo de mulher, tipo de clientes, local onde trabalham, etc...”* (Estudante de Sociologia; 23 anos)

Como se verifica, as diferenças centram-se essencialmente na questão da higiene, no preço, no tipo de clientes e no maior controlo que as prostitutas de luxo têm, no geral, sob a sua profissão comparativamente às de rua.

*“...As prostitutas de luxo não aceitam simplesmente qualquer cliente, ela tem que marcar "Sim" em todos os pontos necessários para que ela possa alcançar seu alvo. Por outro lado, a rua tem como objetivo coletar dinheiro de qualquer cliente que passa ... eles podem enfrentar mais riscos em termos de saúde”* (Estudante de Economia; 31 anos)

*“...Sim, normalmente as de luxo tem outras exigências e luxos que as de rua não. O valor que cobram deve ser mais elevado, tem que ter uma série de traços físicos/cuidados nomeadamente com o corpo, enquanto as de rua não têm nada disso.”* (Estudante de Educação Social; 22 anos)

*“...O trabalho é igual, só a forma como conseguem alcançar os clientes é que é diferente”* (Estudante de Engenharia Civil; 22 anos)

*“...A apresentação é a principal diferença. A roupa, o saber estar com uma pessoa. A de rua é só cama.”* (Estudante de Direito; 23 anos)

*“...O preço e qualidade, dado que as de luxo tem que ser mais jeitosas”* (Estudante de Gestão, 22 anos)

*“...As condições de higiene, a personalidade (mulheres decididas e não frágeis), o tipo de clientes”* (Estudante de Sociologia;23 anos)

*“...Sim. Primeiro aquilo a que estão sujeitas, uma de luxo segue determinadas regras, a de rua tem de sujeitar a tudo”* (Estudante de Marketing e Publicidade; 25 anos)

*“...À partida e só de olhar, vêem-se imensas diferenças, não só físicas, mas também em termos de cuidados e limpeza. Entrando no campo da especulação, diria que será mais fácil um cliente apanhar uma doença numa prostituta de rua do que numa privada (nem digo nas de luxo sequer)”*. (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)

No geral, os estudantes consideram que as prostitutas de luxo têm melhores condições, higiene e segurança no trabalho do que as de rua. A sua apresentação é, segundo os estudantes, também mais trabalhada. Têm ainda capacidade de seleção dos clientes e do local onde os recebem, contrariamente às de rua, que são assim menos higiénicas e mais sujeitas às condições que os clientes lhes quiserem impor. A prostituta de luxo é, assim, na ótica dos universitários, superior à prostituta de rua, não só nas suas capacidades comunicacionais mas também em atributos físicos e beleza. Um dos critérios de distinção da prostituição de luxo em relação a outras formas de prostituição é o corpo. E não são só as formas. É também o investimento que fazem no seu corpo. Os cuidados estéticos, a forma como se vestem, os adereços que utilizam, sensualizando-se.

Na prática, uma prostituta de luxo é uma prostituta como qualquer outra. Se definirmos a prostituição como um ato que materializa uma relação sexual tendo por base um pagamento, as prostitutas de luxo inserem-se neste grupo. Mas há outras características que as distinguem de outras prostitutas. Em primeiro lugar, o grau de autonomia com que exercem a atividade. As prostitutas de rua têm quase sempre um chulo, enquanto que estas mulheres tendem a não ter, e são diferentes das de ‘alterne’, porque o bar também faz esse serviço de mediação e controlo. Outro critério são os valores mais elevados do que em qualquer outra das formas de prostituição. E, depois, tem a ver com os serviços prestados por estas mulheres prostitutas, que vendem sempre o seu tempo, a sua presença, dão acompanhamento efetivo, e esses atos podem ser sexuais mas não exclusivamente.

Pode ser o acompanhamento para um jantar, para uma festa, para uma viagem, ou apenas para conversar. Mas também, e quase sempre, incluem os atos sexuais.

O facto da prostituição de luxo ter como finalidade, na generalidade, a manutenção de um determinado padrão de vida, contrariamente à necessidade de sobrevivência existente na prostituição de rua e conseqüente legitimação para exercer esta atividade, conduziria a uma espécie de piedade que justificaria a conduta das prostitutas de luxo na óptica dos entrevistados. No entanto, isto não aconteceu.

Atendendo a que os indivíduos “normais” estigmatizam os “anormais” e sendo os estudantes universitários, no geral, pertencentes a um mundo totalmente distinto da prostituição de luxo, existindo assim choque de valores, achei que a estigmatização social ocorreria. O facto de os universitários não estigmatizarem pode dever-se a terem nascido na sociedade pós-moderna, e como tal terem sido socializados percebendo o quão frágeis são as relações sociais, a importância de se viver o momento, ainda que isso signifique a existência de uma relação sexual rápida e desprovida de afeto, a troca de dinheiro. A razão dos factos sociais serem exteriores e constrangedores ao indivíduo, tal como referido por Durkheim em 1895, pode assim explicar o porquê da não estigmatização dos universitários sobre a prostituição, dado que a sua faixa etária e o seu nível de escolarização estão estritamente relacionados com a forma como encaram as diferentes realidades sociais, dado que o indivíduo lê o mundo a partir da sua vivência, das suas tradições e dos costumes.

#### **11.3.9. Representação social dos clientes que frequentam as prostitutas de luxo**

Relativamente às “representações sociais que os estudantes têm dos clientes das prostitutas de luxo”, pretende-se saber se os estudantes acham que existe um cliente-padrão, isto é, saber se acham que os clientes das prostitutas têm características comuns.

*“...São pessoas de meia idade e quadros superiores, principalmente empresários”*  
(Medicina; 37 anos)

*“...Acho que quer casados, quer solteiros requisitam esses serviços. Faixas etárias a partir dos 40. Procuram prazer e companhia. Empresários.”* (Estudante de Direito; 31 anos)

*“...Acima dos 35 anos, casados, empresários e profissionais liberais, homens com poder económico que procuram um escape ao casamento, ao trabalho, etc”* (Geografia; 40 anos)

*“...São homens depois dos 40, com estado civil variável, casados e boas condições económicas, como os empresários.”* (Estudante de Engenharia Civil; 22 anos)

*“...São empresários na casa dos 50, casados, com rendimentos acima da média.”* (Administração pública; 26)

*“...Eu penso que haverá certamente uma variedade de homens no que diz respeito à idade, ao estado civil e até à profissão, mas penso que se aproximam na questão do que procuram, talvez um escape, um momento de satisfação e de auto-afirmação.”* (Estudante de Sociologia; 23)

*“...São uns homens ressabiados. Acham que a prostituta lhes dá mais prazer do que a mulher que têm em casa. Tem idades a partir dos 50, são empresários, casados, e procuram a prostituta com bastante facilidade”* (Estudante de direito; 23 anos)

*“...Sinceramente não sei, mas de cabeça diria que a maioria serão empresários (muitas vezes casados) com os seus 50 e tais, ou então jovens que juntam dinheiro para perderem a virgindade com alguém mais experiente e com atributos físicos semelhantes a atrizes pornográficas.”* (Estudante de Engenharia Informática; 28)

A figura do cliente das prostitutas de luxo não é muito investigada. As razões podem dever-se a não lhe ser reconhecida grande relevância, a se preverem dificuldades no seu estudo, ou a não ser considerado um tema de grande interesse científico e, como tal, não terem até hoje os clientes das prostitutas sido definidos como uma prioridade de investigação.

As “motivações” da procura do sexo comercial por parte dos clientes deve-se maioritariamente à busca de satisfação sexual, mas tal não significa que por vezes estes homens procurem nas prostitutas também um modo de reconforto afetivo.

Quanto à opinião dos estudantes, a maioria considera que os principais clientes das acompanhantes de luxo são homens empresários, de meia idade e casados. O facto de considerarem que os clientes das prostitutas são empresários pode dever-se a estes terem rendimentos médio-elevados, possuírem condições económicas para recorrer a este tipo de prostituição. Consideram também serem homens de meia idade dado que se pensa que “os mais novos” não necessitam de pagar para usufruir desse tipo de serviços, e os mais velhos já não têm condição física para os procurar. O facto de considerarem como sendo homens casados pode dever-se à necessidade de “fuga” ao seu casamento rotineiro, a um escape à sua relação amorosa monótona, e à necessidade de auto-afirmação.

Até no tipo de clientes das prostitutas de luxo e das prostitutas de rua existem diferenças, dado que enquanto que nas prostitutas de luxo os homens têm as características acima definidas, na prostituição de rua, as características sociodemográficas dos clientes são similares às das prostitutas de rua. Os clientes têm baixa escolaridade, muitos provêm de meios rurais, embora possam ter algum estatuto socioeconómico.

No geral, os clientes das prostitutas são, assim, homens iguais a todos os outros, socializados como homens.

### **11.3.10. Formas de divulgação do trabalho**

Ainda na dimensão das representações sociais sobre a prostituição de luxo, quanto aos meios que as prostitutas utilizam para promover o seu trabalho, os estudantes consideram que as prostitutas de luxo têm os seus anúncios publicitados:

*“...Nos jornais e na internet”* (Estudante de Sociologia; 23 anos)

*“...Em circuitos privados próprios, incluindo-se grupos/contas privadas nas redes sociais, e também de boca-em-boca.”* (Mestrado em Psicologia; 24 anos)

*“...Na internet, em sites da especialidade.”* (Estudante de Medicina; 37 anos)

*“...De boca em boca dos empresários.”* (Estudante de Administração Pública; 26 anos)

*“...Na internet, em clubes privados, em anúncios de jornais”* (Estudante de Geografia; 40 anos)

*“...Em muitas salas de bares de alterne”* (Estudante de Economia; 31 anos)

*“...Nos jornais, nas redes sociais”* (Estudante de Engenharia Civil; 22 anos)

*“...Não acho que estejam em lado nenhum sem ser nos clubes próprios onde elas trabalham.”* (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)

Assim, os meios através dos quais as prostitutas de luxo anunciam os seus serviços são, segundo os estudantes, a internet - seja através de anúncios em sites de prostituição de luxo, seja em grupos restritos nas redes sociais. Através de socialização, neste caso, da socialização entre os empresários (considerados os principais clientes das prostitutas de luxo pelos estudantes). Quanto a sítios físicos, os clubes privados, bares de alterne, casas de prostituição são também uma das principais formas de encontro de prostitutas de luxo. Os jornais, apesar de serem especialmente destinados a anúncios de prostituição de apartamento, são considerados como uma das principais formas de promoção de prostituição de luxo pelos universitários.

Através de uma breve pesquisa sobre sites de acompanhantes luxo, conclui-se que os mesmos estão divididos por cidades do país, e dentro de cada cidade aparecem as prostitutas de luxo disponíveis. Na “página” individual de cada prostituta dentro do próprio site, aparecem as características da mesma, a cor dos olhos, do cabelo, a altura, o peso, as medidas do busto e da anca. São também visíveis as línguas que a prostituta fala, o horário da mesma e o tipo de serviços de disponibiliza (sexo oral, vaginal e anal), bem como a quem são destinados os seus serviços (homens; mulheres; casais). Maioritariamente nestes anúncios as mulheres encontram-se em roupa interior, sendo algumas fotos também despidas, e as mulheres apresentam-se quase sempre de calçado de saltos altos. A acompanhar as fotos é frequente um vídeo de apresentação, também com pouca ou nenhuma roupa. Tanto nas fotos como nos vídeos apresentados o rosto das prostitutas nunca ou raramente é apresentado.

#### **11.3.11. Existência de Prostitutas de luxo no mundo universitário**

Por último, na dimensão de análise “Representações sociais das prostitutas de luxos” foram também questionados sobre se consideram existir estudantes universitárias que são, simultaneamente, prostitutas de luxo.

“...*Elas prostituem-se para pagarem as despesas universitárias que têm*” (Estudante de Administração Pública; 26 anos)

“...*Dão o corpo para pagar os estudos*” (Estudante de Engenharia Informática; 30 anos)

“...*Elas prostituem-se porque é um dinheiro que não lhes custa a ganhar e assim pagam facilmente o curso que querem*” (Estudante de Gestão; 22 anos)

“...*Andam na prostituição para pagar os estudos, a casa, os vícios, as festas académicas*” (Estudante de Direito; 23 anos)

Os estudantes consideram que existem estudantes universitárias que são prostitutas. No entanto, consideram maioritariamente que estas o são para poderem pagar as despesas inerentes aos seus estudos.

O facto de terem escolhido a prostituição como forma de obtenção de rendimentos para fazer face às despesas universitárias e não outro tipo de prostituição pode dever-se ao facto de na mesma conseguirem controlar os horários de trabalho, algo que com outra ocupação profissional não seria tão fácil, bem como conseguirem obter rapidamente um salário que demoraria mais tempo ou seria até mesmo inatingível caso não fossem prostitutas.

Este facto pode dever-se à prostituta de luxo universitária viver de um modo *outsider* (fora do esperado, do padrão), não querer que a reconheçam como o diferente, como aquela que se desvia das regras socialmente impostas. A prostituta não quer correr o risco da sua personagem ser descoberta para não ter que (re)configurar sua vida e para não ter que assumir publicamente uma personagem que ainda sofre com o preconceito e com o estigma. Assim, vive de um modo que se pode chamar de convencional, visto que publicamente quer manter sua personagem acompanhante de luxo na invisibilidade e ser reconhecida apenas como aquela que é universitária.

#### **11.4. Ligações entre subdimensões de análises**

Pretende-se também verificar se existem ligações entre alguns objetivos. Por exemplo, saber se os estudantes universitários estigmatizam ou não a prostituição e entender se essa opinião está relacionada com a motivação que pensam ser de entrada no mundo da prostituição. Outra dimensão que se pretende relacionar será o facto de considerarem a vida de uma acompanhante de luxo fácil ou difícil consoante se estigmatizam ou não a prostituição; bem como relacionar se o facto de considerarem a existência, ou não, de prostitutas no mundo universitário estar relacionado com aquilo que consideram ser a motivação da entrada no mundo da prostituição de luxo. Por último, pretende-se analisar a existência de uma relação entre o padrão estabelecido pelos estudantes para o que consideram ser uma prostituta de luxo e a estigmatização.

O facto dos estudantes não estigmatizarem a prostituição, devido a considerarem a mesma como uma livre escolha da mulher, sendo uma forma desta obter elevados rendimentos e de uma forma rápida, o que noutra profissão não conseguiria tão facilmente, pode dever-se também a considerarem como principal fator de entrada no mundo da prostituição o dinheiro. Assim, existe uma ligação entre o facto dos estudantes universitários não estigmatizarem a prostituição e a motivação que consideram ser de entrada na prostituição por parte das prostitutas, dado que como compreendem que a sua profissão é uma forma que de as mesmas conseguem obter rendimentos mais facilmente, não as estigmatizam.

Para os entrevistados, considerando apenas o lado racional do trabalho de uma prostituta, o mesmo é fácil dado o controlo que conseguem obter da profissão, os valores que auferem bem como não terem que pagar imposto sobre os mesmos. Esta subdimensão de análise consegue-se relacionar com o facto de não estigmatizarem a prostituição, dado que como os estudantes não estigmatizam a prostituição, conseguem encará-la como uma profissão “normal” que não comporte grandes sacrifícios. Se a estigmatizassem, provavelmente consideravam-na como uma profissão difícil.

Verifica-se não existir uma relação entre a existência de mulheres no mundo universitário e as motivações da prostituição, dado que os entrevistados consideravam que, por um lado, as prostitutas de luxo o eram para conseguir obter rendimentos por forma a satisfazerem um nível elevado de vida, mas por outro que as prostitutas que eram universitárias não o faziam por forma a obter um elevado nível de vida, mas sim para conseguirem pagar as despesas inerentes com os seus estudos.

Por último, quanto à possível relação entre os estudantes considerarem quais os traços físicos e psicológicos de uma prostituta, isto é, se achavam que existia um padrão daquilo que era uma prostituta de luxo, verificou-se que, no geral, os estudantes tinham o mesmo padrão concebido na sua mente. No entanto, atendendo a que o padrão pelos entrevistados expressado não era pejorativo, sendo inclusivamente de enaltecimento de uma prostituta de luxo, verifica-se não existir uma relação entre o padrão estabelecido pelos estudantes para o que consideram ser uma prostituta de luxo e a estigmatização.



## 12. Conclusão

A prostituição de luxo sofreu algumas alterações ao longo do tempo na forma como era encarada pela sociedade. Se houve tempos em que era considerada como algo benéfico e até mesmo sagrado, houve outros também em que era estigmatizada e vista como fonte de pecado e de perdição (perspetiva religiosa), causadora da propagação de doenças (perspetiva científica e higienista).

Atualmente, dividem-se as opiniões sobre o tema. Se por um lado há os que consideram a prostituição como uma ofensa à dignidade humana, há outros que a consideram como uma escolha e como tal que deva ser respeitada e até mesmo legalizada.

Com este trabalho de investigação conseguiu-se conhecer quais os sentidos e representações atribuídos à prostituição de luxo pelos estudantes universitários.

Os estudantes não conheciam qual o modelo legal em vigor da prostituição em Portugal, mas consideravam que a prostituição deveria ser legalizada, por forma a que as prostitutas pudessem contribuir para o Produto Interno Bruto e ter direito a cuidados de saúde, até mesmo por forma a controlar o risco de adquirir doença sexualmente transmissíveis.

Para os estudantes da Universidade do Minho entrevistados, uma prostituta de luxo é uma mulher cuidada, com boa aparência, e traços de personalidade fortes.

Os estudantes entrevistados não demonstraram estigmatizar a prostituição, considerando-a, na generalidade, uma profissão até com alguns benefícios que outras não apresentam nem permitem. No entanto, os estudantes não partilham a mesma opinião quanto à prostituição de rua, demonstrando que apesar das mesmas pertencerem à prostituição, apresentam diferenças. As diferenças físicas são um maior cuidado com a imagem por parte das prostitutas de luxo do que as prostitutas de rua, e as diferenças psicológicas são que a uma prostituta de rua associam características como dependência emocional, problemas familiares e toxicodependência, enquanto que às prostitutas de luxo atribuem traços como objetividade e inteligência.

Quanto às principais facilidades da vida de acompanhante de luxo, os universitários consideram que são o facto das mesmas poderem ter controlo sobre a sua profissão, nomeadamente através dos clientes que aceitam, o local onde realizam os serviços sexuais, o horário e a forma de pagamento. O facto de conseguirem obter rapidamente elevados ganhos é considerado pelos universitários a principal facilidade profissional.

Os universitários acham que é possível a prostituta sair da prostituição e vingar noutra área profissional, desde que no seu novo emprego seja desconhecida a sua anterior

identidade profissional. Este facto está relacionado com a estigmatização que os mesmos acreditam que a prostituta sofreria se os colegas de trabalho soubessem qual havia sido a sua anterior ocupação profissional.

Quanto aquilo que pensam serem motivações da entrada no mundo da prostituição, na maioria, os estudantes consideravam ser o dinheiro a principal motivação para uma mulher se prostituir. Quanto à finalidade que consideram ser dada ao dinheiro, acreditam que o mesmo serve para suportar os elevados custos de vida de uma prostituta de luxo, e não para suprimir as suas necessidades básicas (comer, vestir.).

Os entrevistados consideram que a maioria dos clientes das prostitutas de luxo são homens casados, de média idade e com possibilidades económicas.

Quanto às formas de divulgação do trabalho, a maioria dos entrevistados considera que a internet é o principal meio de acesso às prostitutas de luxo.

Os entrevistados consideram que existem estudantes universitárias que são também prostitutas, mas consideram que as mesmas o são com o objetivo de conseguirem obter rendimentos para suportar as despesas inerentes à vida académica, e não para manterem um elevado nível de vida, como acontece com a prostituição de luxo “normal”, ou por forma a conseguirem obter rendimentos para alimentação, como acontece na prostituição de rua.

A principais dificuldades detetadas durante a realização deste trabalho monográfico prenderam-se com o facto de ter tido alguma dificuldade em aceder a um número maior de bibliografia sobre a prostituição de luxo. Apesar de se conseguir aceder facilmente a bibliografia sobre prostituição no geral e prostituição de rua no particular, trabalhos/artigos e notícias que versem sobre prostituição de luxo são menos comuns, e como tal menos fáceis de aceder.

Gostaria de ter explorado, se o tempo permitisse, mais relações entre dimensões de análise, como sejam se o facto de os estudantes estigmatizarem ou não a prostituição variava consoante o sexo, a idade e o curso que frequentavam.

Pessoalmente, considero esta experiência muito enriquecedora, contribuindo com o meu humilde estudo para o combate à estigmatização social da prostituição, dado que se concluiu que as prostitutas de luxo o são maioritariamente por escolha própria, e não porque não tem outras formas de obter rendimentos, ou porque a sua vida se prende a um passado pautado por problemas familiares e /ou toxicoddependência.

Esta monografia abre também caminho a estudos futuros. Futuramente, gostaria de alargar a amostra de estudo, estudando quais os sentidos e representações atribuídos à

prostituição de luxo pela sociedade no geral, e não apenas pelos estudantes universitários. Outro estudo que gostaria de realizar seria com as prostitutas de luxo como amostra de investigação.

O fenómeno da prostituição é ainda bastante estigmatizado na sociedade, e só deixará de o ser se os atores sociais pretenderem conhecer melhor a realidade das pessoas que se prostituem, para que depois então se consigam despir de preconceitos morais e consigam aceitá-la. A prostituição existe, vai continuar a existir e só acabará quando acabar a existência humana. Como tal, penso que se deveria legalizar a prostituição, para que a atividade possa ser exercida de acordo com regras impostas. Esta regulamentação, tal como se verificou ao longo do projeto, só iria trazer benefícios para o trabalhador do sexo, o cliente, e a sociedade em geral.



### 13. Bibliografia

Araújo et al (2008). “Um estudo de caso”. Disponível em <http://nelsonreyes.com.br/Estudo%20de%20Caso%20-%20Doutora%20Clara%20Pereira%20Coutinho.pdf> Acedido em 3 de fevereiro de 2018

Barreto, Diva (2014). “Luta por invisibilidade ou reconhecimento? Um estudo sobre a história de vida de acompanhantes de luxo”. Disponível em <http://br.123dok.com/document/z1dnplvz-luta-por-ou-um-estudo-sobre-a-historia-de-vida-de-acompanhantes-de-luxo.html> Acedido em 23 de dezembro de 2018

Bauman, Zygmunt (2004). *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Brivio Gustavo (2010). “Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado: um estudo estatístico”. Disponível em <http://docplayer.com.br/48423067-Representacoes-sobre-a-prostituicao-feminina-na-obra-de-jorge-amado-um-estudo-estatistico.html> Acedido em 12 de janeiro de 2018

Carmo, Cláudio et al (2011). “Da boca do lixo à boca do luxo: o cosmopolitismo das prostitutas da Daspu”. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaiotesi/files/2011/05/16-Da-boca-do-lixo.pdf> Acedido em 1 de janeiro de 2018

Cardoso, Márkia (2014). “O estigma na sociologia de Erving Goffman”. Disponível em <http://riosdedireitos.blogspot.com/2014/06/o-estigma-na-sociologia-de-erving.html> Acedido em 18 de fevereiro de 2018

Castello, José (2012). “*A espiral de Maffesoli*”. Disponível em <http://www.valor.com.br/cultura/2847574/espiral-de-maffesoli> Acedido em 3 de outubro de 2017

Coelho, Bernardo (2009). “Olhar nos quadros que nos enquadram a visão: perspectivas teóricas sobre a prostituição e as prostitutas”. Disponível em [http://cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/CIES-WP66\\_Coelho.pdf](http://cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/CIES-WP66_Coelho.pdf) Acedido em 4 de março de 2018

Corcetti, Elisabete et al (2014). “Empreendedorismo Feminino: Estudo das mulheres empreendedoras da Cidade de Guapari-es”. Disponível em <http://www.egepe.org.br/anais/tema07/64.pdf> Acedido em 14 de dezembro de 2017.

Cunha, Maria (2012). “Vivências do Corpo na Prostituição Feminina”. Disponível em [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/21787/1/disserta%C3%A7%C3%A3o\\_mar\\_iajoao.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/21787/1/disserta%C3%A7%C3%A3o_mar_iajoao.pdf) Acedido em 2 de maio de 2018

Foucault, Michel (1998). *A história da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal

Giddens, Anthony, (2009). *Sociologia*. Lisboa. Fundação Calouste Goulbenkian.

Goffman, Erving (1988). *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* Rio de Janeiro: Guanabara

Gonçalves et al (2016). “Prostituição: Que modelo Jurídico-Político para Portugal?”. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/dados/v59n2/0011-5258-dados-59-2-0449.pdf> Acedido em 30 de março de 2018

Gonçalves, Albertino (2004). “Métodos e Técnicas de investigação Social I”. Disponível em <https://tendimag.files.wordpress.com/2012/09/mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-investigac3a7c3a3o-social-i.pdf> Acedido em 2 de março de 2018

Grosso, Vânia (2009). “Na condição de prostituta, quais as redes de suporte social?”. Disponível em <http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/266/2/Microsoft%20Word%20-%20Tese%201.pdf> Acedido em 12 de abril de 2018

Guerra, Isabel (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo-Sentidos e Formas de Uso*. Lisboa: Principia.

Guimarães, Roberto (2008). “Prostituição de luxo: a vivência das profissionais do sexo”. Disponível em [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST26/Guimaraes-Bruns\\_26.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST26/Guimaraes-Bruns_26.pdf) Acedido em 22 de janeiro de 2018

Jodelet, Denise (2005). *Loucuras e Representações Sociais*. Lisboa, Vozes.

Leão, A. L. M. S.; Mello, S. C. B.; Vieira, R. S. G. (2009). “O papel da teoria no método de pesquisa em Administração”. *Revista Organizações em Contexto, São Paulo*, v. 5, n. 10, pp. 1-16,

Lima, Marcus (2013). “ De dentro de fora e fora de dentro: representações sociais da prostituição feminina” Disponível em <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/2820> Acedido em 18 de março de 2018

Lira, Bárbara (2014). “A difícil vida fácil”. Disponível em [http://ppgh.ufam.edu.br/attachments/article/196/Barbara\\_Rebeka\\_Dissert\\_2014.pdf](http://ppgh.ufam.edu.br/attachments/article/196/Barbara_Rebeka_Dissert_2014.pdf) Acedido em 13 de janeiro de 2018

Lipovetsky, Gilles (2005). *O Luxo Eterno*. Lisboa. Edições 70.

Machado, Lia (1998). “Masculinidade, Sexualidade e Estupro: as questões da virilidade”. Disponível em [www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51209](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51209). Acedido em 23 de abril de 2018

Machado, Maria (2008). “Resenha: O luxo eterno”. Disponível em [https://books.google.pt/books/about/O\\_luxo\\_eterno.html?hl=pt-BR&id=15bL8vVLjSgC&redir\\_esc=y](https://books.google.pt/books/about/O_luxo_eterno.html?hl=pt-BR&id=15bL8vVLjSgC&redir_esc=y). Acedido em 18 de janeiro de 2018

Maffesoli, Michel (1997). *Le mystère de la conjonction*. Paris: Fata Morgana.

Marcus (2009). “Prostitutas x sociedade: estudo aponta como o “sexo por dinheiro” é visto”. Disponível em <http://www.infonet.com.br/noticias/educacao/ler.asp?id=86836>. Acedido em 14 de fevereiro de 2018

Martins, Vanessa (2006). “ Metodologia do estudo”. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6326/6/F-%20Cap%C3%ADtulo%203.pdf> . Acedido em 8 de janeiro de 2018

Martin, Roberto (2003). “A vivência sexual das profissionais do sexo”. Disponível em [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST26/Guimaraes-Bruns\\_26.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST26/Guimaraes-Bruns_26.pdf) Acedido em 3 de janeiro de 2018

Mello et al (2011). “Validade e Confiabilidade na Pesquisa Qualitativa em Administração”. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5164329.pdf> Acedido em 2 de novembro de 2017

ML de Góis (2013). “De dentro de fora e de fora para dentro: representações sociais da prostituição feminina” . Disponível em [revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/download/2820/2324](http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/download/2820/2324). Acedido em 3 de junho de 2018

Moreira, João (2009). “Breve Evolução História sobre a prostituição: o Caso Português”. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7208/5/TeseFinal%202.pdf> .Acedido em 23 de abril de 2018

Moscovici, Serge (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes.

Nadais, C. e Santos, N. (2012). “O lazer, o erotismo e a sociedade contemporânea.” *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, n.º 1 (Junho). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, pp 143 a 163.

Oliveira, Alexandra (2011). *Andar na Vida: Prostituição de Rua e Reacção Social*.Coimbra, Almedina.

Pardal Mariana (2014). “Género, Media, Prostituição”. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/27375/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20G%C3%A9nero%20Media%20e%20Prostitui%C3%A7%C3%A3o%20%28Mariana%20Pardal%29.pdf> Acedido em 29 de maio de 2018

Parlamentares Perguntas (2010). “Publicidade da prostituição nos meios de comunicação social europeus” Disponível em <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+WQ+E-2010-1779+0+DOC+XML+V0//PT> Acedido em 29 de janeiro de 2018

Ribeiro, Fernando B. ; Silva, Manuel C. (2010) *Mulheres da vida, Mulheres com vida: Prostituição, Estado e Política*. Braga: Humus,

Ribeiro, Manuela et al (2007). *Vidas na Raia: Prostituição feminina em regiões de fronteira*. Porto: Afrontamento.

Rosostolato, Breno (2007). “A história da prostituição”. Disponível em [http://www.rotadoagito.com.br/colunistas/breno\\_rostolato/colunas/historia\\_da\\_prostitui\\_cao.htm](http://www.rotadoagito.com.br/colunistas/breno_rostolato/colunas/historia_da_prostitui_cao.htm) Acedido em 2 de abril de 2018

Russo, Gláucia (2007). “No labirinto da prostituição: o dinheiro e os seus aspetos simbólicos”. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792007000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792007000300009) Acedido em 29 de maio de 2018

Santos et al (2015). “ Teoria das Representações Sociais: uma abordagem sociopsicológica” Disponível em <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/download/1416/santosv8n1.pdf> Acedido em 4 de fevereiro de 2018

Silva, Késia et al (2017). “Prostituição de Luxo: compreendendo as concepções discursivas sobre o trabalho de prostitutas de luxo na minissérie “*O Negócio*”. Disponível em <http://login.semead.com.br/20semead/arquivos/2027.pdf> .Acedido em 21 de fevereiro de 2018

Silva, Rogério A. de (2011). “A prostituição ontem e hoje: algumas reflexões em Georg Simmel”. *Trilhos*. Revista do sudeste Goiano/Faculdade do Sudeste Goiano (FASUG). Pires do Rio – GO (Brasil). V. 8, n. 8, pp. 6-16. Disponível em <http://www.fasug.edu.br/files/docs/2015/217.pdf> Acedido em 2 de junho de 2018.

Simmel, Georg (2003). *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes.

Silva, Susana (2007). “Classificar e silenciar: vigilância e controlo institucionais sobre a prostituição feminina em Portugal”. Disponível em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732007000300005](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732007000300005) Acedido em 14 de março de 2018

Tomio, Ana (2006). “Aspetos subjetivos da hipertensão: um estudo de caso” Disponível em <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2937/2/20212227.pdf>. Acedido em 28 de fevereiro de 2018

TVI24online (2008). “Prostitutas de luxo”. Disponível em <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/sexo/a-comunidade-ultra-secreta-das-prostitutas-de-luxo> Acedido em 17 de março de 2018

TVI24online (2008). “A comunidade ultra-secreta das prostitutas de luxo”. Disponível em <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/sexo/a-comunidade-ultra-secreta-das-prostitutas-de-luxo> Acedido em 17 de março de 2018

TVI24online (2008). “Prostitutas de luxo”. Disponível em <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/sexo/a-comunidade-ultra-secreta-das-prostitutas-de-luxo> Acedido em 17 de março de 2017

Viana, António (1987). “George Bataille: O erotismo”. Disponível em <https://salsichaotainha.files.wordpress.com/2011/05/georges-bataille-o-erotismo.pdf> Acedido em 20 de março de 2018

Wikipedia (2018). “Representações Sociais” Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Representa%C3%A7%C3%B5es\\_sociais](https://pt.wikipedia.org/wiki/Representa%C3%A7%C3%B5es_sociais) Acedido em 10 de maio de 2018

Wikipédia (2018). “Prostituição em Portugal” Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Prostitui%C3%A7%C3%A3o\\_em\\_Portugal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Prostitui%C3%A7%C3%A3o_em_Portugal) Acedido em 10 de maio 2018

Zeit (1982). “Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro.” Disponível em <http://relogiodagua.umadesign.com/wp-content/uploads/2016/03/9789727087853.pdf?iframe=true&width=100%&height=100%> Acedido em 4 de abril de 2018

### **Jornais**

Garrido, Nelson (2017-03-27). “Até na Prostituição se ganha mais com um curso superior” *O Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2017/03/26/sociedade/noticia/na-prostituicao-ganhase-mais-quando-se-tem-um-curso-superior-1766616> Acedido em 10 de março de 2018

Madail Elmano, (2009-08-30). “A Prostituição é uma escolha”. *Jornal de notícias*. Disponível em <https://www.jn.pt/domingo/interior/a-prostituicao-e-uma-escolha-1347916.html> Acedido em 2 de fevereiro de 2018

Maia, Sílvia (2008-11-13). “O mundo secreto das prostitutas de luxo”. *Jornal de Notícias*. Disponível em <https://www.jn.pt/sociedade/interior/mundo-secreto-das-prostitutas-de-luxo-1043539.html> Acedido em 28 de janeiro de 2018

Neves ,Céu (2016-12-17). “Saiu da rua para os apartamentos mas o problemas são iguais” *Diário de Notícias*. Disponível em <https://www.dn.pt/sociedade/interior/prostituicao-saiu-da-rua-para-os-apartamentos-mas-problemas-sao-iguais-5557192.html> Acedido em 15 de janeiro de 2018

Oliveira, Alexandra (2017-03-11). “Uma oportunidade para um modelo português da prostituição” *O Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2017/03/11/sociedade/noticia/uma-oportunidade-para-um-modelo-portugues-da-prostituicao-1764796> Acedido em 10 de março de 2018

Pereira, Ana (2016-06-25). “ A prostituição diz muito sobre a sociedade”. *O Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2016/06/25/sociedade/noticia/a-prostituicao-diz-muito-sobre-a-sociedade-1736071> Acedido em 20 de maio de 2018

Pereira Cristina (2017-03-11). “ Se não é possível impedir, há que garantir condições” *O Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2017/03/11/sociedade/noticia/se-nao-e-possivel-impedir-ha-que-garantir-condicoes-1764843> Acedido em 20 de maio de 2018

Pimenta Paulo (2017-03-27). “Até na prostituição se ganha mais com um curso superior” *O Público*. Disponível em [http://lifestyle.publico.pt/noticias/371685\\_ate-na-prostituicao-se-ganha-mais-com-um-curso-superior](http://lifestyle.publico.pt/noticias/371685_ate-na-prostituicao-se-ganha-mais-com-um-curso-superior) Acedido em 3 de junho de 2018

Ventinhas, António (2016-08-23). *Sábado* “A prostituição e os anúncios” Disponível em <http://www.sabado.pt/opiniao/convidados/antonio-ventinhas/detalhe/a-prostituicao-e-os-anuncios> Acedido em 5 de maio de 2018

## 14. ANEXOS

### 14.1. Sinopse das entrevistas

Dimensões de análise	Análise	Excerto da Entrevista
Modelo legal em vigor da prostituição em Portugal	<b>Saber se os estudantes universitários conhecem qual o modelo legal da prostituição em Portugal</b> Os estudantes desconheciam qual o modelo legal em vigor da prostituição em Portugal. No entanto, quando	“Não. A prostituição deveria ser legalizada” (Estudante de Sociologia; 23 anos)  “Não, porque através deste modelo, as pessoas que recorrem à prostituição
Representação social da prostituição de luxo	<b>Saber se existem traços de personalidade das prostitutas</b> Os estudantes consideram as prostitutas de luxo mulheres auto-confiantes,	“Robustas, expostas e com grandes atributos” (Estudante de Sociologia; 23 anos)  “Físicos: Estatura média, corpo cuidado, cara embelezada (maquilhagem, acessórios, etc.) Personalidade: Autoconfiança, boas capacidades de comunicação, boas capacidades de sedução” (Estudante de Psicologia; 24 anos)

	<p>com boas capacidades de comunicação e sedução, determinadas, manipuladoras, inteligentes, perspicazes, extrovertidas, objetivas.</p> <p><b>Saber se existe um padrão físico nas mulheres prostitutas</b></p> <p>Já em termos de traços físicos, consideram que as mesmas usem bastante maquiagem, tenham silicone e cirurgias estéticas na cara e no resto do corpo, um corpo trabalhado, e sejam, inclusivamente bonitas.</p>	<p>“Bonitas, elegantes” (Estudante de Engenharia Informática; 30 anos)</p> <p>“Roupas caras, bem maquilhadas e bem definidas de corpo. Astutas, desenrascadas, sedutoras.” (Estudante de Direito; 31 anos)</p> <p>“Mulheres jovens, bonitas e de corpos esculturais.” (Estudante de Educação Social; 22 anos)</p> <p>“Boa forma física, bem arrançadas e sensuais. Manipuladoras, inteligentes e perspicazes” (Estudante de Medicina; 37 anos)</p> <p>“Bonitas, atraentes, cuidadas. São extrovertidas, safadas, e sem tabus” (Estudante de Administração Pública; 26 anos)</p> <p>“Tesudas, jeitosas, com corpos elegantes e com um poder de encaixe e de</p>
--	---	--

		<p>abstração muito grande” (Estudante de Geografia; 40 anos)</p> <p>“As prostitutas usam muita maquilhagem, saltos altos, e uma forma sensual de atrair os clientes” (Estudante de Economia; 31 anos)</p> <p>“São pessoas que tem autoconfiança, frieza; e beleza” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“Elas usam maquiagem, silicone roupas decotadas. São extrovertidas e objetivas” (Estudante de Engenharia Civil; 22 anos)</p> <p>“São mulheres com beleza e maturidade. São simpáticas, usam Silicone, botox e tem um corpo fit” (Estudante de Direito; 23 anos)</p> <p>“São extrovertidas, ambiciosas, simpáticas e jeitosas” (Estudante de Gestão; 22 anos)</p>
--	--	---

		<p>“Tem beleza, um corpo, atrativo, são assertivas; objetivas; sem escrúpulos” (Estudante de Engenharia Civil; 22 anos)</p> <p>“As prostitutas têm silicone, são extravagantes, usam acessórios, são determinadas, objetivas e espertas” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“São bonitas, elegantes, bem vestidas, aventureiras e extrovertidas” (Estudante de Marketing e Publicidade; 25 anos)</p> <p>“Geralmente imagino que terão corpos "trabalhados" não só em ginásio como cirurgicamente. Imagino também que serão pessoas que, pelo menos no local de trabalho, sejam ou encorporem uma personagem extremamente provocante e extrovertida” (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)</p>
--	--	---

	<p><b>Motivações de entrada no mundo da prostituição</b></p> <p>Os estudantes consideram que a principal motivação de entrada no mundo da prostituição é económica</p>	<p>“Económicas” (Estudante de Direito; 31 anos)</p> <p>“O dinheiro fácil” (Estudante de 22 anos; Educação Social)</p> <p>“Principalmente dinheiro, mas não por necessidade” (Estudante de Administração Pública; 26 anos)</p> <p>“Dinheiro” (Estudante de Engenharia Informática; 30 anos)</p> <p>“Roupas, estética, e juntar dinheiro” (Estudante de Geografia; 40 anos)</p> <p>“A necessidade de dinheiro, obviamente, que poderão haver exceções” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“A procura de um bom nível de vida, entrada na vida famosa, ou ate mesmo só ter dinheiro p as coisas delas” (Estudante de Direito; 23 anos)</p>
--	--	--

	<p><b>Finalidades que as prostitutas dão ao dinheiro</b></p> <p>Na generalidade, os estudantes consideram que as prostitutas de luxo o são não por dificuldades económicas, mas sim por manutenção de um nível de vida elevado. Assim, consideram que a principal finalidade que dão ao dinheiro que recebem são roupas, viagens e estética.</p>	<p>“O Dinheiro fácil, o não pagar irs, e porque gosta” (Estudante de Gestão; 22 anos)</p> <p>“Dinheiro, essencialmente. A necessidade de elevar o seu ego” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“É o caminho mais fácil. A forma mais rápida de obter dinheiro” (Estudante de Educação Social; 22 anos)</p> <p>Dinheiro em troca de algo que dá prazer. A partir do momento em que se desvaloriza o lado emocional e moral do acto, pode considerar-se um trabalho de "dinheiro fácil". (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)</p> <p>“Vícios e uma pequena parte estudos” (Estudante de Direito; 31 anos)</p>
--	--	---

		<p>“Luxos” (Estudante de Medicina; 37 anos)</p> <p>“Investem em si próprias. Viajam, compram roupa e acessórios. não é para sustentar a família, porque não querem ter filhos.” (Estudante de Administração Pública; 26 anos)</p> <p>“Roupas, estética, e juntar dinheiro” (Estudante de Geografia; 40 anos)</p> <p>“Eles trocam dinheiro para satisfazer outras necessidades, onde podem fornecer outras comodidades (carro, casa, jóias).” (Estudante de Engenharia Informática; 30 anos)</p> <p>“Em vida de luxo, carros, casas” (Estudante de Gestão; 22 anos)</p> <p>“Pagam despesas mas também investem em si próprias (roupa, viagens, acessórios, carro, luxos)”</p>
--	--	--

		<p>(Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“Umam financiam a própria instrução, e usufruto próprio (extensões cabelo, unhas gel)”. (Estudante de Marketing e Publicidade; 25 anos)</p> <p>“Dependerá de pessoa para pessoa certamente, mas dependendo do nível social e económico da clientela de cada uma, poderá ir desde o simples "pagar as contas ao fim do mês" até viver uma vida completamente de luxo, desafogada e sem preocupações” (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)</p>
--	--	---

Representação social das prostitutas de luxo	<p><b>Saber se os estudantes estigmatizam a prostituição</b></p> <p>Os estudantes acham que a prostituição de luxo não é uma profissão como outra qualquer. Maioritariamente,</p>	<p>“Uma prostituta de luxo, na minha opinião, é uma prostituta que não é única e exclusivamente contratada para a realização de atos sexuais, mas também para servir de acompanhante, tanto em eventos sociais</p>
--	---	--

	<p>consideram que a prostituta de luxo é uma mulher que realiza serviços sexuais a troco de dinheiro.</p> <p><b>Conhecer qual a percepção que os estudantes têm da facilidade ou dificuldade da vida de prostituta de luxo</b></p> <p>Quanto à dificuldade ou facilidade da vida das mesmas, os estudantes consideram, na generalidade, ser uma talvez difícil inicialmente, mas que com o passar do tempo as prostitutas acabam por profissão fácil, dado os elevados rendimentos que conseguem obter num curto espaço de tempo.</p>	<p>como também para pura e simplesmente fazer companhia ao cliente, se for para isto que este/esta a contratou. Nem é uma profissão fácil nem difícil. Acho que varia de pessoa para pessoa, e da forma como elas próprias lidam com os encargos da vida, inclusive ter que se mostrar, arranjar, seduzir o cliente, ou mesmo "publicitar" os seus serviços a outrem.” (Estudante de Psicologia; 24 anos)</p> <p>“É uma pessoa que vende o corpo a troco de dinheiro. Quando são de luxo é porque costumam levar mais caro que as "normais".Se não tiverem consciência moral é uma profissão fácil. Caso contrário deve ser muito difícil.” (Estudante de Engenharia Informática; 30 anos)</p> <p>“Uma prostituta de luxo é alguém que presta serviços</p>
--	---	--

		<p>de carácter sexual a troco de dinheiro. Não é uma profissão fácil nem difícil, são opções.” (Estudante de direito; 31 anos)</p> <p>“Uma prostituta de luxo é uma pessoa. Penso que será mais fácil do que as prostitutas de rua, contudo terão certamente as suas dificuldades.” (Estudante de sociologia; 23 anos)</p> <p>“Para mim uma prostituta de luxo para além dos valores que ganha serem superiores às outras, é uma mulher que se cuida, com melhor formação, faz acompanhamento a empresários porque se inserem facilmente e porque têm uma capacidade de dar prazer sexual mais do que o normal. Acredito que começar seja difícil, mas que depois se torne fácil devido ao facto de se habituar e do que os elevados ganhos lhe</p>
--	--	---

		<p>proporciona.” (Estudante de Medicina; 37 anos)</p> <p>“A prostituta de luxo é uma prostituta discreta. Acho que é uma profissão como outra qualquer. Fácil, porque obtém dinheiro rapidamente e tem o poder de controlar o tipo de clientes que recebe e o local onde os acolhe.” (Estudante de Administração Pública; 26 anos)</p> <p>“Não. Uma profissão diferente, mas que aceito. Cada qual faz o que quer com o seu corpo. Difícil, dado que vender o próprio corpo não deve ser algo que se encare de ânimo leve.” (Estudante de Geografia; 40 anos)</p> <p>“Uma prostituta de luxo considera-se que tem um tipo superior de beleza ou forma de corpo, onde pode candidatar-se a aceitar apenas clientes ricos e</p>
--	--	---

		<p>ganhar muito dinheiro em comparação com outros tipos de prostitutas encontradas nas ruas ou nos anúncios de jornais. Eu não o considero como uma profissão, pois é ilegal e cai sob o guarda-chuva da "prostituição", pois é baseado na ideia de fazer tais ações. Depende do mercado, pode ser difícil se houver muitos concorrentes, o que leva a pedir preços mais baixos ou devido à demanda limitada. Pode ser fácil se for baseado na conexão de uma pessoa que tenha relações públicas, para manter um fluxo constante de clientes.” (Estudante de Economia; 31 anos)</p> <p>“Penso que sim, se considerarmos a liberdade de escolha de ambas as partes. Eu penso que dependerá muito de mulher para mulher e da forma como esta encara a sua vida e a sua "profissão".</p>
--	--	---

		<p>(Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“Não porque teriam que pagar irs, e elas não são habituadas, são uma profissão privilegiada. É uma profissão fácil, daí elas gostarem.” (Estudante de Engenharia Civil; 22 anos)</p> <p>“Não, não é uma profissão digna, é difícil. Mexe com o psicológico delas, por causa de estarem com muitos homens” (Estudante de Marketing e Publicidade; 25 anos)</p> <p>“É uma mulher que vende o seu corpo a troco de dinheiro. Não é uma profissão como outra qualquer pois tem flexibilidade de horários, hipótese de escolha de clientes e até mesmo escolha do local de trabalho. Penso que inicialmente a adaptação seja difícil. No entanto, acho que a prostituta se vai</p>
--	--	--

	<p><b>Possibilidade de regresso ao mercado de trabalho, numa profissão “normal”</b></p> <p>Os estudantes consideram, maioritariamente, que as prostitutas conseguem inserir-se noutra profissão se</p>	<p>conformando com a realidade que está a viver, tornando-se viciada nos ganhos que obtém” (Estudante de Educação Social; 22 anos)</p> <p>“São elegantes, sofisticadas, formadas ou a tirar um curso superior. Optam por este estilo de vida para financiar o que quer que seja. Acho que para elas é difícil, porque a forma como a sociedade as vê, as marginaliza, faz com que seja difícil.” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“Mais tarde sim. No imediato não. Os valores são incomparáveis.” (Estudante de Geografia; 40 anos)</p> <p>“Absolutamente, com plena consciência e acesso ao mercado de trabalho, eles podem se arrepender e viver normalmente como</p>
--	--	---

<p>Representação social das prostitutas de luxo</p>	<p>assim o entenderem, dado a prostituição de luxo ser um tipo mais camuflado de prostituição e como tal serem desconhecidas em muitos meios e como tal a sua reintegração social ser mais fácil.</p>	<p>os outros.” (Estudante de Economia; 31 anos)</p> <p>“Acredito que começar seja difícil, mas que depois se torne fácil devido ao facto de se habituar e do que os elevados ganhos lhe proporcionam.” (Estudante de Medicina; 37 anos)</p> <p>“Penso que depende de várias variáveis, das quais se destacam se estavam a trabalhar como prostitutas por conta própria ou sobre a alçada de um terceiro e, no caso deste último, se este terceiro aceitou o abandono, e também se na nova profissão estão pessoas cientes ou não da anterior "ocupação" como prostituta.” (Estudante de Psicologia; 24 anos)</p> <p>“Se não souberem que eram prostitutas sim. Caso contrário, não.” (Estudante de Engenharia Informática; 30 anos)</p>
---	---	---

		<p>“Penso que não” (Estudante de Educação Social; 22 anos)</p> <p>“Nunca é fácil a reintegração social na sociedade, mas penso que é possível.” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“Depende, se elas forem conhecidas num lugar não porque vão sempre estigmatizá-la, mas acho que tem direito a uma segunda oportunidade” (Estudante de Direito; 23 anos)</p> <p>“Penso que sim, porque as prostitutas de luxo não estão tão expostas como as de rua, pelo que não correm o risco de ser muito reconhecidas quando pretendem mudar de profissão” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“Não, porque vão ter sempre as amarras do passado. Como não tem currículo, o próprio CV vai</p>
--	--	--

	<p><b>Diferenças entre a prostituta de luxo e a prostituta de rua</b></p> <p>Quanto às diferenças entre uma prostituta de luxo e uma prostituta de rua, os estudantes consideram que as diferenças se centram essencialmente na questão da higiene, no preço, no tipo de clientes e no maior controlo que têm</p>	<p>denunciá-las” (Estudante de Direito; 23 anos)</p> <p>“Penso que sim, seria mais complicado se elas fossem conhecidas como figuras públicas de alguma maneira. Como não é o caso, não vejo qualquer problema em terem um outro trabalho qualquer desde que tenham competência para o fazer.” (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)</p> <p>“Sim. As prostitutas de luxo têm mais condições de trabalho” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“Sim, acho que, para começar, o preço pedido pelas prostitutas de luxo será mais elevado do que o pedido por uma prostituta de rua, assim como o cuidado com a imagem e os cuidados de higiene.”</p>
--	---	--

		<p>(Estudante de Psicologia; 24 anos)</p> <p>“Sim. As de luxo podem escolher mais facilmente com quem saem, e nem toda a gente tem acesso aos serviços delas” (Estudante de Engenharia Informática; 30 anos)</p> <p>“Sim, físicas e monetárias.” (Estudante de Direito; 31 anos)</p> <p>“Sim, normalmente as de luxo tem outras exigências e luxos que as de rua não. O valor que cobram deve ser mais elevado, tem que ter uma série de traços físicos/cuidados nomeadamente com o corpo, enquanto as de rua não tem nada disso.” (Estudante de Educação Social; 22 anos)</p> <p>“Sim, limpeza, formação, qualidade no serviço e segurança.” (Estudante de Medicina; 37 anos)</p>
--	--	--

		<p>“A prostituta de luxo é uma prostituta chique e seletiva. A de rua tem carências económicas, não tem condições de higiene.” (Estudante de Administração Pública; 26 anos)</p> <p>“Tirando o facto de venderem ambas o corpo, tudo o resto são diferenças... o tipo de mulher, tipo de clientes, local onde trabalham, etc...” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“As prostitutas de luxo não aceitam simplesmente qualquer cliente, ela tem que marcar "Sim" em todos os pontos necessários para que ela possa alcançar seu alvo. Por outro lado, a de rua tem como objetivo coletar tanto dinheiro de qualquer cliente que passa ... elas podem enfrentar mais riscos em termos de saúde” (Estudante de Economia; 31 anos)</p>
--	--	---

		<p>“Sim, normalmente as de luxo tem outras exigências e luxos que as de rua não. O valor que cobram deve ser mais elevado, tem que ter uma série de traços físicos/cuidados nomeadamente com o corpo, enquanto as de rua não têm nada disso.” (Estudante de Educação Social; 22 anos)</p> <p>“O trabalho é igual, só a forma como conseguem alcançar os clientes é que é diferente” (Estudante de Engenharia Civil; 22 anos)</p> <p>“A apresentação é a principal diferença. A roupa, o saber estar com uma pessoa. A de rua é só cama.” (Estudante de Direito; 23 anos)</p> <p>“O preço e qualidade, dado que as de luxo tem que ser mais jeitosas” (Estudante de Gestão; 22 anos)</p>
--	--	---

		<p>“As condições de higiene, a personalidade (mulheres decididas e não frágeis), o tipo de clientes” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“Sim. Primeiro aquilo a que estão sujeitas, uma de luxo segue determinadas regras, a de rua tem de sujeitar a tudo” (Estudante de Marketing e Publicidade; 25 anos)</p> <p>“À partida e só de olhar, vêm-se imensas diferenças, não só físicas, mas também em termos de cuidados e limpeza. Entrando no campo da especulação, diria que será mais fácil um cliente apanhar uma doença numa prostituta de rua do que numa privada (nem digo nas de luxo sequer).” (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)</p>
--	--	--

<p>(Representação social dos clientes das prostitutas de luxo)</p>	<p>A maioria dos estudantes consideravam que os principais clientes das acompanhantes de luxo são homens empresários e casados, de meia idade.</p>	<p>“Têm diversas idades, são casados e ocupam profissões de topo” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“Todo o tipo de homens a partir da adultez, que ou possuem dificuldades sociais a nível da comunicação interpessoal e que não conseguem arranjar uma parceira, ou que não têm tempo para tentar encontrar alguém e por isso recorrem a estes serviços para tratar de uma necessidade humana.” (Estudante de Psicologia; 24 anos)</p> <p>“Acho que quer casados, quer solteiros requisitam esses serviços. Estão ali nas faixas etárias a partir dos 40. Procuram prazer e companhia. São quase sempre empresários.” (Estudante de Direito; 31 anos)</p>
--	--	---

		<p>“São pessoas de meia idade e quadros superiores, principalmente empresários” (Estudante de Medicina; 37 anos)</p> <p>“São empresários na casa dos 50, casados, com rendimentos acima da média.” (Estudante de Administração Pública; 26 anos)</p> <p>“Acima dos 35 anos, casados, empresários e profissionais liberais, homens com poder económico que procuram um escape ao casamento, ao trabalho, etc” (Estudante de Geografia; 40 anos)</p> <p>“Homens casados e com elevados rendimentos, dado que os solteiros procuram economizar o dinheiro” (Estudante de Economia; 31 anos)</p> <p>“Eu penso que haverá certamente uma variedade</p>
--	--	---

		<p>de homens no que diz respeito à idade, ao estado civil e até à profissão, mas penso que se aproximam na questão do que procuram, talvez um escape, um momento de satisfação e de autoafirmação” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“São homens depois dos 40, com estado civil variável, casados e boas condições económicas, como os empresários.” (Estudante de Engenharia Civil; 22 anos)</p> <p>“São uns homens ressabiados. Acham que a prostituta lhes dá mais prazer do que a mulher que têm em casa. Tem idades a partir dos 50, são empresários, casados, e procuram a prostituta com bastante facilidade” (Estudante de Direito; 23 anos)</p> <p>“Homens a partir dos 60, casados, com dinheiro e falta de sexo” (Estudante</p>
--	--	---

		<p>de Administração Pública; 26 anos)</p> <p>“São homens a partir dos 35 anos, solteiros e casados, empresários, com filhos” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“A partir dos 40 anos, de todos os estados civis, profissionais liberais e de direção” (Estudante de Geografia; 40 anos)</p> <p>“São homens de todas as idades, todos os estados civis, maioritariamente empresários, procuram alguém que lhes afague o ego e afins” (Estudante de Marketing e Publicidade; 25 anos)</p> <p>“Sinceramente não sei, mas de cabeça diria que a maioria serão empresários (muitas vezes casados) com os seus 50 e tais, ou então jovens que juntam</p>
--	--	--

<p><b>Formas de divulgação do trabalho</b></p>	<p>Quanto aos meios que as prostitutas utilizam para promover o seu trabalho, os estudantes consideram o principal meio é a internet, mas não o único, dado que utilizam também os jornais, os clubes privados, ou até mesmo em “passa a palavra”</p>	<p>dinheiro para perderem a virgindade com alguém mais experiente e com atributos físicos semelhantes a atrizes pornográficas.” (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)</p> <p>“Nos jornais e na internet” (Estudante de Sociologia; 23 anos)</p> <p>“Em circuitos privados próprios, incluindo-se grupos/contas privadas nas redes sociais, e também de boca-em-boca.” (Estudante de Psicologia; 24 anos)</p> <p>“Na internet, em sites da especialidade.” (Estudante de Medicina; 37 anos)</p> <p>“De boca em boca dos empresários.” (Estudante de Administração Pública; 26 anos)</p>
--	---	---

		<p>“Na internet, em clubes privados, em anúncios de jornais” (Estudante de Geografia; 40 anos)</p> <p>“Em muitas salas de bares de alterne (Estudante de Economia; 31 anos)</p> <p>“Nos jornais, nas redes sociais” (Estudante de Engenharia Civil; 22 anos)</p> <p>“Não acho que estejam em lado nenhum sem ser nos clubes próprios onde elas trabalhem.” (Estudante de Engenharia Informática; 28 anos)</p>
<p>Prostituição universitária</p>	<p><b>Saber se os estudantes consideram existir prostitutas de luxo no mundo universitário</b></p> <p>Os estudantes consideram que existem estudantes universitárias que são prostitutas. No entanto, consideram maioritariamente que estas o</p>	<p>“Elas prostituem-se para pagarem as despesas universitárias que têm” (Estudante de Administração Pública; 26 anos)</p> <p>“Dão o corpo para pagar os estudos” (Estudante de Engenharia Informática; 30 anos)</p>

	<p>são para poderem pagar as despesas inerentes aos seus estudos.</p>	<p>“Elas prostituem-se porque é um dinheiro que não lhes custa a ganhar e assim pagam facilmente o curso que querem” (Estudante de Gestão; 22 anos)</p> <p>“Andam na prostituição para pagar os estudos, a casa, os vícios, as festas académicas” (Estudante de Direito; 23 anos)</p> <p>“Para o sustento delas, como sejam a comida, universidade, as contas, etc.” (Estudante de Engenharia Civil; 22 anos)</p>
--	---	---

*Tabela 3 - Sinopse das entrevistas*